

NO LIMIAR DO ABISMO

**Carlos A. Baccelli
Inácio Ferreira**

**Livraria Espírita Edições
“Pedro e Paulo”**

Ano de 2007

ISBN 978-85-60628-00-1

Segunda Edição

No Limiar do Abismo

Em pelo menos duas passagens do “Novo Testamento”, Jesus se refere, de acordo com as anotações de Mateus, em “A Parábola das Bodas” e “A Parábola dos Talentos”, ao que denomina **trevas exteriores**, revelando que, em determinadas regiões do Espaço, os espíritos culpados se aglomeram, por determinação da Divina Justiça, a fim de expiarem os seus erros.

Vejamo-las:

- “Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial, disse-lhe: Meu amigo, como entraste aqui sem a túnica nupcial? O homem guardou silêncio. – Então, disse o rei à sua gente: Atai-lhe as mãos e os pés e lançai-o nas **trevas exteriores**: aí é que haverá prantos e ranger de dentes; - porquanto, muitos há chamados, mas poucos escolhidos(Mateus, cap. XXII, vv. 11 a 14)”.

- “...porquanto, dar-se-á a todos os que já têm e esses ficarão cumulados de bens; quanto àquele que nada tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que parece ter; e seja esse servidor inútil lançado nas **trevas exteriores**, onde haverá prantos e ranger de dentes (Mateus, cap. XXV, vv. 29 e 30)”.

Neste livro que ora lhe entregamos, tentamos descrever a situação da consciência culpada para além da morte do corpo, bizarramente transfigurada no mal que, imputando aos outros, terminou por imputar a si mesma.

A denominação **trevas exteriores** (os grifos são nossos), leva-nos a raciocinar sob a óptica de que, em verdade, toda sombra em derredor significa ausência de luz no âmago do ser.

Esperando que, de algum modo, estas páginas possam contribuir para nossa mais ampla compreensão da Vida, na conquista de maior lucidez no espírito, rogo ao Senhor que a todos nos ilumine e guarde.

Inácio Ferreira

Uberaba, 2 de janeiro de 2007.

ÍNDICE

NO LIMIAR DO ABISMO	1	7
NO LIMIAR DO ABISMO.....	2	12
NO LIMIAR DO ABISMO.....	3	17
NO LIMIAR DO ABISMO	4	21
NO LIMIAR DO ABISMO.....	5	26
NO LIMIAR DO ABISMO	6	31
NO LIMIAR DO ABISMO.....	7	36
NO LIMIAR DO ABISMO.....	8	41
NO LIMIAR DO ABISMO	9	46
NO LIMIAR DO ABISMO.....	10	51
NO LIMIAR DO ABISMO.....	11	56
NO LIMIAR DO ABISMO.....	12	61
NO LIMIAR DO ABISMO.....	13	66
NO LIMIAR DO ABISMO.....	14	71
NO LIMIAR DO ABISMO.....	15	76
NO LIMIAR DO ABISMO.....	16	80
NO LIMIAR DO ABISMO.....	17	84
NO LIMIAR DO ABISMO.....	18	89
NO LIMIAR DO ABISMO	19	94
NO LIMIAR DO ABISMO	20	99
NO LIMIAR DO ABISMO.....	21	104
NO LIMIAR DO ABISMO.....	22	109
NO LIMIAR DO ABISMO	23	114
NO LIMIAR DO ABISMO	24	119
NO LIMIAR DO ABISMO.....	25	123
NO LIMIAR DO ABISMO.....	26	128
NO LIMIAR DO ABISMO.....	27	133
NO LIMIAR DO ABISMO	28	138
NO LIMIAR DO ABISMO.....	29	143
NO LIMIAR DO ABISMO.....	30	148
NO LIMIAR DO ABISMO	31	153
NO LIMIAR DO ABISMO.....	32	158
NO LIMIAR DO ABISMO.....	33	163
NO LIMIAR DO ABISMO.....	34	168
NO LIMIAR DO ABISMO.....	35	173
NO LIMIAR DO ABISMO.....	36	178
NO LIMIAR DO ABISMO.....	37	183
NO LIMIAR DO ABISMO.....	38	188

NO LIMIAR DO ABISMO.....	39	193
NO LIMIAR DO ABISMO.....	40	198

Como sempre, naquela tarde, fitando o pôr-do-sol pela janela, eu me encontrava, à sós, meditando. O dia no hospital fora, como os demais, extremamente laborioso; os doentes requisitavam mais atenção que remédio, queriam conversar, expor as suas angústias, compreender os seus dramas, justificar as suas atitudes... Eu não parara um minuto sequer e, no entanto, aquela sensação de inutilidade que, por vezes, me assaltava o espírito, estava novamente comigo; não se tratava propriamente de depressão, mas de um estado de abatimento que, desde quando encarnado, costumava me acometer, sem que, no entanto, lograsse me prostrar, física ou moralmente. O problema é que eu desejava ser mais útil e não conseguia vencer as minhas limitações... – O que eu poderia fazer, meu Deus – perguntava à vagueza de mim mesmo, observando os clarões vespertinos no horizonte -, para melhor cooperar com a fé dos irmãos encarnados na Imortalidade? Eu, que jamais me sentira médium de faculdade alguma, agora, na condição de desencarnado, registrava os apelos que tantos amigos me endereçavam da Terra – apelos de companheiros militantes na Doutrina que se sentiam vacilar na luta; irmãos que solicitavam de nós outras maiores evidências no que se refere à Vida além da morte... Todavia, não era fácil e eles não podiam compreender que nós, *os mortos*, ainda nos defrontávamos com inúmeras limitações e obstáculos – nada mais éramos, *ipsis litteris*, do que espíritos humanos fora do corpo de carne: a morte não nos santificara ou alterara a nossa condição íntima. Eu continuava a ser o mesmo Inácio, um tanto mais rejuvenescido, mas nada além disso; o meu interior pouco se modificara, em relação às transformações em meu corpo espiritual. Ah, quanto se enganam os homens na Terra, mesmo os espíritas, quando nos supõem dotados de poderes quase sobrenaturais!... Esta era a questão: prosseguíamos humanos e, como tal, restritos em nossa capacidade de agir, mormente de uma dimensão a outra. Quanto eu mesmo, outrora, havia sido injusto com os Espíritos, cumulando-os de exigências, na esperança de que tudo pudessem equacionar para nós, entregando-lhes a solução dos problemas mais comezinhos pertinentes ao nosso esforço e boa vontade.

Mergulhado em tais reflexos, eu insistia: - Meu Deus, o que nós, *os mortos*, poderíamos fazer, em benefício dos nossos irmãos exilados nos domínios da matéria densa, no sentido de que despertem mais

profundamente para as realidades da Vida Imperecível? De que forma utilizarmos com maior proveito os recursos da mediunidade à nossa disposição?... Para mim, a crença dos homens na sobrevivência sempre foi de fundamental importância, no confronto contra o materialismo avassalador; eu estava convicto de que a possibilidade de uma Outra Vida – e somente ela – é que ainda salvaguardava os valores da civilização; se o Materialismo triunfasse de vez, o homem se arrastaria completamente à mercê dos próprios sentidos; seria, sem dúvida alguma, um retrocesso moral, estabelecendo a mais escura e a mais longa das noites sobre a face da Terra!

Raciocinando nestes termos, eu não podia deixar de me comover ante o empenho dos médiuns, principalmente daqueles que, quase em completo anonimato, continuavam se superando, em todos os sentidos, para conservar desfraldada a bandeira da Fé Raciocinada, que o Espiritismo corajosamente hasteara em meados do século XIX, na França. Eu convivera, diariamente, com dezenas de sensitivos e digolhes: só mesmo uma *força* de ordem superior, provinda do Inconcebível, para dar-lhes sustentação, em meio a tantos obstáculos que se interpunham entre eles e o Ideal. Os médiuns eram e continuam como seres humanos, com necessidades idênticas às de qualquer um! Como é que conseguiam, e conseguem, conciliar interesses tão opostos, quanto os do espírito imortal e os da vida material, pela qual se sentiam subjugados? A muitos, inclusive, eu tivera oportunidade de socorrer com dinheiro para que não passassem privações com a família; alguns, pela sua simples condição de espírita, eram rotulados por desajustados e tinham a sua sanidade mental questionada, o que, não raro, fazia com que perdessem o emprego ou não tivessem os seus serviços profissionais contratados. Eu não sei, mas alguma *coisa* que não posso definir existe nos médiuns que perseveram, além de somente mediunidade; alguma *coisa* com a qual, evidentemente, nem eles próprios conseguem atinar; alguma *coisa* que transcende a teoria e a prática mediúnica em si; alguma *coisa* que os possui à semelhança dos primitivos cristãos, que enfrentavam o martírio e a morte nos circos romanos, como se os seus olhos estivessem vendo o que mais ninguém conseguia enxergar...

Às quartas-feiras, sempre às quartas-feiras, reuníamos-nos no Sanatório para o chamado trabalho de desobsessão e era rara uma semana em que, se assim posso me expressar, os médiuns logravam obter comunicações mais autênticas e originais, mas nada os fazia recuar,

nem a eles e... Nem a mim, que, na condição de doutrinador , não abria mão da responsabilidade. E, curioso, quando os médiuns se mostravam mais apáticos e desalentados é que a sessão mediúnica apresentava melhor rendimento, e eu me surpreendia com as manifestações dos espíritos; ao contrário, quando a nossa expectativa extrapolava, quase nada de significativo acontecia, nem mesmo pela faculdade de Modesta, que, então preocupada, procurava se justificar:

- Eu não sei o que aconteceu hoje, Inácio. Eu cheguei tão animada!...

Bem, eu não quero me afastar muito das reflexões que estava efetuando naquela tarde, observando pela janela do meu gabinete de trabalho o magnífico pôr-do-sol, sem me importar que creiam ou não creiam que, deste Outro Lado da Vida, o Sol que nos ilumina e aquece é o mesmo que aquece e ilumina os homens na Terra. Ai do desencarnado que se dispuser a escrever aos homens, na expectativa de que as suas palavras não sejam postas em dúvida! De há muito, tendo perdido esta ilusão, sinto-me mais livre para escrever o que penso e o que os meus sentidos registram... Afinal, o que posso fazer para convencê-los de que, por exemplo, não estou, em meus registros da vida no Além, sendo vítima de nenhuma alucinação? O que posso fazer para me defender daqueles que têm rotulado as minhas obras de anti-doutrinárias? Nada, absolutamente nada. Só não posso e não devo me permitir o desânimo, convicto de que estou procurando dar aos meus irmãos encarnados a minha melhor contribuição. Se pudesse, ao invés de escrever o que escrevo, é lógico que preferiria mostrar-me de espírito materializado e consentir que os novos Tomás me tocassem as chagas espalhadas por todo o corpo... Todavia, além de me falecerem recursos espirituais para tanto, por onde andam os médiuns de efeitos físicos com ectoplasma de qualidade? Estamos vivenciando dias difíceis na Humanidade... Parece-me que as Leis Divinas nos deixaram atualmente entregues às próprias condições, interessadas em saber o que seremos capazes de fazer com o que já temos. Aqui, com a permissão do médium de que me sirvo, amigo que aprendi a estimar em longos anos de convivência no mundo, abro pequeno parêntese, para que os nossos companheiros encarnados entendam parte das dificuldades que, muitos, enfrentamos no serviço do intercâmbio mediúnico. Tendo levantado de madrugada, ele e eu, para o compromisso que assumimos, minutos atrás, como é compreensível, tive necessidade de interromper a minha narrativa, quebrando, de certa forma, a seqüência das idéias. O motivo é simples: vazio, o estômago dele começou a roncar e a interferir na sintonia... Resultado: pausa para o indispensável desjejum, o tradicional pão com manteiga e café com

leite e, ainda bem – louvado seja Deus! -, que ele não fuma, pois eu fumava, e aí, sim, a sintonia iria de vez para... O brejo. O desjejum rápido, não mais que dez minutos, daqui a pouco talvez o constranja a ir ao banheiro e, se tudo correr bem conforme espero, mais dez minutos de interrupção... Não sorriam! É ao que nós, os *mortos*, devemos nos submeter, se nos move o propósito de intercambiar proveitosamente com nossos irmãos que mourejam num corpo repleto de carências. Engraçado: de modo geral, o pessoal acha que o médium é isento de necessidades fisiológicas, quando nem nós, os espíritos, ainda o somos completamente. É tanta interferência na hora do transe mediúnico, que, em pelo menos alguns, elas chegam a ser mais de ordem física que de ordem moral ou psicológica; e quase ninguém leva isto em conta... O pessoal acha que nós, os espíritos, somos capazes de resolver tudo, inclusive, digamos, esses problemas estomacais e... intestinais

O Sol, transfigurado em imenso disco de fogo no horizonte, já havia quase se ocultado de todo, para iluminar o outro Hemisfério da dimensão espiritual na qual vivemos – que igualmente é chamada por nós de “Terra” -, quando escutei leve batida na porta do gabinete, que, ao mesmo tempo, utilizo como consultório e sala para receber os amigos. O meu coração se alegrou e, antes de verificar quem era, os meus lábios murmuraram, captando as ondas do meu pensamento:

- Odilon!...

A intuição não falhara.

Deixando a formalidade de lado, escancarei a porta do meu gabinete e, ao caro amigo que, uma vez mais, me dava a alegria de sua presença, fiz uma mesura fraterna, perguntando:

- A que devo a honra?...

Com o sorriso que lhe é característico, Odilon respondeu, enquanto procurava se acomodar em confortável poltrona:

- Saudades, Inácio... Afinal, há quanto tempo não nos falamos?

- Deixe-me ver: há um mês, ou mais, mas tenho a impressão de que faz quase ano...

- Como é que você tem passado? – indagou, como se me adivinhasse o estado de espírito que me ensejara as reflexões de instantes atrás.

- Bem – redargüi, algo vacilante.

- O seu “bem” não me soou com convicção, Inácio. O que é que está havendo?

- De sério, nada; apenas aquela sensação de inutilidade que vez ou outra, me acomete.

- Creio, no entanto, que já conversamos a respeito, não?

- Odilon – graciei -, mas você mal chegou e vai me fazendo deitar no divã... Até onde sei, o psiquiatra aqui sou eu.

- Feliz de você, que continua tendo profissão além da morte, pois eu, na condição de odontólogo, praticamente fiquei desempregado...

- Era o que faltava: os dentes continuarem cariando por aqui! Por favor, poupe-me; já tenho sido criticado demais por outras “revelações”...

- Mas, no entanto...

- Esqueçamos, Odilon – interrompi o companheiro, que se preparava para elucidações em torno da arcada dentária dos *mortos*.

- Qual, então – diga-me -, é a causa dessa sua sensação de inutilidade; ao que sei, você anda com o tempo todo tomado: há meses, deve-me uma visita ao *Liceu*...

- É mesmo, desculpe-me concordei; prometo que, na primeira oportunidade, irei vê-lo. Você sabe: os pacientes me chamam o dia todo. Raros os instantes em que consigo me refugiar, para ficar um pouco a sós.

- Com tanta ocupação, Inácio, como é que você ainda consegue se sentir inútil?

- Gostaria de cooperar mais com os nossos irmãos encarnados.

- Você se refere à tarefa do intercâmbio, não é, do intercâmbio mediúnico?
- Sim. Eu sei que, *por aqui*, o trabalho obedece àquela seqüência natural a que obedecia no mundo: a chamada morte não realiza prodígios. Os meus pacientes de hoje em quase nada diferem dos meus pacientes de ontem, ou seja: continuam a requisitar longo tratamento, e muitos receberão “alta”, com a finalidade de se reconduzirem a uma nova experiência física, sem estarem completamente recuperados... Deste Outro Lado, no campo específico da Psiquiatria, a Medicina precisa também avançar muito.
- E como você pensa em ser mais útil aos nossos irmãos na carne?
- É o que me fustiga o pensamento – respondi, na esperança de que Odilon tivesse alguma sugestão. – A nossa atuação, na condição de espíritos fora do corpo, é muito discreta; se lográssemos transmitir aos homens uma certeza maior com relação à sobrevivência, uma prova irrefutável da Imortalidade...
- Inácio, não posso deixar de reconhecer que a sua preocupação é justa, todavia isto é algo que nos foge completamente à alçada, ou, em outras palavras, à capacidade. Por incrível que pareça, é mais fácil os homens virem a nós do que irmos a eles.
- É com o que, sinceramente, não posso concordar – argumentei, inconformado. – Deveria existir um meio..., deve existir um meio menos complexo; não é possível que, neste sentido, além de esperar, nada possamos fazer.
- Por enquanto, quase nada podemos fazer, não obstante, desde o episódio da Codificação, os progressos foram consideráveis; durante séculos, praticamente durante toda a Idade Média, os homens foram proibidos pelas religiões dominantes de facilitarem o contato conosco; o intercâmbio entre as Duas Dimensões, desde o advento do Cristianismo, está com um atraso de mais de mil anos. Psiquicamente, os homens deixaram de se cultivar, e, sem sementeira, não se tem colheita.
- Se conseguíssemos uma palavra oficial da Ciência...
- Infelizmente, a própria Ciência, como você sabe, ainda está atrelada a muitos interesses.
- É um absurdo a conspiração do homem contra a Verdade que lhe interessa à eternidade – comentei, indignado.
- De fato, é um absurdo, mas é a nossa realidade...
- Nossa, não, Odilon: a dos homens!...
- A dos homens encarnados e a dos homens desencarnados; não ignoramos que existem muitos espíritos, constituindo imensas legiões,

que estimam manter o homem no estado de ignorância espiritual em que ele se encontra.

- Chega a ser inacreditável que alguns espíritos trabalhem para que os homens continuem a sua essência!...

- Alguns, não, Inácio: milhares!...

- E com que objetivo? – perguntei, como quem não soubesse a resposta.

- Evoluir é penoso – esclareceu Odilon, sintetizando.

- Não é fácil mesmo, não: quanto mais renúncia, mais renúncia; quanto mais perdão, mais perdão...

- A questão não é tanto a de se impor à ordem estabelecida na Criação, mas a de substituí-la por outra...

- Por outra em que o termo *renovação íntima* seja completamente abolido, não é?

- E tudo o mais q lhe seja conseqüente. Numerosas falanges de espíritos, que se vinculam à evolução do Planeta, aspiram a viver sem Lei, sem que tenham que se submeter ao resultado de suas ações.

- Mas isto é impossível; o Universo é regido por Leis indefectíveis, que vigem tanto para o mundo físico quanto para o mundo moral... O que pretendem tais entidades é loucura consumada.

- No entanto, Inácio, alimentam o propósito de, pelo menos, fugirem à Lei do renascimento... Quantos não são os que resistem à reencarnação?

- Esperando escapar ao Carma ou à Lei de Causa e Efeito, a que todas as coisas se encontram submetidas, não é?

- Sim, toda ação corresponde a uma reação contrária de igual intensidade e duração. O tentame de semelhantes espíritos é inútil: no fundo, os mais inteligentes ou sabem, mas procuram se iludir, imaginando que possam se eternizar em seus sofismas...

- Odilon, será verdade o que eu tenho ouvido dizer, que existem espíritos assim que não reencarnam há séculos?

- É verdade, Inácio: existem entidades espirituais que não renascem no orbe desde os tempos do Cristo...

- Há dois mil anos?!... – questionei, ensejando ao companheiro oportunidade de mais amplos esclarecimentos, em meu próprio favor e, especialmente, dos confrades encarnados que anseiam por inéditas notícias do Plano Espiritual.

- Há dois mil anos – confirmou – e até mais tempo...

- Que entidades seriam?

- Espíritos que pertenceram a antigas civilizações, já desaparecidas, como, por exemplo, a dos atlantes.

- Então, a Atlântida, à qual, inclusive, o filósofo Platão se refere em seus escritos, existiu mesmo?

- O homem pouco sabe da história da casa planetária que habita... Como, um dia, a atual civilização desaparecerá, diversas civilizações já desapareceram: os espíritos, em maioria, são os mesmos, mas as raças vão se sucedendo umas às outras.
- Se o quiséssemos, Odilon, poderíamos conversar com um atlante? Onde poderíamos encontrar um?

O amigo sorriu e observou:

- Você está sempre à cata de novidades, não?
- Não nego a você que o inusitado me interessa...
- O inquieto e irreverente Dr. Inácio Ferreira!
- Inquieto, sim; irreverente, nem tanto...
- E aquela sua sensação de inutilidade, sobre a qual, momentos atrás, conversávamos??
- Desapareceu e você é o responsável – brinquei, com o indicador da mão direita em riste, batendo sobre o peito de Odilon.
- Desapareceu por enquanto, não é?
- Eu gostaria de me entrevistar com um espírito antigo...
- Todos somos espíritos antigos...
- Não quanto um atlante.
- Quem lho disse?...

Prosseguindo, discorreu o Benfeitor:

- Não há quem possa precisar com clareza a trajetória do princípio espiritual, desde as suas origens. Quanto tempo, Inácio, teremos nos demorado nas formas primitivas da Natureza, em que nos elaboramos, até atingirmos a idade da razão? Os frutos que pendem da árvore não amadurecem todos ao mesmo tempo...
- E nem possuem idêntico sabor – aduzi.
- Ao que estamos informados, há cerca de quarenta mil anos, o homem se encontra estagiando nas faixas da razão... Por quantos milênios ele terá sido guiado pelo determinismo da Lei, sob o impulso do instinto?
- Segundo narram as tradições – argumentei -, os atlantes teriam sido espíritos exilados de Capela, constituindo na Terra os descendentes da raça branca.
- O que não impede que já existíssemos ao seu tempo.
- Na condição de amebas...
- Quem sabe? – sorriu Odilon, não muito interessado em dar seqüência a inúteis conjecturas.

Por este motivo, voltando a falar mais objetivamente, questionei:

- Ser-nos-ia mesmo possível uma entrevista, ainda que ligeira, com um dos habitantes do continente desaparecido? Onde localizá-lo? Ao que me consta, os atlantes eram reencarnacionistas... Não regressaram todos, ao fim do exílio, ao seu planeta de origem?
- Em uma de minhas últimas romagens na carne, fui descendente deles – revelou o Mentor. – Quando a Atlântida se submergiu nas águas do mar, os espíritos que ainda não se encontravam inteiramente redimidos migraram para o Egito e, às margens do Nilo, deram origem à dinastia dos faraós; foram eles que, com os seus avançados conhecimentos no campo do Cálculo e da Engenharia, levantaram as pirâmides; dominavam delicadas técnicas cirúrgicas, muitas vezes realizando com êxito trepanações cranianas, na drenagem de abscessos e edemas; implantaram técnicas de irrigação do solo ressequido, criando, inclusive, as chamadas *curvas de nível* que evitam a erosão do solo...
- E a chamada escrita hieroglífica? – perguntei, interessado.
- Era a mesma utilizada pelos atlantes, que a elaboraram a partir de suas reminiscências do passado...
- Quer dizer: do orbe de onde haviam sido exilados?

- Sim, de um dos mundos da Constelação do Cocheiro...
- Os progressos alcançados pela civilização egípcia, por si sós, atestam a realidade da Reencarnação – comentei.
- Sem dúvida, Inácio – redargüiu Odilon. – O “Livro Egípcio dos Mortos” está repleto de alusões à sobrevivência e a metempsicose...
- À metempsicose? Um contra-senso...
- É, os egípcios acreditavam que o espírito pudesse regredir... Evidentemente que se trata de uma concepção filosófica equivocada. O problema é que os seus corpos humanos, demasiadamente grosseiros em comparação aos que ocupavam antes do êxodo planetário a que foram submetidos, assemelhavam-se, para eles, a corpos de animais, dando-lhes a impressão de que haviam sido condenados na Terra à uma vida sub-humana.
- Os atlantes, após o desaparecimento do continente, não se concentraram apenas no Egito, certo?
- Certo! Alguns grupos vieram a constituir a civilização dos maias e dos incas: há, entre eles, uma incrível semelhança cultural e física...
- Física também?
- Futuramente, estudando-lhes os esqueletos e, comparando-os, a Ciência chegará a semelhante conclusão; devido, no entanto, a fatores de aclimação, os incas e os maias são ligeiramente de menor estatura, embora mais corpulentos; os egípcios tinham a pele mais tostada, por sua mais freqüente exposição aos raios solares, eram um tanto longilíneos e possuíam a caixa craniana mais afilada – do ponto de vista físico, eram mais parecidos com os habitantes de Atlântida.
- Eu, até hoje, fico pensando em como Champollion conseguiu decifrar a famosa “pedra da Roseta”...
- Champollion era um atlante reencarnado e, portanto, trazia no subconsciente as informações-chave que lhe possibilitaram, examinando pequeno fragmento rochoso trilingüe, desvendar o alfabeto egípcio, dando ensejo à Humanidade de conhecer um pouco a história de seus antepassados.
- A saga evolutiva do espírito me impressiona...
- Pois é, Inácio, a própria iniciação maçônica dos nossos dias guarda relação com a iniciação dos que se candidatavam à casta dos sacerdotes, em rituais que aconteciam no interior das pirâmides.
- Por este motivo, os maçons tradicionais, de certa forma, cultuavam as pirâmides.
- Não só as pirâmides, como você sabe, a filosofia maçônica muito tem a ver com a ciência secreta do antigo Egito.

- Os egípcios tinham uma grande preocupação com a morte, ou, mais propriamente, com o transe da morte...
- Aparentemente, eram politeístas, mas criam, sim, na existência de um Deus Máximo, o Grande Arquiteto do Universo.
- Pelo menos, nos chamados círculos exotéricos, não?
- A própria mitologia grega, que, posteriormente, inspiraria a mitologia romana, se estruturou a partir do simbolismo egípcio: os mistérios de Ísis e Osíris eram símbolos com que eles costumam representar os fenômenos da desencarnação na Grécia, eles foram sucedidos pelos mistérios de Elêusis...
- E o que, Odilon na verdade, acontecia nos rituais de iniciação?
- Resumindo: o candidato a sacerdote que, não raro, era alguém detentor de possibilidades psíquicas, a menos...
- A menos?...
- A menos que ele contasse com certo apadrinhamento político.
- Já àquela época? – questionei, estupefato.
- Já àquela época e em todas as demais – respondeu o Mentor, com certa dose de humor -; o homem sempre foi e sempre haverá de ser o homem, até que, em espírito, se sobrepuje.
- Quer dizer que, entre “vocês”, existiam indicações políticas?

Odilon sorriu do meu enfático “vocês” e confirmou:

- Sim, Inácio, e foi por este motivo que a ordem dos sacerdotes foi, aos poucos, se degradando, perdendo força e credibilidade.
- Como vem acontecendo ao longo dos séculos com a Igreja de Roma e como, na atualidade, o Espiritismo se expõe ao mesmo perigo...
- Deixemos para comentar este assunto mais tarde. Você me perguntou o que, em síntese, acontecia nos rituais de iniciação. Pois bem. Os candidatos a sacerdote que, em sua esmagadora maioria, eram homens, tinham que, sem orientação alguma, caminhar sozinhos pelo labirinto das pirâmides, percorrendo os seus extensos e estreitos corredores, até que atingissem o ápice; os que desfaleciam no percurso, eram sumariamente eliminados...
- Acontecia com freqüência?
- Sim, porque, além do calor intenso e da falta de luminosidade, que em apenas algumas câmaras se amenizavam, os iniciados os percorriam com o mínimo de razão necessária...
- Desculpe-me a pergunta – aparteei: - Você se lembra, Odilon, de ter passado por todo o processo que está descrevendo?
- É melhor, Inácio, que eu não me vincule, mentalmente, àquela situação, pois, só de estar me referindo a ela, eu me sinto asfixiar.

De fato, pude perceber que o companheiro agora se revelava um tanto mais ofegante e transpirava.

- O objetivo era de que, ao sair da pirâmide, o iniciado sobrevivesse e se sentisse como alguém que, tendo *morrido*, houvesse voltado a viver na condição de homem renovado, ou renascido.

- E depois?

- Depois, os remanescentes, quase em estado de desidratação e desfalecimento, eram conduzidos às águas do Nilo, onde eram banhados por virgens, vestidos, alimentados e, ao fim de curto período de refazimento, conduzidos à presença do faraó e dos obesos sumos-sacerdotes.

- Obesos?...

- Os sumos-sacerdotes, salvo uma ou outra exceção, eram os mais obesos dos egípcios e, quase sempre, desencarnavam por apoplexia...

- Então – não perdendo a oportunidade de ironizar, o que, ultimamente, vinha-se constituindo em raridade para mim -, os padres católicos herdaram dos antigos sacerdotes egípcios mais que a sua inclinação para a política...

Sem efetuar nenhum comentário a respeito de minha provocante observação, Odilon continuou:

- Após serem apresentados ao faraó e aos sumos-sacerdotes, recebiam outro nome e ainda estudariam por longos meses, até que, efetivamente, em outra concorrida cerimônia, estivessem aptos para o ofício.

- E o que estudavam?

- Todo o saber disponível na época: teologia, artes, ciências de natureza geral, com ênfase para a ciência médica, geometria, política e, naturalmente, rudimentos de mediunidade...

- Rudimentos de mediunidade?...

- O conhecimento do corpo espiritual, a cura pela imposição das mãos, o contato com os espíritos dos mortos...

Lidavam com os espíritos dos *mortos*? – interroguei.

- Inácio, como você não ignora, o homem, em todos os tempos, sofreu a influência do Mundo Espiritual, que, apesar dos limites que a percepção mediúnica humana lhe impõe, sempre procurou fornecer ao ser encarnado evidências de sua própria imortalidade... Desde Zoroastro, na Pérsia, passando, inclusive, por Maomé, quando psicografou o “Corão”, a Allan Kardec, na França, o Codificador do Espiritismo, é comovente observar o esforço do Mundo Espiritual, no sentido de despertar o homem para as coisas pertinentes ao espírito.

- Maomé psicografou o “Corão”?... Aos ouvidos de um de seus seguidores isto soará como heresia...

- Não obstante, o fato não pode ser negado; foi no Monte Hira que o profeta ouviu a voz atribuída ao Anjo Gabriel e escreveu, sob o seu impulso, a essência da obra, que, posteriormente, sofreu determinados adendos.

- Como, aliás, aconteceu à própria Bíblia...

- Sim, ao ponto de, em suas mais modernas traduções, trazer explícitas condenações aos médiuns...

- Ora, o termo “médium” nem existia à época! – comentei indignado -; foi Kardec que o cunhou...

Buscando me asserenar, após breve pausa, voltei a questionar:

- Que espécie de espíritos se comunicavam nos templos egípcios?

- Os espíritos de seus antepassados e, com menor freqüência, espíritos que assumiam a identidade dos deuses que veneravam, como a de Hórus, por exemplo.

- E os obsessores?...

- Manifestavam-se com extrema naturalidade; viviam, por assim dizer, em estreita simbiose psíquica com os homens...

- Qual acontece ainda hoje...

- Os sensitivos egípcios, quando desejavam estabelecer contato com um de seus *mortos*, tocavam as suas respectivas múmias e logo caíam em transe.

- Incorporavam?

- Sim.

- E quanto àqueles que não podiam pagar para terem os seus corpos conservados, pelo processo da mumificação?

- Comunicavam-se espontaneamente e faziam ameaças aos que trabalhavam no serviço de embalsamar; perguntavam-lhes pelos seus corpos, que se encontravam deteriorando alhures e, não raro, manipulando recursos ectoplásmicos, chegavam a se trangibilizar...

- Eles sabiam como se materializar?

- Não, não sabiam, mas o fenômeno acontecia, pois, nos recintos onde os corpos dos ricos eram mumificados, o ectoplasma se condensava e revestia os corpos sutis dos espíritos que freqüentavam o ambiente.

- Os seus corpos espirituais...

- Que os egípcios chamavam de *Ka*. Para eles, o espírito, ou seja, a *sombra* que sobrevivia à morte do corpo era denominada *akh*; morrer significava encontrar-se com *akh*...

- Certa vez, li não me lembro onde: “Se o egípcio constrói para si um túmulo é para aí instalar sua múmia e, se faz acompanhá-lo uma mobília funerária, é para seu conforto no Além”.

- Isto prova que, desde os primórdios da civilização, a idéia de imortalidade é inata no homem.

- Quer dizer, Odilon, que os que não tinham dinheiro para dar aos sacerdotes...

- Não eram mumificados.

- As coisas não mudaram muito, não... Que a justiça de Anúbis caia sobre eles, ontem e hoje!

- Inácio!...

- Perdoe-me, Odilon.

- Poucos de nós poderão, após o desenlace, confessar inocência diante de Osíris, enquanto Thot, o escrivão, nos colhe o depoimento:

“Não causei sofrimento aos homens.

Não usei de violência para com a minha parentela.

Não substituí a Injustiça na Justiça.

Não freqüentei os maus.

Não cometi crimes.

Não permiti que trabalhassem para mim em excesso.

Não fometei intriga por ambição.

Não maltratei meus servidores.

Não blasfemei contra os deuses.

Não privei o indigente de sua subsistência.

Não cometi atos detestados pelos deuses... “

- Incrível – exclamei -, a semelhança com o Decálogo!

- Em síntese, a chamada regra de ouro criada pelo velho patriarca judeu, Hilel, é a mesma em todas as religiões: “Não faça aos outros o que não deseja que te façam”.

- Eu fico pensando... Por que será que Moisés não ficou no Egito? O Egito está muito relacionado à crença monoteísta...
- Embora pregassem o politeísmo às massas, os iniciados eram, sim, monoteístas. Historicamente, não se sabe até onde os egípcios foram influenciados pelos hebreus, quando José passou a ser o conselheiro de confiança do faraó...
- Ou vice-versa, não é?
- Os egípcios influenciaram mais os gregos, principalmente os filósofos pré-socráticos, do que os hebreus. Está escrito no segundo livro de Moisés, chamado “Êxodo”, que se levantara novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José, o primogênito de Jacó. Com receio de que, numericamente, os filhos de Israel os sobrepujassem em sua própria nação, o faraó ordenou às parteiras hebréias: “Quando servirdes de parteiras às hebréias, examinai: se for filho, matai-o; mas se for filha, que viva”.
- Por este motivo, Moisés...
- Cujo nome significa “porque das águas o tirei”...
- ... foi posto num cesto de junco, calafetado com betume e piche e largado no carriçal, à beira do Rio Nilo.
- E foi adotado pela filha do faraó, Termútis, e, até certa idade, criado e educado como egípcio.
- Moisés teria sido um grande soberano para o Egito...
- Mas não estava predestinado a isto.
- Você acha, Odilon, que a história poderia ter sido escrita diferente?
- Os homens escrevem a história que é ditada por Deus – respondeu o amigo com a sabedoria que lhe é peculiar -, todavia...
- Todavia?...
- Não podemos nos esquecer de que os povos, assim como o homem individualmente, fazem a sua escolha. Se, àquela época, os hebreus e os egípcios tivessem se unido, politicamente, culturalmente, religiosamente...
- É possível que Jesus tivesse nascido no Egito – concluí, antecipando-me ao raciocínio de Odilon.
- Quem sabe? Afinal de contas, o Egito serviu de exílio para os hebreus mais de uma vez... O profeta Oséias, conforme se pode ler no capítulo 11, versículo 1, de seu livro nas páginas do Antigo Testamento, enunciara: “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho”.
- Moisés rejeitado no Egito, Jesus rejeitado por Israel...
- De certa forma inconsciente, a Humanidade rejeitando a Deus!

- O Espiritismo “rejeitado” na França, onde Allan Kardec não passa hoje de ilustre desconhecido...

- Somos nós, Inácio, a “Esfinge”...

- “Decifra-me ou devoro-te”! Creio que acabaremos sendo devorados... Dias atrás, Odilon, resolvi dar uma bisbilhotada nas coisas *lá embaixo* e, para facilitar, fui à casa do médium onde o televisor está sempre ligado (é uma pena que ele não se *ligue* a mim com a mesma assiduidade! -, estou exagerando um pouco, mas nem tanto). Pois bem. Num desses canais de TV a cabo, que no meu tempo não existiam, fiquei acompanhando uma discussão subordinada ao tema “Cidadania e Intolerância”. O debate, que durou cerca de sessenta minutos, estava sendo travado por educadores, filósofos e psicólogos; um programa de alto nível, raro de se ver na Televisão. Todos discorreram com muita propriedade sobre o assunto, inclusive com enfoques sobre violência e criminalidade, mas, sinceramente, sem nenhuma demagogia, fiquei estarecido por ver que Jesus Cristo hora alguma sequer foi mencionado pelos catedráticos... Em se falando de intolerância e cidadania, como não se falar em Jesus?... O que está havendo? Aonde é que os homens pretendem chegar? Tive a impressão de que qualquer referência ao Cristo, numa discussão de intelectuais, é considerada retrocesso cultural... O “amai-vos uns aos outros” estaria ultrapassado? Falaram de intolerância o tempo todo, com enfoques de Sociologia, mas não mencionaram as virtudes cristãs, sem as quais o homem não conseguirá mais que simplesmente teorizar em torno da Verdade; estou, é claro, me referindo à aplicação de semelhantes virtudes.

- Você não deveria se surpreender tanto, Inácio – observou Odilon, deixando implícitos nas entrelinhas o que não desejou detalhar.

- Eu sei que não, quando alguns próprios companheiros de ideal espírita se opõem a Jesus no Espiritismo...

- Não me refiro a estes especificamente.

- Por favor, Odilon, seja mais claro.

- A questão não está tanto em se falar ou não se falar em Jesus: a questão está em falando-se ou não, vivenciar-se o Evangelho!...

- Concordo – respondi com ênfase -, e um dos motivos de minha periódica tristeza é justamente este, acreditando mesmo que seja o motivo principal: estamos numa Doutrina libertadora, que nos conscientiza como nenhuma outra o fez ou se mostre capaz de fazer; numa Doutrina que nos coloca em confronto com a própria realidade íntima. E como é duro, Odilon, constatar que não somos capazes de superar a nós mesmos!
- Mas pelo menos, Inácio – redargüiu o companheiro -, já não estamos caminhando às escuras... Não podemos ser tão exigentes assim com os outros e nem tampouco conosco. O problema da renovação é luta constante que somos chamados a travar sem trégua, no fortalecimento da vontade. Abrimos os olhos e, de repente, nos espantamos com a condição que nos assinala: estamos aqui há séculos e séculos e não percebíamos...
- Ou não queríamos perceber....
- Não, não percebíamos mesmo! Tomando consciência, relativa, de nosso atraso moral, não podemos nos desesperar. O Espiritismo nos motiva na transformação que devemos empreender em nós e nos enseja, para tanto, inúmeras oportunidades de trabalho; o espírita convicto já não tem tempo para viver de braços cruzados...
- Há muita gente fazendo de conta que melhora: começa entusiasmada, mas depois...
- Desmotivam-se, porque, passando a conviver conosco de mais perto, identificam as nossas limitações. Não sei, Inácio, se estou conseguindo ser claro.
- Não sabem separar o trigo do joio...
- Imaginaram que nós...
- ... desencarnados e encarnados...
- ... porque somos espíritos mensageiros ou médiuns, somos perfeitos.
- Que não somos humanos, não é?
- É aquela nossa velha tendência de exigir muito dos outros e nada de nós.
- Podemos errar à vontade, mas os outros não...
- Todos, estejamos no corpo ou não, somos espíritos frágeis, passíveis de sermos decepcionados...
- ... ou de decepcionarmos! – emendei.
- O espírita, Inácio, vive mais exposto à tentação.

- A que você atribui o fato?
- Os espíritos que não querem a emancipação espiritual do homem carregam sobre ele os seus esforços, mormente sobre aquele que ocupa qualquer posição de influência: quanto maior o escândalo que consigam causar, maior o desânimo que espalham. Por este motivo, os irmãos de ideal, ao invés de competirem uns com os outros...
- ..facilitando o campo de ação dos obsessores...
- ... deveriam se estimar mais e orar uns pelos outros. Ninguém é o que aparenta ser, nem no bem nem no mal; todos, sem exceção, temos altos e baixos e somos suscetíveis de recaídas...
- O espírita não é *santo*...
- Ele e os seus companheiros precisam saber disto, para não inculparem a Doutrina pelas fragilidades de seus adeptos.
- Certa vez, Odilon, um confrade se revelou decepcionado comigo pelo meu hábito de fumar, disse-me: - “Mas o senhor, um médico espírita de renome, autor de vários livros, médium doutrinador de espíritos, fumando?!...”
- E o que você lhe respondeu?
- Que o cigarro era o mais inocente de meus vícios...
- E ele?
- Não sei; porém soube mais tarde que ele havia engravidado uma menor que trabalhava em sua casa como doméstica...
- Os espíritos inimigos da Doutrina, não tendo argumentos para se lhe oporem à parte filosófica...
- E não têm mesmo, porque, do ponto de vista filosófico-religioso, o Espiritismo é insuperável – não há o que se lhe compare em termos de esclarecimento...
- ... procuram induzir os seus seguidores a se contradizerem no que tange à moral. Os espíritas, naturalmente, Inácio, têm as suas percepções psíquicas mais dilatadas...
- O que não acontece com os adeptos de outras crenças, que sequer admitem a possibilidade do contato com os mortos; a descrença, se assim posso me expressar, é uma espécie de *fita isolante* da sensibilidade mediúnica.
- Os espíritas, de modo geral, trazem a mente à feição de uma flor-de-lótus entreaberta...
- A imagem é apropriada – prosseguiu o Mentor -; dependendo da natureza de suas *emanações*, ou seja, de seus pensamentos, o médium atrairá os espíritos...
- *As moscas ou as abelhas*...

- Eu não sei se teríamos o direito de pedir aos nossos irmãos na carne que fossem mais vigilantes.
- Não sabe, por quê?
- Porque não estamos lá, não é, Inácio?...
- Não estamos, mas já estivemos!
- E sabemos que não é fácil.
- Admito que ser espírita nos dias atuais, é mais difícil que no passado: pertencemos à geração mais unida...
- Combatíamos um inimigo comum; éramos poucos...
- Continuamos a ser minoria...
- Os nossos adversários, no entanto, parecem ter compreendido que pregamos uma mensagem tão sublime, que não conseguimos vivenciá-la.
- Esqueceram-nos, Odilon?...
- Não, mas nos deixaram entregues aos próprios conflitos; estamos nos fragilizando por nós mesmos...
- O que você diz é grave.
- É grave, mas é real. Nós, os espíritas, Inácio, necessitamos retomar a vivência dos postulados que abraçamos: menos vaidade, menos disputas, menos ambição...
- ... menos mediunidade...
- ... e mais caridade!
- Tornou-se uma virtude piegas... Os espíritas se intelectualizaram muito: falam diversos idiomas, desfrutam de certo *status* social, viajam com freqüência ao Exterior...
- Não podemos nos opor ao progresso.
- Ora, Odilon – argumentei -, não tema ferir suscetibilidades; você sabe ao que estou me referindo...
- *A cada qual segundo as suas obras*, Inácio.
- Com raras exceções, não vejo mais o espírita interessado em perdoar – em perdoar ao companheiro de fé!... Dentro de certos grupos espíritas, é uma intriga só...
- E, infelizmente, esse estado de coisas transpira...
- Transpira e faz o regozijo de nossos opositores, que devem pensar assim: "Deixemos os espíritas se destruírem em paz"...
- O Espiritismo vem enfrentando uma dificuldade para a qual os nossos companheiros ainda não atinaram.
- Qual seria, Odilon?
- A de fazer novos adeptos.
- É um péssimo sinal...

- O conhecimento espírita ainda – frisemos bem – não é para todos; o que a Doutrina prega colide com os interesses que imperam entre os homens, mas...
- O número de espíritas não vem crescendo, não é?
- Com o advento de Chico Xavier, cresceu muito...
- No Brasil; no Exterior, o Movimento é feito por brasileiros que lá residem...
- O Movimento carece de ser revitalizado.
- Chico Xavier desencarnou e não temos outro...
- Mas, se cada espírita se compenetrar de sua responsabilidade; se cada um de nós se preocupar com a aplicação, na vida cotidiana, dos Princípios que abraça, estaremos fazendo o que nos compete.
- Então, Odilon, em sua opinião, novas ações seriam mais importantes que novas revelações?
- Sem dúvida alguma! O exemplo foi e sempre será a maior força de persuasão.
- Não estamos preocupados com números...
- É evidente que não; estamos preocupados com credibilidade.... Os companheiros espíritas não devem desanimar. Confiemos no Alto. A Espiritualidade Superior, com certeza, está preparando a reencarnação de novos seareiros, que nos auxiliarão a manter acesa a chama do Ideal, que não pode se apagar.
- Espíritos missionários? Novos médiuns?...
- Espíritos despojados dos interesses que, infelizmente, tomaram conta das intenções de muita gente que, de modo imperceptível, vem se afastando do caminho e...
- ... influenciando centenas de outras pessoas!
- A mediunidade, Inácio, tornou-se um fator obsessivo para muitos; mediunidade nunca foi e nunca será característica de grandeza espiritual para ninguém... Na atualidade, há mais médiuns colocando palavras na boca dos espíritos do que espíritos colocando palavras na boca dos médiuns; mais médiuns subjugando a mediunidade aos seus propósitos que a ele se sujeitando, no exato desempenho de seus deveres.
- Interessante, Odilon: Chico Xavier desencarnou ainda há pouco, cumpriu 75 anos de legítimo mandato mediúnico, e – não sei se estou exagerando – percebo já um certo esquecimento de sua obra, que, principalmente para a nova geração, é inédita... Há um trabalho das trevas neste sentido?

O Benfeitor, após ligeira pausa no diálogo que encetáramos, considerou:

- Até onde sei, Inácio, posso confirmar – elucidou o companheiro, procurando ser cauteloso.
- Quer dizer...
- ... que faz parte de um plano das trevas sufocar a qualidade pela quantidade.
- A grande proliferação de médiuns seria, então, nociva à Doutrina?
- De médiuns sem o necessário discernimento, sim.
- E os espíritos que se comunicam por eles?
- Nem todos têm consciência de que estão sendo utilizados como instrumentos de escusas intenções.
- Os médiuns pensam que estão prestando um serviço à Causa...
- Muitos espíritos também pensam assim; existem espíritos obsessores, altamente intelectualizados, que conseguem se fazer invisíveis aos próprios espíritos a que influenciam...
- No entanto – considere – as obras produzem não são de todo más...
- Todavia não acrescentam e tomam o tempo do leitor.
- Como assim?...
- Irmãos encarnados, afeitos a leituras mais amenas, que não os induzem à reflexão, deixam de estudar obras de peso doutrinário.
- As editoras se mostram interessadas na publicação de romances e novelas...
- ... que lhes garantem um retorno financeiro mais rápido; não obstante alguns livros de enredo romanceado abordam temas pertinentes à Doutrina...
- Reencarnação, Lei de Causa e Efeito, Mediunidade, Obsessão...
- A maioria, porém, poderia ser classificada como obra de cunho espiritualista.
- E é justamente a que atinge com maior facilidade o público leigo; o trabalho mediúnico de Chico Xavier vai se tornando cada vez mais distante do grande público....
- O mesmo podemos dizer em relação ao Pentateuco Kardequiano.
- Com exceção, Odilon, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, não é?
- Que o misticismo de muitos considera um livro de orações – uma obra para ser aberta e consultada ao acaso...
- As trevas chegariam a tanto?...

- Não duvide, Inácio. Ao que estou informado os espíritos interessados na estagnação das idéias espíritas montaram uma espécie de central do livro...
- Central do livro?... – perguntei, quase sem acreditar.
- Sim.
- Central do livro espírita?... – insisti.
- Do livro mais ou menos espírita, que difunde, nas entrelinhas, teorias contraditórias.
- Como é possível?!...
- Não nos esqueçamos dos chamados evangelhos apócrifos, que foram escritos com intuito de confundir as mentes incautas, em relação aos considerados autênticos; eles surgiram à dezenas...
- Li, certa vez, um artigo que dizia que, inclusive, para lhes conferir maior credibilidade, os seus verdadeiros autores, abdicando de sua autoria, os atribuíam aos Apóstolos ou aos que haviam sido discípulos do Cristo.
- E mesmo com referência aos canônicos, ou seja, aos de Mateus, Marcos, Lucas e João, houve diversas tentativas de adulteração – textos foram suprimidos ou acrescentados...
- O Antigo Testamento, neste sentido, também está eivado de erros propositais: o Deuteronômio por exemplo...
- Sim, em que tradutores ou copistas mercenários enxertaram uma proibição formal contra a prática do Espiritismo, que, à época, sequer existia como Doutrina codificada.
- Odilon, ainda estou impressionado com essa sua informação a respeito da existência de uma central do livro espírita sob o comando das trevas... Fale-me mais sobre o assunto que, segundo creio, é de enorme interesse para os confrades que labutam no campo da divulgação.
- Inácio, na verdade, temos mais mediunidades que poderíamos classificar de espiritualistas do que propriamente de espíritas; hoje, por exemplo, os clássicos de nossa literatura são pouco procurados e, em breve, sendo recente como é, a produção mediúnica de Chico Xavier será considerada ultrapassada.
- Como é que os espíritos agem?...
- Fascinam os médiuns, fazendo-os crer que são missionários.
- Tentaram já desmoralizar a Doutrina, prevalecendo-se da invigilância dos médiuns de cura...
- Agora, porém, é a Literatura que está na mira dos nossos adversários desencarnados; fizeram o possível, enquanto Chico estava no corpo, para comprometê-lo moralmente...
- O que, graças a Deus, não conseguiram.

-Não conseguiram, mas lhe fizeram pagar um alto preço; ele teve que silenciar muita coisa...

- Eu sei: Chico, por assim dizer, foi praticamente crucificado... Quase todos os dias, era vítima de chantagens e agressões. Eu não ia à sua casa de trabalho com freqüência, mas me mantinha informado do que diz respeito ao seu entorno. Sinceramente, não sei como ele agüentou... Na minha opinião, mais da metade dos que o assediavam diariamente tinha que ser trancafiada no Sanatório...

Ante o olhar significativo que Odilon me lançara, mudei de assunto:

- E esses espíritos que assinam as “suas” obras (permitam-me as aspas, porque a essas alturas, eu já não sei mais nada) com nomes estranhos?...

- Muitos se fazem passar por benfeitores...

- Mas não o são?

- Sem querer generalizar, são espíritos vaidosos que, repito, se valem da invigilância ou da ambição dos médiuns, que desejam se promover, são escritores que se frustraram e agora...

- ... procuram se redimir.

- Os médiuns principiantes, Inácio, não deveriam ter tanta pressa em divulgar a sua produção literária.

- Estou sabendo de psicógrafos que se submetem às exigências das editoras: aumentam ou diminuem, arbitrariamente, o número de páginas da obra que pretendem publicar; alguns aceitando até *encomendas* de livros! Ora, o livro é encomendado ao médium ou ao espírito?

Odilon sorriu e tentou amenizar:

- O pessoal anda extrapolando, não é?

Íamos dar continuidade ao assunto quando fomos interrompidos por Manoel Roberto, que, após cumprimentar o Instrutor, se explicou a mim:

- Doutor, aquele rapaz insiste em conversar com o senhor, agendamos o encontro para hoje, à tarde, e ele está impaciente...

- Faça-o entrar.

- Doutor – disse-me o jovem, que mal dera pela presença de Odilon -, o senhor havia prometido examinar o meu trabalho...

- É que o tempo, meu filho, anda curto.

- Eu sei – insistiu, estendendo-me um calhamaço -, mas gostaria do seu parecer e do seu aval.

- O que você pretende? – Indaguei.

- Transmitir a minha obra, através de um médium – um jovem quase da minha idade, que tem se mostrado receptivo.
- Sobre o que você escreveu?
- É uma obra de ficção...
- De ficção?...
- Ficção espírita, Doutor.
- O Espiritismo já é considerado uma ficção por muita gente; você vai é reforçar essa concepção equivocada....
- Por que não escreve algo mais simples?
- Eu sou um romancista nato...
- Deixe-me ver o título do livro – disse, folheando o manuscrito -: “A Rebelião dos Capelinos “! Você efetuou alguma pesquisa?...
- Não, Doutor: foi o espírito de um capelino que me ditou...
- O capelino ditou-a a você e você quer ditá-la a um terráqueo – comentei, esperando que Odilon, que, como sempre, se mantinha discreto, participasse da conversa. – Você não acha uma operação muito complicada?...
- Complicada por quê, Doutor? Eu sou médium: fui médium na Terra e continuo sendo... O senhor sabe: a mediunidade não acaba com a morte.
- Basicamente, do que trata a obra? – perguntei, sem saber ao certo o que fazer com aquelas mais de quinhentas páginas vazadas a mão.
- Da revolta dos capelinos que não queriam ser exilados...
- O tema é interessante, mas...
- Mas...
- Doutrinariamente...
- Qual é a objeção?
- Ao invés de elucidar, poderá alucinar, você não acha? Talvez venha a mexer em excesso com a imaginação delirante das pessoas; algumas mentes mais débeis poderão extrapolar...
- Ora, Doutor, desculpe-me, mas o senhor escreveu o “Na Próxima Dimensão”...
- Sim, escrevi a dimensão próxima e não sobre Capela; escrevi a respeito de uma experiência palpável, vivenciada por mim e por terceiros...

- Odilon – solicitei -, sinta-se à vontade para dizer alguma coisa; tenho certeza de que o nosso jovem estimaria contar com a sua opinião...
- Dr. Odilon Fernandes?!... – exclamou o rapaz, estendendo a mão em cumprimento e esboçando discreto sorriso.
- Apenas Odilon, meu filho.
- O senhor vê algo que me desabone a obra? – perguntou, retirando-a de mim e entregando-a à análise do Benfeitor.
- Você havia dito que se trata de ficção ...
- O fato em si é real: os capelinos, à época de seu grande exílio planetário, se rebelaram; o enredo, no entanto, pertence ao imaginário do autor espiritual...
- Não lhe pareceu ele um tanto prolixo na narrativa?
- Detalhista, Doutor, muito detalhista... Ele se refere, por exemplo, ao ambiente político, à intriga dos sacerdotes, à devassidão que tomara conta da sociedade; descreve, com riqueza de informações, a topografia do orbe, a Natureza em estado de semidestruição, a espetacular intervenção das hostes espirituais, fazendo lembrar as descrições do Apocalipse...
- Talvez, meu filho – ponderou Odilon -, você e o espírito que escreve por seu intermédio ainda estejam naquela fase de estabelecer entre ambos uma melhor sintonia... O Inácio tem razão: seria conveniente esperar um pouco e solicitar que o autor promovesse uma revisão da obra.
- Mas como, na condição de médium, eu poderia interferir? O senhor não acha que o médium deve se manter em posição de neutralidade?...
- O médium, em seus mais diversos contatos com o Além, deve ser o primeiro crivo das comunicações de que se torne intérprete: é sua obrigação analisá-las e criticá-las, antes de entregá-las à publicidade...
- Seria uma ofensa ao espírito comunicante, não? Como colocarmos em dúvida a sua narrativa e intenção? O senhor, que também escreve para a Terra, não se sentiria ofendido, caso o médium de que se serve entregasse o seu trabalho a outrem para ser avaliado?
- É minha obrigação recomendar que ele tome tal providência.
- Por quê?!
- Porque todos somos suscetíveis de nos enganar e de sermos negativamente influenciados.
- Até o senhor?

- Por que não? Todos estamos expostos às mais diferentes influências – nós, os médiuns encarnados e os espíritos que, de Mais Alto, igualmente nos inspiram. Em Espiritismo, nada requer tanta prudência quanto o trato com a mediunidade.
- Mas eu não estou escrevendo só para os espíritas... O meu trabalho pretende abranger um público menos conservador e ortodoxo.
- Então, meu filho – aparteei -, não se justifica você está pedindo-nos orientação, pois a nossa atividade se concentra na difusão das idéias genuinamente espíritas...
- É que eu temo a responsabilidade...
- O que a entidade, autor da obra de sua lavra mediúnica, diz a você? – questionou Odilon.
- Que eu enfrentaria muitos obstáculos na publicação do livro; que eu me acautelasse contra o ciúme e até contra a inveja que ele suscitaria, principalmente entre os que também são autores ou co-autores; que eu tivesse plena confiança nele, que tem a intenção de escrever outras obras por meu intermédio...

E, pausando por instantes, confessou:

- Inclusive, digo-lhes, que ele me desaconselhara buscar a opinião do Dr. Inácio Ferreira, mas como eu me identifiquei muito com o “Na Próxima Dimensão”...
- Lamento, meu filho – interfeiri eu – se, pessoalmente, lhe causo alguma decepção; acredite: tudo o que estou dizendo é para o seu bem... Você é um medianeiro promissor, mas não deve ter pressa. Outros espíritos haverão de escrever por seu intermédio...
- Lêmur me solicitou exclusividade...
- Como?!
- Exclusivamente na tarefa mediúnica.
- Desculpe-me, mas é um péssimo indício; médium algum deve trabalhar com este ou aquele espírito em regime de exclusividade.
- Ele me avisou que o senhor me diria isto... Está vendo, Doutor, como ele pertence a elevada hierarquia?
- Meu filho – observou Odilon -, você poderia estudar conosco no “Liceu”; seria uma alegria contá-lo entre nós...
- Lêmur disse-me que eu não tenho necessidade de estudar, contou-me que, em existência anterior, fomos irmãos e que ambos éramos sacerdotes no Egito... Ele retira muita coisa do meu subconsciente.
- Você já o viu? – questionei, curioso.

- Diversas vezes; ele me aparece em sonho e me instrui – transmite-me passes na região do cérebro que, segundo ele, é para ativar os meus centros de memória...
- Lêmur é cristão?
- Ele é um espírito eclético.
- Recomendou a você algum tipo específico de leitura?
- De preferência, obras de iniciação em Teosofia...
- E Ramatis? – inquiri ainda.
- Não tem nada contra, embora em sua opinião Ramatis seja um espírito em fase de tornar-se espírita, portanto, bitolado.
- E Allan Kardec?
- Respeita, mas diz que está ultrapassado. E quer saber de uma coisa, Doutor? Está mesmo: “O Livro dos Médiuns” e “A Gênese” são obras desatualizadas... Lêmur pretende, mais tarde, rever alguns pontos.
- Meu filho – disse-lhe -, sinceramente, eu não vejo o que possa fazer por você...
- Escreva, Doutor, o prefácio da obra.
- Eu?!... Ora, meu rapaz...
- E o médium que se dispôs a cooperar com você, psicografando-a para os irmãos desencarnados? – perguntou Odilon.
- Está ansioso para começar; eu e Lêmur temos nos encontrado com ele, em estado de desdobramento... O seu livro de cabeceira é “Os Exilados de Capela”, escrito por Edgar, Edgar...
- Armond – completei.
- Justo: Edgar Armond!
- Trata-se de um estudo baseado em “A Caminho da Luz”, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier.

A noite caíra por completo e os ponteiros do relógio indicavam que era preciso colocar um ponto-final na conversa.

- Bem, meu rapaz...
- Osório, Doutor, o meu nome é Osório.
- ... infelizmente, tenho outras ocupações à minha espera.
- E então?...
- Eu tenho um conselho a lhe dar, mas você já recusou o convite de Odilon...
- Que conselho, Doutor?
- Permaneça aqui conosco, no hospital, uns dois ou três meses...
- Com que finalidade?
- Tratar-se, meu filho.
- Tratar-me, eu?! Do quê?!...

- Obsessão, meu caro; segundo Allan Kardec, *obsessão por fascinação*, antes que se transforme em subjugação...
- Lêmur...
- Lêmur também – afirmei. – há lugar para ele...
- O senhor está nos magoando; o nosso livro é uma revelação... Já sei: o senhor não quer que ele faça sombra ao “Na Próxima Dimensão”, não é?
- Esqueça o “Na Próxima Dimensão”; se eu soubesse que até *por aqui* ele me renderai problemas, eu teria pensado dez vezes antes de publicá-lo...
- Osório – solicitou Odilon -, seria possível dialogarmos com Lêmur, por seu intermédio?
- Ele costuma se *incorporar* por mim, mas não sei se se disporia a conversar com os senhores...
- Poderíamos tentar?
- De minha parte, não coloco objeção; quem sabe, ele consiga convencê-los da autenticidade do seu trabalho. Sinceramente, eu não consigo entendê-los: com tantas obras espíritas que não resistiriam à menor análise, obras que estão figurando no *ranking* das mais vendidas...
- Era sobre o que eu e o Dr. Inácio Ferreira estávamos justamente conversando, antes que você se fizesse anunciar pelo nosso Manoel Roberto.
- “A Rebelião dos Capelinos” é uma obra fantástica...
- Quem a assinará: Lêmur ou você? – indaguei.
- Estamos estudando um pseudônimo; Osório não é um bom nome literário e Lêmur... Não faz questão que o seu nome apareça na capa do livro; embora não pareça, ele é um espírito humilde.... Depois de vivermos no Egito, ele reencarnou na Índia e, por último, há décadas, foi monge beneditino.
- Monge beneditino?!... Então, muita coisa está começando a clarear, ou melhor, a escurecer...

Ultimamente, falanges de monges beneditinos desencarnados estavam, e estão, se movimentando para estabelecer a confusão no Movimento; muitos deles fazem-se passar por espíritos comprometidos com a Doutrina, dominam médiuns – alguns, inclusive, de renome -, mudam de identidade e, escrevendo ou falando, têm procurado estender a sua negativa influência, de maneira sutil, com o propósito de desfigurar o Ideal que abraçamos. Eram frades em geral muito cultos, tendo sido antigos copistas das Sagradas Escrituras e talvez pouco confiáveis.

Gostaríamos que não fosse verdade, mas, infelizmente, é: o Clero, deste Outro Lado da Vida, tem os seus representantes nas fileiras do espiritismo: o processo de atuação é tão discreto, que aqueles que se encontram a serviço de suas intenções obscuras o ignoram por completo e imaginam que agem e tomam decisões em nome de uma suposta fidelidade espírita.

O Mundo Espiritual Superior tem se esforçado no sentido de tomar providências; no entanto, há que se respeitar o livre-arbítrio dos companheiros encarnados, cuja vaidade exacerbada tem provocado cisões que ocasionam grave prejuízo ao Movimento. Em síntese: estão nos faltando humildade e discernimento, combatendo com veemência os interesses menores que nos inspiram. Muitos espíritas vêm se comportando como materialistas: abdicaram da Razão e do Sentimento e estão vivenciando uma crise de fé – descrentaram-se de si e, por extensão, descrentaram-se dos outros; passaram a duvidar de suas próprias intenções e... Daí suas faculdades mediúnicas, corromperam-se moralmente e com semelhante juízo formado a respeito de si é que têm avaliado os semelhantes; cederam à tentação, desistiram de lutar contra as suas mazelas de ordem moral e se permitiram dominar pela ambição – pela ambição do dinheiro, do poder, da sexolatria, enfim, do imediatismo. O espírita, de modo geral, está se revelando impotente e desmotivado para renunciar, para efetuar sacrifícios pessoais em benefício da Causa, para servir com o grau de desinteresse que sempre caracterizou um Bezerra de Menezes, um Batuíra, um Cairbar Schutel, um Chico Xavier, uma Anália Franco, uma Corina Novelino, uma Yvonne do Amaral Pereira, uma Vandir Dias...

Esses monges beneditinos desencarnados, em conluio com aqueles que reencarnaram e não olvidaram completamente a personalidade de outrora, têm promovido autêntico estrago no Movimento – a Doutrina permanece e permanecerá intocada, mas o Movimento, que se elitiza e – pasmem – conta com *medianeiros oficiais*, quais modernos hierofantes que se entronizam e estimam ser incensados, está já comprometido e exige rápida revisão, sob pena de se esfacelar de maneira irremediável. Não nos esqueçamos do que o Paganismo fez ao Cristianismo, claro, com a anuência dos homens. Os líderes do Movimento Espírita carecem de agir mais com o coração, menos com o intelecto e não serem tão suscetíveis à técnica de bajulação a que se rendem, inermes. Os monges beneditinos se especializaram na artimanha de manipular o ego daqueles que tencionavam ter em suas mãos; frágeis e carentes, eles se lhes rendiam às palavras elogiosas, quanto hoje muitos espíritas desavisados se inclinam ante as revelações enganosas, que médiuns interesseiros efetuam a respeito de suas pregressas existências; é o comércio vil que se denomina “tráfico de influências”, que sempre freqüentou os bastidores do poder político e religioso. Que os nossos irmãos, pois, permaneçam atentos e não se deixem ludibriar; não há sobre a Terra, na atualidade, um único médium encarnado com suficiente autoridade para penetrar nos enigmas pertinentes as anteriores experiências reencarnatórias de quem quer que seja. O que revelam, neste sentido, não passa de mera suposição ou invencionice. O nosso intuito não é o de ferir suscetibilidades, enviando recados indiretos... Desculpem-me, mas nunca fui de me valer de alguém para expressar o meu pensamento e creio que, sendo claro como estou procurando ser através deste manifesto, em louvor da Doutrina que veneramos, não magoarei aqueles que não se sintam ao alcance destas palavras de fraterna advertência aos que, realmente, têm extrapolado em prol de seus questionáveis propósitos. O espírita ou, como no meu caso agora, o espírita *morto*, quando fala o que desagrada, por intermédio deste ou daquele medianeiro, está desequilibrado – é o rótulo com o qual, complacientemente, o marginalizamos: o obsidiado! A hora, no entanto, não comporta omissões, e aqueles que não se melindrarem, por certo, haverão de entender a nossa preocupação. Há quem diga, com ironia na voz: “Oremos por fulano, que se encontra debaixo de terrível influência espiritual...” As orações em meu benefício serão sempre bem-vindas e, de antemão, as agradeço, todavia quem de nós, na Terra ou no Além, não se encontrará debaixo da terrível influência de suas imperfeições? Quem será tão arrogante, ao ponto de dispensar uma prece?... Quanto mais não necessitará do abençoado concurso da oração quem mais se

disponha a mexer num *vespeiro* desse tamanho, que abarca as tramas que se prolongam de um Plano existencial a outro, suscitando escândalos que exponham o Espiritismo ao ridículo?...

Não, o Inácio Ferreira necessita, sim, de suas preces sinceras, todavia atentem para o termo: *sinceras* ... Quão poucos sabem orar com sinceridade uns pelos outros! Quão poucos somos os que, de fato, nos lembramos do companheiro com um pensamento de cordialidade! Quão poucos os que nos sentimos felizes com a felicidade daqueles que renteiam conosco!... Infelizmente, com as exceções de praxe, os médiuns espíritas tornam-se rivais, com receio de que tenham o seu próprio espaço limitado – tremenda inversão de valores que, ao nosso ver, tem concorrido para a estagnação do Movimento, pois não se pode negar que, de uns tempos a esta parte, a Doutrina, que, aliás, nunca primou pela quantidade, não tem feito novos adeptos; com reais dificuldades e percalços, os pais espíritas têm transmitido aos filhos o calor do ideal que lhes aquece o coração... A nossa juventude – a juventude espírita entusiasta – está carecendo de apoio e as nossas crianças, de incentivo e de bons exemplos, para que se encaminhem às aulas de evangelização infantil. Precisamos, sim, com urgência, de fazer um Espiritismo para os nossos jovens e as nossas crianças, pois, caso contrário, os nossos centros espíritas hão de ficar às moscas. Exagero de minha parte? Mil vezes preferível que eu esteja, sim, exagerando ou equivocado por excesso de zelo. No entanto, a realidade não me desmente.

Orem, orem, sim, meus irmãos, pelo Inácio Ferreira e, por extensão, pelo médium que o atende... Quem sabe, de tanto lidar com criaturas em processo de desequilíbrio, eu tenha perdido o senso – é possível, é possível... Porque eu esteja a me comunicar mediunicamente e seja autor de alguns apontamentos doutrinários, não cometam a asneira de me considerarem Espírito Benfeitor; a maioria dos espíritos que emprestam os seus nomes às obras de cunho doutrinário – algumas delas transformadas em verdadeiros *best-sellers* – não passam de irmãos e irmãs comuns desencarnados, longe da aura de luminosidade que os homens lhes atribuem; são, sim, embora não todos, espíritos de boa vontade, ainda igualmente suscetíveis às fragilidades de seus médiuns...

Se nós, os espíritas, não nos empenharmos na vivência cotidiana do Evangelho, o Espiritismo não logrará cumprir entre os homens com o

desiderato de reviver o Cristianismo; teremos, como já o temos, uma farta e rica bibliografia, mas a Doutrina não passará de um áureo momento na história da Humanidade, confundindo-se com tantas outras filosofias espiritualistas que luziram e se eclipsaram, embora não tenham se apagado de todo. Não olvidemos que o Cristianismo se propagou, sem dúvida, pela excelência da Mensagem que veicula – da Mensagem que foi capaz de, ao longo dos séculos, formar santos e heróis, mártires e apóstolos que, em seu espírito e em seu corpo, a testemunharam às gerações porvindouras. Mais do que medianeiros da palavra, voltamos a enfatizar, escrita ou verbalizada, o Espiritismo está a necessitar de médiuns que, através de suas atitudes retas, arrebatem corações para a Verdade; de médiuns inspiradores de vidas, que despertem, com os seus exemplos, consciências adormecidas; de médiuns que se transformem em parâmetros comportamentais, pregando pela sua capacidade de amar e de servir desinteressadamente; de médiuns da boa vontade e da renúncia, da benevolência e do perdão; de médiuns que nos possibilitem enxergar, na transparência de suas ações, *o espírito do Espiritismo!*...

Entreguemo-nos, portanto, a tais reflexões, para que os nossos templos espíritas sejam a continuação da Casa do Caminho, que os Apóstolos ergueram em Jerusalém e sobreviveu à pompa dos templos pagãos que, a pouco e pouco, se transformaram em um monte de escombros, que a poeira dos séculos terminou por sepultar. Que os nossos núcleos de trabalho espírita sejam oficinas do Bem, sempre de portas abertas aos necessitados de todas as procedências! Para tanto, façamos, de uma vez por todas, que se calem as nossas discórdias e nos unamos, pura e simplesmente, no cumprimento das humildíssimas tarefas que nos foram confiadas – tarefas quase insignificantes, mas que nos transcendem e nos honram sobremodo!...

Perdoem-me, queridos irmãos, esta digressão tão longa e, com certeza, desnecessária, para aqueles que, em pleno anonimato, oferecem à Causa o melhor do melhor que possuem.

Assim, permitam-me retomar, nas páginas subseqüentes, o diálogo que, na companhia do diligente amigo Odilon Fernandes, entabulávamos com aquele jovem de nome Osório, que nos procurara em busca de uma orientação que, como tantos outros, não se mostravam muito disposto a acatar.

- Inácio - chamou-me Odilon, como se me despertasse de um longo devaneio -, onde é que você estava?
- Vagueando por aí... – respondi, fitando o rapaz à minha frente.
- O que o senhor estava pensando? – perguntou-me Osório, interessado em alguma revelação de natureza espiritual.
- Não se preocupe, filho; eu estava efetuando conjecturas sobre o Movimento Espírita; pelos prodígios da imaginação, *conversava* com os companheiros bem intencionados...

Entrementes, diante de nós, Osório deu início a estranho processo de transfiguração. Recomendando-me calma, Odilon permaneceu em expectativa, como se já soubesse o que estava para acontecer.

O jovem médium, inclusive do ponto de vista *físico*, se transformara quase por completo: parecera ganhar maior altura e perder peso, como se uma outra pessoa se lhe sobrepusesse à imagem; os seus olhos se mostraram mais penetrantes e a própria cor da pele se alterara...

Com voz um tanto soturna, a entidade que se lhe assenhoreara das faculdades indagou-nos enigmática:

- O que vocês querem de mim? Por que me evocaram a presença?
- Quem é você, meu irmão? – tomou Odilon a iniciativa do diálogo, enquanto eu procurava emocionalmente me recompor.
- Lêmur. O meu nome é Lêmur – respondeu com certa altivez.
- Em que lugar você vive atualmente?
- Numa dimensão desconhecida por vocês...
- Por que não podemos vê-lo?
- Vocês continuam a enxergar a Vida com os sentidos que o homem a enxerga, supondo abarcá-la no Universo... Poucos de vocês poderiam nos ver e nem todos, onde estamos, poderiam vê-los; aquilo que não nos interessa não nos fere a percepção.
- Que dimensão é essa à qual se refere? Onde se situa?
- Acima e abaixo, ao lado e, por assim dizer, no centro da dimensão em que vocês habitam... Vocês não sabem que existem dimensões que se interpenetram? É uma espécie de universo paralelo...
- Vocês são muitos?
- Não, não somos; este espaço foi criado pelo poder de nossa mente...

- Como assim?
- Ora, não me teste! – redargüiu impaciente. – Você sabe muito bem... Recriamos aqui a região da Lemúria.
- Recriaram?
- Sim, qual é o problema? É um direito que nos assiste, não? Somos imortais e optamos por viver como melhor nos convém...
- No entanto, meu amigo, o tempo avança; tudo tende à Perfeição...
- É uma questão de interpretação. Estamos bem assim, como estamos; apraz-nos viver como vivemos... Você chama de Perfeição o que os homens estão fazendo com o mundo que habitamos, um dia?
- E Jesus, o que significa para vocês?
- Um espírito elevado, sem dúvida, mas um sonhador; sucumbiu à tentação de se confundir com o Criador...
- Mas você não foi um monge beneditino?
- Não me fale disto... Aquilo foi “um acidente de percurso”; não sei como pude perder o controle... Quando dei por mim, já estava na carne.
- Então, você admite que existem Leis que nos governam e que, periodicamente, independente de nossa vontade, nos submetem?
- Repito: foi um acidente; não acontecerá de novo... Foi falta de prontidão mental de minha parte; a reencarnação é para os espíritos que se fragilizam...
- Todas as coisas evoluem...
- Até o ponto em que desejam; estou muito bem assim e não pretendo mais... Para quê?
- Qual, então, o motivo de você ter se ligado a este rapaz? Por que motivo você o incomoda?
- Eu, incomodá-lo?! Ora, não invente as coisas! O pensamento dele é que veio de encontro ao meu... Compadeci-me de suas aflições e resolvi atendê-lo... Afinal, o que me custa inspirá-lo a escrever, se o desejo dele é publicar um livro? Vocês não vivem pregando a caridade? E, depois, fomos irmãos...
- Irmãos consangüíneos?
- Sim, ambos vivemos no Egito; éramos sacerdotes...
- Então, você já reencarnou diversas vezes?
- No Egito, foi um outro vacilo de minha parte; a Atlântida havia submergido e...
- E antes que fosse um atlante?...
- Não me recordo de nada.
- Não se recorda ou não quer se recordar?... O seu *princípio espiritual* cumpriu uma longa trajetória: você *foi* um mineral, vegetal, animal, homem e, um dia, será anjo...

- Homem eu não fui, e anjo não pretendo ser... Dá-me asco pensar que eu possa ter sido humano!
- Foi também um ser elemental...
- Não me provoque, peço-lhe; eu não fui, não sou e não serei nada do que você está me dizendo... O que importa é o agora.
- E o livro que você ditou ao rapaz?
- “A Rebelião dos Capelinos”? Ora, trata-se de uma ficção...
- Será mesmo? Ou, nele, você é o personagem principal?...
- Não houve exílio algum; um grande asteróide chocou-se com o orbe em que vivíamos e... *morremos*. O Universo não é perfeito... De um instante para outro, a Humanidade pode desaparecer e, como os espíritos não morrem, procurarão outros mundos.
- Quer dizer que você não estava entre os rebelados? A história que sabemos é outra...

O espírito gargalhou e respondeu:

- O que vocês podem saber de nós, vocês que nada sabem de si? Meu amigo, não me faça rir!
- O que tem a dizer sobre Mediunidade?
- É um fato natural, cujo conhecimento não é propriedade de vocês... Todos os seres e todas as coisas se inter-relacionam. A Vida não é constituída de fragmentos.
- Então, Lêmur, você crê na Comunicabilidade dos Seres, na Reencarnação...
- Na Atlântida, na Índia e no Egito já se cogitava do que um francês reinventou com o nome de Espiritismo.
- Você sabe o que é Espiritismo?
- Mas é claro! Não se esqueça de que fui um monge beneditino...
- Foi ou continua sendo?

Esta pergunta de Odilon fizera o espírito estremecer, de cima abaixo.

- O que lhe importa saber?
- É que, desde o começo, acho que você está faltando com a verdade...
- Como ousa me chamar de mentiroso?
- Eu não pronunciei esta palavra...
- O que você quer de mim? Vamos, responda-me! – alteara o espírito o tom da voz, sentindo que a máscara começava a lhe cair do rosto.
- Você é mesmo quem diz ser?
- É óbvio que sou, o u melhor, que fui um beneditino.
- Foi ou continua sendo, meu irmão:?
- Como se atreve?...

- Eu não estou me atrevendo coisa alguma – ponderou Odilon -; você é que está se mostrando...

Naquele instante, o médium à nossa frente começou a passar por outra transfiguração: aquela figura alta e esguia deu lugar a alguém de baixa estatura e obeso... Os olhos se encovaram, um aspecto sombrio se lhe estampou no semblante e quase lhe pude ver, sobre os ombros, a conhecida capa escura da Ordem de São Bento.

- Pronto!... – exclamou, desafiador. – Você não queria me ver como sou? Eis-me aqui... O que pretende de mim?

- Pessoalmente, nada – responde o Mentor com impressionante serenidade. – Por que está perturbando este pobre rapaz e o vem enganando há tanto tempo?

- Alto lá! Eu não o enganei: eu disse a ele que era um monge...

- Que havia sido e que não continuava sendo...

- Ora, é uma simples questão de palavras.

- O que você pretende contra o Espiritismo? – formulou Odilon a pergunta crucial.

- Tudo! – respondeu sem mais sofisma. – Se você quer mesmo saber, eu e os meus colegas pretendemos tudo contra... Queremos arrasar com essa seita demoníaca e não hesitaremos; nosso propósito é o de estabelecer a confusão, enlouquecê-los... Como vocês são tolos! – e gargalhava estentoricamente. – Acreditam em tudo, na mais absurda das histórias...

- É engano seu, Lêmur.

- Lêmur!... Que Lêmur o quê?!... O meu nome é Celestino.

- Osório...

- Este rapaz é um tolo, um inocente útil... É fácil, extremamente fácil manipular a vaidade de vocês. Como vocês, os espíritas, são vaidosos e idiotas!...

Eu estava para interferir, quando Odilon, contendo-me em meus ímpetos, respondeu:

- No entanto, meu irmão, foram os “pobres de espírito” e os “puros de coração” que o Senhor bem-aventurou...

- Você quer que eu lhe diga uma verdade? – prosseguiu Celestino. – Fui, sim, monge e chamavam-me irmão Celestino. Quanto a Jesus Cristo...

E sorriu com ironia, emendando:

- Eu nunca o vi!... Tudo é um jogo de interesses banais; a Igreja organizou-se para dar guarida a um monte de homens e mulheres que necessitavam sobreviver... Estudamos a fundo os Evangelhos, as suas origens e concluímos que não passam de um texto bem articulado – um é cópia do outro, principalmente os que são atribuídos a Mateus, Marcos e Lucas; para começar, dizem, foram escritos em data bem posterior à suposta existência do Cristo...

- Você está se contradizendo – argumentou Odilon. – Primeiro, admite a existência histórica de Jesus Cristo, depois a nega...

- Deve, sim, ter vivido há muito tempo atrás alguém com este nome, mas, certamente, não foi quem a Humanidade reverencia; deve ter sido uma pessoa comum, sentenciada à morte como tantas àquela época... Foi Paulo de Tarso, expulso do Judaísmo, quem organizou o Cristianismo; ele era inteligente o suficiente para tanto, mas não os chamados de Apóstolos, que eram criaturas incultas...

- Durante quanto tempo – permita-me indagar – você foi monge, meu irmão?

- Mais de trinta anos...

- Enganou-se por mais de três décadas?...

- Não, eu não me enganei; conforme lhe disse, precisava sobreviver num mundo repleto de hostilidades: as muralhas do mosteiro me protegiam...

- E as preces que, cotidianamente, formulava? Os monges se impunham austeras disciplinas espirituais...

- Nem tanto, nem tanto; comíamos bem e bebíamos vinho em quantidade suficiente para nos entorpecer... Quanto às orações – ora, a gente acaba se acostumando com tudo, não é? Constituíamos uma sociedade semelhante a dezenas de outras, como, por exemplo, as que se dedicam ao Ocultismo: os Templários, os Teosofistas...

A respiração de Osório havia se tornado ofegante, dando mostras de desgaste e cansaço. Desejando poupá-lo, Odilon procurou sintetizar:

- Afinal, meu amigo, o que você pretende?

- Simplesmente, publicar um livro – nada mais, nada menos.

- E por que não tomou a iniciativa de fazê-lo diretamente?
- Eu?! Você está achando que sou tolo?... Se encontrei quem faça isso por mim, por que haveria de me expor? Quanto maior a nossa proximidade com a carne, maiores as chances de sermos apanhados...
- Apanhados?...
- Sim, renascermos ou, como vocês, espíritas, preferem, reencarnarmos... Centenas e centenas de nós estão voltando ao corpo, sem se darem conta do fato!
- Se você foi ou continua sendo monge por conveniência; se nunca teve e continua não tendo convicção alguma, por que ataca o Espiritismo?
- É uma doutrina pretensiosa demais: vocês querem construir um Mundo Novo, uma nova Humanidade, uma Nova Era... Ora, convenhamos, sejam mais realistas. Quem são vocês?! Deixem as coisas como estão... O Universo é regido por Leis?!... Ótimo! Por que interferir?... Essa história de Cristianismo Redivivo... Isso tudo é balela! Vivam e deixam viver. Não se baseiem em falsas premissas...
- Falsas premissas?...
- Jesus Cristo e Allan Kardec!... Vocês sabem quem conhece o tal de Kardec na Europa? Ninguém. Ele foi um professor medíocre, que acabou morrendo na miséria por acreditar nessas baboseiras. Só mesmo vocês, no Brasil, um país subdesenvolvido, sem cultura própria, para aceitar tudo o que vem de fora...
- Se o Espiritismo é, como diz, uma baboseira, por que se preocupa tanto?

Celestino, silenciando por alguns instantes, agitou-se no corpo do médium e respondeu:

- Como você é ingênuo!... Estamos conversando há quase uma hora e não está adiantando nada; estou perdendo o meu tempo... O meu intuito é o de provar como vocês, os espíritas, que dizem ter discernimento, engolem tudo. Se eu publicar o meu livro – “A Rebelião dos Capelinos”, ele haverá de ser um sucesso de venda. Vejam o Conde de Rochester...
- O que tem Rochester?
- Não importa o teor da obra e nem a credibilidade do médium que a receba – tendo o nome dele na capa, é o suficiente para que se fature alto. Imaginem: “A Rebelião dos Capelinos”, por Lêmur, psicografado por Osório... Não, Osório não soa bem literalmente; eu já disse isto a ele...
- Mas não significa – aparteei – que todo livro mediúnico seja necessariamente espírita...
- Ora, ora, o nosso doutor resolveu falar – observou com ironia -; as suas obras de *morto* estão causando polêmica...

- Você disse bem – retruquei: - as minhas obras de *morto*, porque as que escrevi enquanto encarnado...
- Viraram comida de traça! O senhor é um dos que deveriam me dar razão: o povo não quer nada com coisa séria e, sendo de origem mediúnica, qualquer livro é espírita...
- Não generalize; no Espiritismo, há muita gente que sabe separar o joio do trigo e, apesar das dificuldades de uma doutrina nascente, que ainda não completou 150 anos, nos centros espíritas estuda-se cada vez mais.

E, após breve pausa, concluí:

- Quanto aos meus trabalhos doutrinários, que, segundo a sua palavra, “viraram comida de traça”, cumpriram com a sua finalidade à época em que foram publicados. Somente Jesus pronunciou palavras de vida eterna...
- O senhor está procurando se consolar – observou com argúcia própria dos espíritos mistificadores – e sabe que não é assim. Que é, por exemplo, da maioria dos títulos de Francisco Cândido Xavier, que pode ser considerado um autor de hoje e não de ontem? Mais de quatrocentos livros publicados! Cerca de 2/3 talvez já não sejam mais editados e, dentro de mais cinco anos...
- Os seus títulos essenciais, respondi – ficarão para sempre, como ficaram os de Allan Kardec. Para quem se diz monge, você me parece espírita...
- O senhor justifica a fama que tem...
- Que fama, meu filho? De verme?!...
- A fama de envolvente, mas comigo não; comigo não funciona...
- Você está se sentindo envolvido?
- Pare de me atormentar! Feche essa matraca...
- Está perdendo a linha...
- Eu já lhes dei *trela* demais...
- *Trela*? Este termo não me é habitual. O que significa?
- Chega! Vou-me embora...
- Para onde e fazer o quê?
- Não me perturbe, não me perturbe... Eu não queria que este idiota viesse procurá-lo. Vocês armaram para mim... Dois contra um é covardia.
- Não estamos contra ninguém; ao contrário, estamos a favor...
- Cale-se! – gritou, a se estorcegar.

Fazendo-me discreto sinal, Odilon retomou a palavra:

- Meu irmão, o nosso intuito é o de sempre cooperar com os que nos procuram; jamais seria nossa intenção ofendê-lo... Portanto, não nos

interprete mal. O Espiritismo é uma doutrina cristã, que está no mundo com o objetivo de concorrer para que o homem se faça mais fraterno. Não podemos aceitar o império do caos. A morte não existe e, se somos imortais, estamos fadados a algo que, por agora, talvez nos escape à compreensão. Deus é Amor e, em vão, pelejaremos contra os seus Desígnios.

- Eu preciso ir... A minha obra será publicada. Este tolo estragou os meus planos: é o que eu temia... Mas isto não ficará assim. Procurarei outro médium – eles existem em maior número aqui, deste Outro Lado, do que na Terra... Vocês não nos impedirão. Somos muitos – uma legião – e temos centenas de livros prontos, um verdadeiro arsenal liberário para lhes comprometer a idéia: padres e freiras que, com sutileza e perspicácia, haverão de confundi-los...

- Não obstante – ponderou Odilon -, a Obra Kardequiana será sempre o ponto aferidor para todas elas...

- Kardec, Kardec!... É só o que vocês sabem dizer, mas, a pretexto de atualizá-lo, o Espiritismo de vocês está sendo adaptado e não adaptando...

E gargalhava, enigmático, acrescentando:

- Tentamos com a Parapsicologia: não deu certo... Quem sabe, a Psicologia, não é? Ou a Física Quântica, que está na moda... O nosso propósito é o de enfatizar a Ciência e afastar, de vez, a nociva influência da Religião.

Não tínhamos condições de continuar sustentando a conversa com a entidade, que se retirara, deixando o médium em estado de grande prostração. Amparado por mim e Manoel Roberto, o rapaz foi acomodado no alvo leito de um quarto contíguo ao meu gabinete.

Enquanto Manoel Roberto proferia sentida oração, Odilon, que me solicitara auxílio, transmitiu passe no rapaz semidesfalecido, impondo-lhe, demoradamente, as mãos nos plexos solar e coronariano, nas regiões do tórax e do cérebro. Como se lhe constituíssem prolongamento das mãos espalmadas, filamentos luminosos eram naturalmente despendidos pelo Instrutor, sendo aquelas emanações absorvidas por Osório, como se o seu corpo espiritual houvesse se transformado numa espécie de esponja.

Aos poucos, o viço foi-se-lhe estampando novamente no rosto, a respiração se normalizou e a excessiva sudorese se interrompeu, com o médium, agora, mergulhando em necessário sono de refazimento.

- Manoel – solicitei ao abnegado companheiro -, providencie alguém para permanecer no quarto, fazendo-lhe companhia; é possível que ele duram durante várias horas, mas gostaria de estar por perto quando acordasse. Por favor, assim que ele começar a despertar, chamem-me, e faça-me o obséquio de guardar este volume na gaveta de minha mesa.

- “A Rebelião dos Capelinos” – leu Manoel em voz audível, folheando o calhamaço que eu lhe confiara e saindo, para tomar as providências recomendadas.

Entrementes, valendo-me da presença de Odilon, sempre tão assoberbado pelas obrigações que o requisitavam, deste Outro Lado da Vida (as suas visitas a mim, ultimamente, se faziam cada vez mais raras), aproveitei os minutos que nos restavam naquela noite para ouvi-lo em maiores esclarecimentos.

- O rapaz me parece um médium promissor, você não acha? – interroguei.

- Sem dúvida – respondeu o Mentor, no diálogo que se desdobrou entre nós com o mínimo de palavras.

- É uma pena que esteja debaixo de tão estranha influência...

- Todos, Inácio, estamos debaixo de influências nocivas e salutares, que assimilamos de acordo com o nosso estado mental. Mediunidade e obsessão, no que tange à sintonia, são processos análogos.

- Em geral, o médium oscila muito, não é?

- Oscila, como oscilamos também, por exemplo no humor com que nos relacionamos com as pessoas no cotidiano: ora estamos de semblante

alegre, ora taciturno... Todos somos suscetíveis de alterações emocionais e psicológicas, de um minuto para outro.

- Você rotularia isto de desequilíbrio?

- Invigilância, seria o termo mais apropriado, ou, ainda, imaturidade. Não somos senhores de nós e não sabemos lidar com as nossas forças mentais.

- Sequer conseguimos controlar a palavra... Há tanta gente que fala e, em seguida, se arrepende do que falou.

- E a palavra, Inácio, leva um certo tempo para se articular, podendo ser submetida ao crivo da razão.

- Ao contrário do pensamento...

- Do pensamento, que é nossa própria identidade, fluindo de nós com incrível espontaneidade.

- Como, afinal, poderíamos exercer um maior controle sobre o pensamento que tende a se transformar em ação?

- Educando-nos em profundidade.

- Mas, se somos o que pensamos, como podemos ser diferentes?...

- O Evangelho, que é o Verbo Divino, é o Pensamento de Jesus que veio nos plasmar o pensamento...

- Então, Jesus veio nos “fazer a cabeça”?

- O Cristo superou o “ego”, que, em nós, se encontra em confronto com o “eu”...

- Por este motivo, *brigamos* o tempo todo conosco?

- Sim; em síntese, a trajetória evolutiva que cumprimos é uma luta milenar do humano com o divino, ou seja: do “ego” contra o “eu”.

- Eu nunca entendi muito essa história de “ego” e “eu”... Em mim, coexistem dois Inácios? Se um só já é demais...

- O “eu”, Inácio, é a nossa consciência: é o ouro que se destaca da ganga, a pérola que se liberta da concha, o lírio que desabrocha no pântano; o “eu” é tudo o que restará de nós...

- É o “eu” que argumenta com o “ego”? O que seria o “ego”?...

- O “ego” é a imperfeição... O “eu” contraria o “ego”, e o “ego” contraria o “eu”...

- Não dá para os dois entrarem num acordo?...

- Os interesses são diferentes.

- Meu Deus, quanta complicação!... Como saber quando estou agindo através do “eu” ou através do “ego”?

- O “eu” é amor, o “ego” é paixão; o “eu” é altruísmo, o “ego” é egoísmo; o “eu” é renúncia, o “ego” é desejo...

- Alguns chamam o “eu” de “superego”...

- É uma questão de palavras.

- Somos seres cindidos?...
- Inácio, sem o “eu”, o “ego” jamais se redimiria; atentemos e, sem dificuldade, constataremos a distinção: através do “eu”, o Pensamento de Deus dialoga conosco, ou seja, com o nosso “ego”...
- Tentando convertê-lo...
- Sim, para que, conforme nos disse Jesus: “Sede vós logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito”.
- Perfeitos *como* Deus?...
- *Como Ele é perfeito*, e não igual; a criatura nunca se nivelará ao Criador...
- Então, o “ego” nunca será o “eu”...
- O “ego” será *como* o “eu”, mas não igual ao “eu”; o “Eu” é único em todos os “egos”...
- E onde é que entra a obsessão nessa trama toda?
- A obsessão é um “ego” reforçando o outro...
- Ou subjugando...
- Você está começando a entender, Inácio – caçou Odilon, com o propósito de desconstruir.
- E na mediunidade?... Na mediunidade, temos a participação do “ego” e a participação do “eu”; quanto mais “ego” na mediunidade, mais intercâmbio na horizontal; quanto mais “eu”, mais sintonia na vertical...
- Por favor, Odilon, que o seu “eu” faça um pouco mais de luz em meu “ego”...
- Em termos de mediunidade, apenas em condições excepcionais o “ego” deixa de interferir.
- Falemos numa terminologia espírita.
- Jesus era Médiun de Deus e, entre ambos, havia plena identificação...
- “Eu e o Pai somos um”!
- Criatura e Criador se identificando no mais alto nível!...
- E o homem comum? – perguntei.
- É médiun do homem comum.
- No corpo e fora do corpo...
- Perfeitamente. O intercâmbio mediúnico não se restringe a contatos entre dimensões de natureza física que sejam distintas; em última análise, mediunidade é o intercâmbio entre *dimensões mentais* diferentes...
- E a questão do animismo?
- Animismo é mediunidade.
- E a mistificação?
- É mediunidade também.
- Tudo, então, é mediunidade?

- É mediunidade onde prevalece o “ego” ou o “eu”, um se sobrepondo ao outro.
- Na obsessão...
- Temos a tirania do “ego”. Vejamos o que Kardec nos fala: “*obsessão* (...), o império que alguns espíritos sabem exercer sobre certas pessoas. Ela não acontece senão pelos espíritos inferiores que procuram dominar”.
- Como interpretarmos o caso de Osório?
- Osório é médium sob uma influência obsessiva.
- Passível de ser tratada com êxito?
- É evidente, desde que ele se disponha a cooperar.
- E se Celestino, o espírito obsessor, não permitir?
- Tanto a obsessão quanto o transe mediúnico são *fenômenos consentidos*; o obsessor não constrange a vítima, se a vítima não lhe concede permissão, consciente ou inconscientemente.
- Inconscientemente?...
- Sim, pelo remorso de uma falta cometida, pelo sentimento de culpa exacerbado ou... pela afinidade de intenções, as mais veladas.
- Mesmo nos casos de possessão, Odilon?
- Mesmo nos casos das mais terríveis subjugações; por este motivo, tratar a obsessão significa, primeiro, tratar o obsediado.
- Mas se Celestino não quiser largar Osório?
- Se Osório quiser largá-lo, Celestino continuará obsidiando um *fantasma*...
- Não há constrangimento de natureza física da parte do algoz desencarnado... j
- Tal constrangimento somente seria possível através de um consentimento mental...
- Consentimento mental apenas?
- O consentimento moral está implícito: é decorrente, e vice-versa.
- E o carma entre os dois?
- Se o carma fosse impedimento absoluto à redenção do espírito, todos os esforços da evolução seriam baldados. O mal não carece de ser reparado pelo mal. “O amor cobre multidão de pecados”... Se eu o ofendo e, reconhecendo o meu erro, lhe peço perdão e você não me perdoa, o problema passa a ser mais seu do que meu. Concorda?

Odilon deveria se ausentar, já que as tarefas da instituição que dirigia reclamavam sua presença. O diálogo que mantivéramos, como sempre, fora muito proveitoso para mim; conversáramos sobre diversos assuntos pertinentes à Doutrina e à Vida, e aquele meu estado de espírito apático cederia lugar a um novo entusiasmo. Odilon, dentre as suas inúmeras qualidades, é portador do dom do encorajamento: a sua simples presença se traduz por paz e alegria.

- Inácio – explicou-se -, necessito verificar como estão indo as coisas no Liceu; tudo estando em ordem como deve estar, amanhã o estarei de volta, para que, juntos, se você me permitir, acompanhemos o desdobrar do caso de Osório.

- Estarei esperando-o – respondi, correspondendo ao seu afetuoso abraço.

Quando Odilon saiu, sentindo-me completamente sem sono (deste Outro Lado, temos ainda certa carência de repouso), comecei a folhear o exemplar de uma revista que estava sobre a minha mesa de trabalho; trata-se de uma publicação que, em algumas de suas páginas, estampa reportagens pertinentes ao Movimento Espírita na Terra.

Chamou-me a atenção a notícia de que o pesquisador indiano, Dr. Banerjee, encontrara-se com Chico Xavier, na cidade de São Paulo, e, com auxílio de um tradutor, mantiveram interessante diálogo alusivo à Reencarnação. À época do referido encontro, eu ainda estava encarnado, vários periódicos espíritas o haviam noticiado, mas, confesso-lhes não ter ligado ao fato maior importância.

Com o intuito de me tranqüilizar em relação aos últimos acontecimentos, desligando a mente do caso Osório – Celestino, comecei a ler a curiosa reportagem. O Dr. Banerjee, hoje desencarnado, falava ao Chico Xavier sobre o andamento das pesquisas em torno da Reencarnação, esperançoso, inclusive, de que a Ciência oficial, em breve, viesse a admiti-la. Em determinado trecho, o médium perguntou ao cientista se ele vinculava aos seus estudos alusivos às vidas sucessivas o aspecto moral ou se se preocupava apenas com a sua constatação. A meu ver, a indagação formulada era extremamente importante, porque, ao que sabemos, a Índia, por exemplo, pode ser considerada um país

reencarnacionista, no entanto a crença generalizada na pluralidade das existências pouco ou nada alterou a vida do povo indiano, que continua a se ver às voltas com arraigados preconceitos. O Dr. Barnejee esclareceu que, em suas pesquisas, não dava ênfase ao aspecto moral ligado à Reencarnação, não a estudando, em outras palavras, à luz da Lei de Ação e Reação. – “Então – observou Chico Xavier com a devida cautela, para que o ilustre visitante não se sentisse magoado -, pouco vai adiantar...” E completou: - “Se o homem não se sentir responsável pelo seu destino, simplesmente crer na Reencarnação não fará com que ele mude de comportamento... De que nos vale admitir que somos imortais e que vivenciamos um sem- número de existências no corpo perecível, se não damos ao conhecimento que possuímos neste sentido um significado mais transcendente?”.

A inteligente observação do notável medianeiro me induzia a profundas reflexões: - Meu Deus, o Chico tem razão; eu ainda não havia pensado nisto... Temos, dos Dois Lados da Vida, envidado os maiores esforços para que a Ciência comprove a Reencarnação, mas este será apenas o primeiro passo; a constatação de semelhante realidade, predispondo-nos à indispensável renovação íntima sob a égide do Cristo, deve acontecer ligando o fato à trajetória evolutiva que o homem cumpre, à custa de si mesmo, desde as mais remotas eras. Eu estava tendo a oportunidade de observar *in loco*, ou seja, na Vida de Além-Túmulo, que a constatação da própria sobrevivência, pouco ou quase nenhuma repercussão de caráter moral tinha sobre determinados espíritos, que continuavam a viver despreocupadamente – continuavam a viver como se a Imortalidade lhes fosse um dom outorgado pelo Criador e... ponto –final. Aliás, momentos atrás, na comunicação de Celestino tivéramos um exemplo do que Chico Xavier dissera: o ex-monge beneditino se reconhecia vivo depois da morte, admitia ter tido várias existências no corpo, em épocas diferentes, mas prossegui o mesmo, sem qualquer motivação para empreender em si a menor mudança.

Quantos séculos – dava seqüências às minhas reflexões – a Ciência gastara o ainda gastaria para proclamar a verdade reencarnacionista, a que as religiões dominantes, por interesses escusos, vêm se opondo terminantemente? De mais quantos séculos necessitaremos, para que, então, a própria Ciência, com base na Reencarnação, modifique as suas concepções no campo da Psicanálise, da Psiquiatria e mesmo da Genética? Este segundo passo, sinceramente, me parecia, como me parece, mais difícil que o primeiro.

Novamente, o meu pensamento se fixou na Índia, onde quase a totalidade da população, exceção feita dos muçulmanos, é reencarnacionista; tenho a impressão, no entanto, de que, de maneira geral, os indianos acreditam na Reencarnação – os hindus, os budistas, os jaimistas, etc. -, como os católicos crêem na existência do Céu, do Inferno e do Purgatório: raros são os que vivem com a intenção de ir para o Céu; a maioria se contenta com o Purgatório, não despendendo o menor esforço na aquisição das virtudes que os elevariam... Lembro-me de um amigo católico que me dizia: -“ O nosso Purgatório é melhor do que o Umbral de vocês, os espíritas: do Purgatório passamos ao Céu; do Umbral vocês voltam para a Terra, que é o Inferno...”

Por este motivo, pensando nas culturas reencarnacionistas existentes no mundo, ultimamente eu exaltava o valor do Espiritismo, que, sem dúvida, não se trata de mais uma delas, como muitos de seus opositores insinuam; vivenciando o Evangelho do Cristo, o Espiritismo prega a Reencarnação como fator de progresso moral, de ascensão individual do espírito, com base no “amai-vos uns aos outros”: ele é uma doutrina de profunda integração com a Vida!... Por isto, certamente, conta com tantos adversários, na Terra e em suas adjacências, entre os homens e os espíritos.

Os espíritas efetivamente, não somos melhores do que ninguém; muitos de nós chegam a ser piores que os mais empedernidos adeptos da filosofia de Epicuro, que exalta o prazer como a única finalidade da existência humana; todavia, nós, os seguidores do Espiritismo, estamos no terceiro passo, ou seja: aceitamos a Reencarnação, relacionamo-la com a ética – o homem é o artífice do próprio destino! -, mas, em maioria, não nos sentimos capazes de viver de modo consentâneo com os postulados a que aderimos: estamos tentando contemporizar... Habitados a ganhar o Céu, que a igreja sempre nos prometeu, desde que, à última hora, nos arrependêssemos de todos os pecados, adiamos, *sine die*, agora na condição de espíritas, o início de nosso processo de renovação, que se alicerça no esforço intransferível.

Eu não sei, mas tenho comigo a desconfiança de que o preconceito dos homens contra Jesus Cristo é maior que o preconceito contra a idéia da Reencarnação: os homens aceitarão a Pluralidade das Existências, a Mediunidade, a Vida em outras Dimensões, a Obsessão, a Cura, pelo simples toque das mãos, mas Jesus há de ficar por derradeiro!... Se

assim fosse, tão-somente a crença na Imortalidade, apregoada por todas as religiões, seria suficiente para modificar o comportamento da criatura – o que, infelizmente, não acontece. Dentro do Espiritismo, o Cristo vem contando com opositores...

Pousei, lentamente, a reportagem sobre a minha mesa de trabalho e fiquei olhando a foto daqueles dois grandes expoentes do Espiritualismo – Chico Xavier e o Dr. Banerjee -, e, sem perceber, cerrei os olhos, cochilando como nos velhos tempos. Naquela noite, eu não consegui ir para a cama: dormi ali mesmo, como estava, até que os primeiros raios do alvorecer me despertassem ao canto de lindos pássaros, que sempre vinham se alimentar à minha janela. Retirando do armário uma sacola com minúsculas sementes quase idênticas ao painço, abri a janela e lhes ofereci o desjejum em minha mão espalmada... O dia estava esplendoroso! O Sol ameno, os pássaros que vojavam felizes, e o perfume das flores que balsamizavam o ar davam-me a impressão de que eu estivesse noutro lugar – no Plano Espiritual, sim, mas não naquele em que o meu espírito ainda se encontrava.

Não demorou muito para que eu tornasse à realidade. Com discretas pancadas à porta, Manoel Roberto adentrou o recinto e, passando em meio a suas pernas, um lindo angorá que, rápido como uma flecha, saltou sobre o encosto de uma poltrona e assustou os passarinhos que voaram para longe... Sim, *por aqui*, onde o homem ainda caça o homem, os gatos também se constituem em ameaça para as aves indefesas e ingênuas.

- Dr. Inácio, o senhor me pediu que o avisasse quando Osório começasse a acordar.

- Ora, Manoel – respondi-lhe -, você precisa aprender a ter um pouco mais de *poesia*...

- Mas eu não sou poeta, Doutor!

- Esqueça, Manoel, esqueça.

- O que o senhor quis dizer com isto?

- É que eu estava me sentindo tão embevecido, tão leve, nesta manhã tão linda!

- É, Doutor – retrucou o companheiro, reticente -, mas o Osório está acordando...

Osório, aos poucos, retomava o estado de vigília e, semelhante a alguém que fugia a um pesadelo, se debatia na cama, onde um enfermeiro – auxiliar procurava contê-lo.

- Acalme-se, meu filho, acalme-se – disse-lhe, pousando a destra sobre a fronte pálida.
- Onde estou? Onde estou?... – perguntou com voz trêmula.
- Você está em nossa companhia... Não se preocupe, abra os olhos e conserve-se tranqüilo.
- Dr. Inácio!... É o senhor?
- Sou eu mesmo, meu filho.
- O que foi que houve? Perdi a consciência...
- Está tudo bem agora.
- Não quero ficar internado... Eu não estou louco.
- Não, não está; você sentiu-se mal durante o transe...
- Lêmur?...
- Conversamos longamente com ele, por seu intermédio.
- Onde está o meu livro? Por favor, o meu livro...
- Está guardado; assim que você se sentir melhor, nós o devolveremos.
- O que os senhores acharam? Lêmur conseguiu convencê-los de nossa intenção?

Antes que eu tomasse a iniciativa da resposta, a porta do quarto delicadamente se abriu: era, para minha alegria, Odilon de volta, que, como sempre, se esforçava ao máximo para ser discreto.

- Trataremos disto mais tarde – redargüiu -; o importante agora é que você recupere.
- Mas, eu estou bem – falou, tentando inutilmente se levantar. – Ai!, o meu corpo pesa como chumbo e as minhas pernas não me obedecem... Eu nunca me senti tão mal!
- Você precisa descansar um pouco mais...
- Eu não quero ficar aqui... Trata-se de um hospital para médiuns doentes; vocês não podem me reter contra a minha vontade...
- Assim que você conseguir se levantar e caminhar, poderá ir embora.
- Eu tenho família, pessoas que se interessam por mim...
- Nós também nos interessamos por você e fazemos parte de sua família. Não é, Odilon?- evoquei a presença do companheiro que se mantivera à distância.

- É claro, Osório; você pode contar conosco.
- Dr.Odilon, explique-me o que houve...
- Você caiu em transe profundo e Lêmur manifestou-se por seu intermédio.
- O que foi que ele disse? – indagou o rapaz, sendo auxiliado por Manoel Roberto a ajeitar-se melhor nos travesseiros.
- Está tudo bem; ficamos de dar seqüência à conversa noutra oportunidade... Atenda ao que o nosso amigo Dr. Inácio está lhe dizendo: refaça-se primeiro e, depois, falaremos de você e de sua obra.
- Posso confiar em vocês?
- Filho, a nossa intenção é a de colaborar.
- Eu não estou obsidiado, estou?
- Todos estamos – aparteei, antecipando-me a Odilon -: eu estou, o Manoel Roberto está, o Odilon, eu não sei...

O rapaz ensaiou esboçar um sorriso, mal conseguindo manter as pálpebras abertas.

- Que sono estranho!... – disse, com os olhos já completamente fechados.
- Durma, meu filho, durma um pouco mais... Tranqüilize-se.

Solicitando a Manoel Roberto que diminuísse a claridade existente no quarto, saímos, procurando não fazer o mais leve ruído.

- Agora é que, de fato – comentei – ,ele dormirá um sono reparador. Quando acordar pela segunda vez, estará com a fome de um leão.
- Quem sabe, Inácio, consigamos encaminhá-lo ao Liceu.
- Odilon, você já comeu alguma coisa? – pergunte, sentindo a necessidade de, pelo menos, um copo de suco (os nossos irmãos encarnados, me permitirão – a mim que, graças a Deus, à minha porta jamais neguei sequer um copo d'água a alguém, ou algo para comer – o direito de, na condição de desencarnado, pacificar o estômago com um inocente suco de frutas: eu ainda não aprendi a me alimentar única e exclusivamente através dos princípios vitais atmosféricos!...)
- Obrigado, Inácio – esclareceu o amigo, escolhendo palavras para não me ofender -; fiz uma rápida refeição pelo caminho...
- Sorvendo, como as abelhas, o néctar das flores, não é? – brinquei, não conseguindo arrancar de Odilon o menor comentário. Eu sabia que, desde muito, o devotado seareiro libertara-se, quase por completo, do hábito de oferecer alguma coisa ao estômago.

Aproveitando o ensejo, digo-lhes, por mais que isto lhes cause estranheza: quem ainda tem estômago funcionando por aqui, também tem intestino... Estamos conversados ou preciso detalhar? É verdade que, nesta dimensão, não estamos como vocês, mergulhados num *mar de coliformes fecais*; é *coliforme fecal* até nos ambientes que consideram mais higienizados: *coliforme fecal* nas verduras e legumes, na carne que utilizam para consumo, na água mineral, nos quitutes das lanchonetes, nos alimentos enlatados, no sorvete e no picolé... E eu, por vezes, fico pensando: - Meu Deus, como é tolo e vão o orgulho do homem sobre a face da Terra – do homem que, praticamente, respira *coliforme fecal*!... Essas madames e esses ricos, esses preconceituosos, racistas e fanáticos, europeus e norte-americanos, todos cobertos por uma espessa *nuvem de coliformes fecais*, tanto quanto os pobres que abominam, os párias da sociedade, que vivem numa condição quase subumana... O mundo da carne perecível é o império dos vírus e das bactérias, dos microorganismos patogênicos mutantes, que sempre haverão de desafiar as modernas conquistas da Medicina, reduzindo a prepotência dos homens ao monte de... *coliformes fecais*!

Bem, enquanto eu deglutia o suco de frutas, que me substituíra o hábito do café, com pão e manteiga ou mortadela, pela manhã, questionei, intrigado:

- Odilon, o espírito do monge beneditino que se comunicou por Osório referiu-se a uma “central do livro”...
- Sim – explicou -, ele não estava blefando...
- Uma “central do livro”...
- Uma produção em massa de livros de origem mediúnica, com o propósito de combater o avanço da Doutrina.
- De origem mediúnica?...
- De origem mediúnica.
- Dirigida por quem?
- Por monges beneditinos desencarnados; muitos deles foram os mesmos que atearam fogo à famosa biblioteca de Alexandria.
- Então, são especialistas em combater a idéia espírita do livro...
- ...através do próprio livro supostamente espírita.
- Como é que funciona?
- Eles redigem as obras com sutileza, em todos os gêneros literários, discutem os temas entre si, chegam a um consenso, elegem as “melhores” e...
- ... procuram médiuns para transmiti-las?...
- Exato.

- Nos últimos tempos, a produção mediúnica tem sido intensa.
- Todavia, não se concentram com exclusividade no campo da literatura propriamente espírita, os nossos irmãos de Ideal vêm desenvolvido apurado bom senso neste sentido e, de modo geral, sabem separar o joio do trigo.
- De fato, vem surgindo uma literatura mediúnica espiritualista – uma literatura descomprometida com a Causa... Quem diria!
- No Brasil e, principalmente, no Exterior; obras que têm sido traduzidas para o português, o espanhol, em sucessivas edições.
Que coisa terrível! Difícil acreditar numa coisa dessas...
- Inácio, não demorará muito e teremos uma bibliografia mediúnica... católica!
- Com os espíritos contradizendo...
- Contradizendo informações doutrinárias, ou seja, revelando um Mundo Espiritual vasto e independente, alheio e contraditório.
- Concorrência desleal!
- Nos Estados Unidos da América do Norte, as obras espiritualistas descompromissadas com a Verdade, inclusive com o Evangelho de Jesus, já figuram entre as mais vendidas...
- Poderíamos, Odilon – solicitei -, conhecer mais de perto uma dessas “centrais” existentes no Brasil, voltadas para o combate do livro genuinamente espírita?
- Sem abrir mão da indispensável cautela, a título de estudo e de alerta aos nossos confrades nas lides do corpo, poderíamos.
- Qual é a sua localização?
- Teremos que *descer* ...
- *Descer?*...
- Às regiões subcrostais, onde, de preferência, são localizadas muitas das atividades clandestinas que certas entidades desenvolvem, com o intuito de atravancar o progresso da Humanidade.

Enquanto nos preparávamos para a expedição, que ficara marcada para dali a dois dias (esperaríamos que o amigo Paulino Garcia viesse se juntar a nós), entramos a conversar sobre diversos outros assuntos, de interesse para o trabalho que temos procurado desenvolver na Doutrina.

- Inácio – perguntou-me Odilon, com delicadeza -, diga-me: como é que vem se desenvolvendo a sua tarefa literária, junto ao companheiro que, presentemente, nos serve de instrumento às manifestações?

- Com as dificuldades que você tão bem conhece; sinceramente, eu não fazia idéia que o *entrosamento mediúnico* estivesse sujeito a tantos obstáculos... Quando Allan Kardec escreveu, em “o Livro dos Médiuns”, que a mediunidade “é devida a uma disposição orgânica”, eu imaginava que fosse apenas uma questão ligada à chamada *glândula pineal*.

- Na questão de número 1 do ítem 226, capítulo XX – “Influência Moral do Médiun”.

- Sim, é nela que o Codificador pergunta? “O desenvolvimento da mediunidade está em relação com o desenvolvimento moral do médium?” Os Espíritos Superiores responderam: “Não; a faculdade propriamente dita prende-se ao organismo; ela é independente do moral; o mesmo não acontece com o uso que pode ser mais ou menos bom, segundo as qualidades do médium”.

- A mediunidade é uma faculdade neutra, como, por exemplo, a faculdade de ver, de ouvir, de falar...

- Eu não supunha, Odilon, que o organismo influenciasse tanto no seu exercício, mais até que a própria moral – e não estou me referindo, especificamente, à pineal, considerada a glândula da mediunidade.

- Que, por assim dizer, é o órgão físico de natureza mais espiritual que o homem possui, posto que a referida glândula subsiste em seu corpo espiritual.

- Se fosse única e tão-somente colocar a pineal em funcionamento, mormente, é claro, nas condições ditas inteligentes, tudo seria fácil...

- Seria como se ligasse um computador e programá-lo, não é?

- Todavia, a questão física é muito mais complexa do que aparenta. Quantas vezes não nos deparamos com o médium completamente indisposto organicamente e, mesmo assim, necessitamos operá-lo? Não estou me referindo a uma doença de natureza grave, mas às diminutas indisposições, por exemplo, estomacais e outras. Uma crise de sinusite, por exemplo ainda, desencadeada por um estado gripal...

- Impede que o médium respire normalmente e interfere no fenômeno da oxigenação cerebral...
- Passando a receber reduzida cota de oxigênio, devido à obstrução nasal, o cérebro do médium se obnubila, ou seja, não responde com prontidão e lucidez desejadas, dificultando o transe.
- E nesses casos, Inácio, que, agora, conhecemos bem dos Dois Lados da Vida, não há condição moral que resolva...
- É evidente que o espírito elevado é menos suscetível às imperfeições da matéria, ele não adoece com tanta frequência...
- O espírito elevado não precisa de ser médium – observei -, pelo menos não dentro dos padrões normais. Chico Xavier, na minha concepção...
- Na nossa, Inácio...
- ... era um espírito acima da média e, no entanto, vivia doente, como eu...
- Ora, meu amigo, não gracieje com coisa tão séria! A sua bronquite crônica que, depois, se transformou num enfisema, era resultado dos cigarros que fumava...
- Quase duas carteiras, por dia... Eu respirava por um verdadeiro milagre da Natureza! Constantemente, tinha que me submeter a inalações. Enquanto eu era jovem, ou mais jovem, o corpo agüentou bravamente.
- Eu sei ao que você se refere, porque, em tempos que já se foram, eu também fumava, o que, conforme sabe, valeu-me um câncer pulmonar! E olhe que eu me libertara do vício havia décadas!
- Quantas vezes, Odilon, eu tinha que escrever um artigo para “A Flama Espírita”, a idéia estava na cabeça, mas o pensamento não fluía; quando, fisicamente, mais bem disposto, era uma beleza: tinha a impressão de que estava psicografando, tal a celeridade com que o fenômeno da escrita se processava...
- De fato, Inácio, o médium tem que se cuidar.
- Não adiantam a pineal luzindo, a sua boa vontade e a sua retidão de caráter, se ele se apresenta para o serviço de intercâmbio de estômago empanturrado; há médium que dorme na reunião mediúnica, não porque esteja a se desdobrar ou doando fluídos em favor dos espíritos doentes: é problema digestório, mesmo! Comeu em excesso durante o dia, quando não bebeu...
- O álcool, então, mesmo em doses diárias insignificantes, é algo que não combina com mediunidade. Repito: não se trata apenas de uma questão moral ligada a vampirismo e congêneres – o cérebro entorpece...
- Altera-se o quimismo cerebral e, conseqüentemente, há distúrbios hormonais.

Após ligeira pausa, continuamos:

- Veja bem, Odilon: sou o aluno querendo ensinar ao professor...
- Ao professor?!... Onde está, que não o vejo?...
- Além desses impedimentos orgânicos aos quais estamos fazendo referência, extremamente difíceis de serem arredados, existem outros fatores ainda mais determinantes .
- Sem dúvida, Inácio , sem dúvida. A questão orgânica costuma ser transitória, mas o estado íntimo do medianeiro...
- Não é raro que os médiuns se nos mostrem apáticos... Não estou me reportando a influências espirituais nocivas, que rotulamos de obsessão.
- Eu sei...
- Desejo colocar em destaque a questão psicológica, emocional do medianeiro.
- É bom, Inácio, que façamos semelhante comentário, porque os nossos irmãos encarnados...
- Não sabem – e realmente não sabem – as condições em que trabalhamos.
- As condições insalubres da mediunidade!.
- O médium, sob o aspecto emocional, é suscetível das mais diferentes variações...
- É justamente – observou o Mentor – onde ele se revela mais vulnerável e frágil.
- A lista é extensa... Os nossos irmãos encarnados nos cumulam de tantas exigências, que chegam a ser injustos conosco.
- Isto tudo, sem fazermos a menor alusão à nossa parte, não é?
- Que parte, Odilon? – indaguei com ingenuidade proposital.
- Ao nosso estado de espírito...
- E também às condições de nossa pineal, não é? Afinal de contas, não somos criaturas mutiladas...
- E, se não enfrentamos, por aqui, questões alimentares de relevância, as quais nos referimos anteriormente, os problemas de ordem psicológica persistem conosco.
- Como persistem! Às vezes, o médium está preparado para a gente, mas é a gente que não está preparado para ele. Estou falando assim, Odilon, com referência à minha pessoa e aos Espíritos de Benfeitores.
- Os Espíritos realmente Benfeitores (é interessante que os nossos irmãos na carne o saibam) não vivem com essa disponibilidade toda...
- O espírita, equivocadamente, acredita que vai chegar iluminado às regiões do Além, guindado à condição de Espírito Superior. Se a desencarnação nos santificasse, ótimo; o grande problema da morte

continua sendo a vida!... Eu, Inácio Ferreira, não consigo deixar de ser o Inácio Ferreira que sempre fui. O que me conforta é que com todo o mundo é assim...

Avisando-me de que um paciente permanecia à minha espera, para uma consulta que agendaríamos previamente, Manoel Roberto, com a discricção que eu sempre lhe admirei, interrompeu a conversa que, com Odilon, sobre qualquer assunto, era sempre elucidativa.

- Doutor – comunicou-me, desculpando-se -, o Ismênio está aguardando.
- Irei em seguida – respondi. – Então, meu caro amigo – concluí, voltando-me para Odilon -, a respeito de sua pergunta inicial, digo-lhe: estamos indo – eu e o médium que tem se disposto a colaborar conosco, a trancos e barrancos, estamos indo: devagar e sempre...

- Apesar dos pesares!

- Apesar dos espíritas, ou seja: de nós mesmos. Se eu fosse falar a respeito, entraria num universo que não nos convém... Agora, que me dá uma vontade de falar – de falar às claras sobre os interesses que, na atualidade, imperam no Movimento Espírita, inclusive dando “nome aos bois” -, isto me dá!

- É melhor não, Inácio.

- Eu sei, mas que a minha língua coça, coça; e não sei mesmo - digamos – se, mais tarde, não venha a ser este o meu “canto do cisne”... A gente fica, vai ficando cansado de tanta hipocrisia; *aquilo* que na Terra eu tinha – desativado, depois dos 80, mas tinha - e continuo a ter por aqui, já estourou...

Solicitando a Odilon que me desculpasse, deixei-o na companhia de Manoel Roberto e fui atender o paciente, que, espontaneamente, me procurara no hospital para uma terapia.

- Como vai? – cumprimentei-o.

Ismênio, que aparentava um pouco mais de 40, respondeu-me:

- Caminhando, Doutor...

- Então, você está como todos estamos.

O paciente sorriu, sentindo-se mais à vontade, e explicou:

- Estou aqui por indicação de amigos; sei que o senhor é espírita, mas não venho procurá-lo por isto...

- Nem sempre o que dizem a nosso respeito, seja bem ou mal, é verdade.

- Justamente por isto, Doutor, é que me encorajei a marcar uma consulta com o senhor: pela sua sinceridade... Estou cansado de rodeios em minha vida.

- Você quer dizer que está cansado de fugir de si mesmo, não é?

- De ser enganado pelos outros; perdi a conta do número de profissionais que já procurei: na Terra e aqui...

- De início, deixemos algo bem claro: não sou adivinho; não sei, como afirmava Clarice Lispector, ler o que há por detrás do pensamento; não consigo interpretar sonhos como Freud... Só posso trabalhar com o *material* que me oferecer; se você me enganar, mesmo que não queira, eu o enganarei.

- Doutor, quando a gente se dispõe a consultar um analista...

- A gente quer que ele diga aos ouvidos da gente aquilo que a gente já sabe, mas não quer saber...

- Se eu já sei, eu não precisaria de um analista...

- A rigor, não, desde que você fosse suficientemente honesto consigo mesmo.

- Por que, então, a gente procura um analista?

- Conforto, compreensão, tolerância... Queremos nos certificar de que, sendo diferentes ou nos sentindo diferentes, somos aceitos; queremos que alguém nos diga, em alto e bom tom, que os outros são iguais a nós e não que somos iguais a eles.

- Tenho me sentido muito deprimido...

- A depressão é um sintoma, não é causa.
- Não vejo nenhum objetivo na vida, mesmo me reconhecendo imortal...
- Viver, segundo Teilhard de Chardin, é uma descoberta. Você deveria dizer que não vê um objetivo na *sua vida*, na sua própria existência, porque a vida não pertence a você; e os outros, com os quais a compartilha, têm o direito de ter outra opinião, você não acha?
- Eu me expressei mal...
- Não, expressou-se segundo pensa, em nível inconsciente. As palavras igualmente nos revelam...
- O senhor está querendo dizer...
- Querendo, não; estou dizendo que você não tem dado um sentido à própria vida – um sentido que o satisfaça...
- A minha insatisfação pessoal...
- É fruto do seu egoísmo...
- O meu problema, Doutor – desculpe-me não concordar...
- Excelente! Eu não quero que você concorde com tudo; discuta comigo, exponha-se em suas razões, mostre-se...
- O meu problema não é egoísmo! Eu não tenho raízes, eu não me sinto amado...
- Você já viu uma semente com raízes? Raízes, a gente cria... Você tem amor por alguém ou por alguma coisa?
- Amor?...
- Amor! Você sente que ama?...
- Hum..., não! Para dizer a verdade, não! Eu quero receber afeto...
- Afeto ou prazer?
- Doutor, o senhor aperta a gente demais!...
- Quer desistir? Saia por aquela porta...
- Não!
- Por quanto tempo mais pretende se iludir? Você acredita na Reencarnação, Ismênio?
- Lógico, Doutor! Também não sou um espírito tão alienado assim; estou consciente...
- Então, por conseqüência, admite as leis da Evolução?...
- Uma coisa não teria sentido sem outra.
- Você faz idéia de por quantas existências vem fugindo ao confronto consigo mesmo?
- Muitas, com certeza...
- Quantas vezes, Ismênio, você agendou e, depois, desmarcou consulta comigo?
- Cinco!... Confesso que tenho medo...
- De mim ou de você?

- Bem....
- Não seja evasivo: responda!...
- Creio que de mim, não é?
- Não sei; você é quem deve saber...
- Pronto; o senhor tem razão: eu não quero me encarar...
- É simples: continue se escondendo... Minta para você mesmo; destrambelhe-se emocionalmente... Interne-se; temos muitas vagas aqui... Vá ao fundo do poço e acomode-se. Não é o que realmente deseja?
- Não, Doutor; se era, não é mais...
- Gostei da resposta; você está crescendo, mas ainda é um anão...
- Doutor – desculpe-me -, o senhor se analisa assim?...
- Hoje, quem está no divã é você: não queira trocar de posição comigo... Sigamos adiante. Responda-me: afeto ou prazer? O que é que você deseja?...
- Qual a diferença entre os dois?
- Enquanto a gente não sabe, é sutil... Afeto é ternura; prazer é paixão. Afeto é sentimento; prazer é instinto...
- Afeto é amor?
- Com A maiúsculo...
- Receber Amor...
- Em síntese, é amar.
- Ao invés de sermos amados...
- Devemos amar!
- Incondicionalmente?
- E sempre!... O Amor é *algo* que se basta a si mesmo... Quem ama não sente necessidade de ser amado.
- Por quê?
- Porque não ama com sentimento de posse, não ama com exclusividade: ama a Vida, ama a Natureza, ama o Criador e... as criaturas.
- Sejam elas quais forem?
- É evidente. Você, Ismênio, não quer amar: quer ser amado... Isto não é Amor. Você quer sentir prazer... O prazer é uma taça que, embora sempre esteja a transbordar, nunca está cheia.
- Por isto, sou egoísta?
- Você quer é sexo, apenas e tão-somente sexo... Estou mentindo? Se estiver, não se acanhe; eu não sou dono da verdade... Quem sabe, você seja feito de um material diferente do que todos os homens são feitos...
- Creio que não, Doutor.
- Crê ou tem certeza?

- Tenho certeza: o senhor não está mentindo.
- Ótimo! Avancemos um pouco mais... Você está disposto?
- Um tanto atordoado...
- Respire fundo e relaxe. Ismênio – perguntei – você ama alguém? Já amou, um dia?...
- Sinceramente, não tenho lembrança...
- Com que direito, então, se sente lesado? Já agiu, do ponto de vista afetivo...
- Eu nunca dei afeto a uma flor.
- Teve ou tem filhos na Terra?
- Tive e devo tê-los, Doutor...
- Porventura, sabe onde, pelo menos, um deles se encontra?
- Não, não sei.
- Você apenas os fez, não é?
- Jamais quis criar vínculos; quem cria vínculos sofre muito...
- Quem não os cria sofre mais. Veja o seu caso...

Ismênio começara a chorar.

- Chore, mas não espere a minha compaixão...
- A sua compreensão, Doutor...
- A minha compreensão, sim, mas não a minha compaixão: não me chantageie, emocionalmente... Você não é um *coitadinho!*
- É melhor que a gente viva alienado...
- Até aqui, no ano de 2004, é o que você tem feito, desde séculos séculos.
- O que há de ser de mim?
- A decisão é sua.
- Deus...
- Você tem se importado com Ele, Ismênio?
- Não, não tenho.
- Por que, então, espera que Ele se importe consigo? J
- Deus é Pai!...
- Você também o é e sequer sabe do paradeiro de um só de seus filhos.
- Chega, Doutor!
- Quer que eu me limite a lhe dar uma receita e passar a mão na sua cabeça? Foi isto, Ismênio, que você veio buscar aqui?...

- Perdoe-me, Doutor!
- Eu, perdoar-lhe? Você nada fez a mim...
- Perdoe-me, então, a Vida...
- A vida sempre está a nos perdoar, estendendo-nos a chance do recomeço.
- O senhor já errou, Doutor?
- Incontável número de vezes.
- Errou, como eu tenho errado?
- Quem sabe, mais ainda...
- Verdade?

Sentindo que o momento era o de trabalhar a auto-estima de nosso irmão, imprimi ao diálogo um novo rumo.

- Você não quer que eu jure, quer?
- Não; desculpe-me...
- Comece a se interessar por alguma coisa, meu filho; fuja de viver à órbita de si mesmo...
- Eu estou doente, Doutor?
- Está.
- É grave?
- Sim, mas você não vai morrer...

Pela primeira vez, o paciente esboçou um sorriso.

- O senhor é engraçado...
- Dizem que eu teria feito mais sucesso como palhaço do que como médico.
- Não foi o que eu quis dizer...
- Foi sim; você insinuou...
- Não, Doutor...
- Não, como, se eu tenho testemunha?
- Testemunha? A consulta não é sigilosa?!
- Mais ou menos – disse, abaiando-me e tomando no colo o angorá que tinha o hábito de se aninhar aos meus pés.
- Um gato!...
- Lindo, não?... Tenho certeza de que, não faz muito tempo, eu já fui um...
- Um gato, Doutor?

- Ou, quem sabe, uma gata, não é?

Ismênio, agora, sorria de orelha a orelha.

- O senhor é um homem bom: justifica a fama que tem...

- Fama é uma palavra que rima com lama...

- Eu deveria ter vindo procurá-lo há mais tempo... Posso voltar?

- Não sei se você poderá pagar...

- É, os analistas cobram caro...

- São uns exploradores! (Acalmem-se: existem exceções.)

- Eu tenho algumas economias... O senhor parcela?

- Parcelo, é claro. Afinal, esse é o meu pão, ou melhor, o meu caviar de cada dia.

- Como posso pagar-lhe?

- Vejamos: quanto é que você tem no bolso?...

- Aqui, comigo, não é muito...

- Talão de cheques, cartão de crédito...

Ismênio estava apavorado, e eu fazendo uma força danada para não cair na gargalhada.

- É tão caro assim, Doutor?

- Esse relógio – esse relógio no seu braço me interessa... É de ouro?

- Folheado...

- Meu Deus!, eu não sabia que a muamba lá do nosso país vizinho já conseguiu também atravessar a fronteira da morte...

- Que muamba, Doutor?

- Diga-me, Ismênio: você tem relacionamento com algum contrabandista?

- Deus me livre, Doutor!...

- Bem, então, vamos às contas: deixe-me pegar a calculadora...

- Calculadora?!...

- 70 minutos de sessão, multiplicados por 5, com um pequeno abatimento...

- 5 reais?...

- Dólares...

- Você me deve a bagatela de 350...

Confesso-lhes que estava me sentindo extremamente confortável; eu nunca usurpara tanto em minha vida e... estava feliz.

- ... a bagatela de 350 minutos....

- 350 minutos, Doutor?

- É o meu último preço, Ismênio: 350 minutos... de trabalho voluntário em uma instituição assistencial, à sua escolha.
- 350 minutos de trabalho voluntário?...
- 5 horas e 50 minutos! E não adianta pechinchar...
- Doutor Inácio!
- Este preço é por sessão.

Lágrimas que eu não soube definir deslizaram, serenas, sobre a face do paciente.

- A princípio, necessitaremos de, pelo menos, uma sessão por semana; se o tempo não andasse tão escasso, marcaríamos duas, no entanto...
- Eu não sei como agradecer – manifestou-se Ismênio, emocionado.
- Não agradeça: pague!
- Oriente-me, Doutor: eu o farei de bom grado...
- Aqui estamos precisando de gente que sabe manejar uma vassoura... Eu sou adepto da “terapia da piaçaba”.
- Varrer o chão?...
- Nada melhor para quem está precisando efetuar uma introspecção.
- Eu nunca fiz isto em toda a minha...
- ... inútil existência – emendei, incisivo.
- Doutor, que constatação! Realmente, eu não tenho lembrança alguma de, um dia, ter empunhado uma vassoura...
- É possível que nem uma enxada, nem uma pá... Sempre foi um *bom vivant*, não é?
- O senhor acha que a vassoura irá resolver?
- Depois de varrer muito, é provável.
- Quantas vezes, Doutor?
- Umas duas ou três...
- Sessões?
- Não, meu filho, encarnações...
- Duas ou três encarnações?!...
- Estou falando sério – prossegui, alisando o pêlo macio do angorá, que, sobre a minha mesa, brincava com uma bolota de papel.
- É de desanimar...
- De desanimar é o seu estado, você não acha?
- Concordo; eu já não estou mais me agüentando...
- Você, Ismênio, como a maioria das pessoas, está precisando de descobrir a *alegria da doação*.
- Ouço dizer que existem muitas pessoas caridosas.
- Doam uns trastes velhos, para desentulhar a casa: uma peça de roupa rasgada e suja, uma cama quebrada, um pedaço de pão amanhecido... E

acham que estão cumprindo com o dever cristão. Ora, caridade não é uma virtude assim tão vulgar!

- O que é caridade, Doutor?

- “Benevolência para com todos, Indulgências para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas”.

- É doar do que temos?...

- Principalmente, do que somos. É dar ao outro do nosso tempo, da nossa atenção, do nosso afeto...

- Ao outro, quem?

- A qualquer um.

- Mesmo aos malfeitores?

- “Os sãos não necessitam de médico”... Estas palavras nos foram ditas por Jesus, há quase dois mil anos.

- Quando posso começar?

- Agora! – respondi, fazendo soar uma campainha que, na verdade, poucas vezes utilizava.

- Pois, não, Doutor – atendeu Manoel Roberto ao meu chamado.

- Vá ao nosso estoque de vassouras, escolha uma para o nosso amigo aqui e, depois, conduza-o ao pátio: ele me deve 5 horas e 50 minutos de trabalho, com mais 25 minutos vezes 5...

- Mais 25 minutos vezes 5?... – questionou Ismênio.

- A nossa conversa se prolongou; portanto, você me deve mais 125 minutos, ou seja: 2 horas e 5 minutos, totalizando 7 horas e 55 minutos...

- Dr. Inácio – arguiu-me o paciente, conformado -, eu me interesso muito por mediunidade... O senhor acha que eu poderia integrar o grupo mediúnico da casa?

- É claro, meu filho: mediunidade não é privilégio de ninguém. O Espiritismo, graças a Deus não conta com uma casta de iniciados – pelo menos, temos lutado para que isto não aconteça...

- Como começar, neste sentido, o meu processo de desenvolvimento?

- Pela vassoura!...

- O que tem mediunidade a ver com vassoura?

- Bem, a resposta irá lhe custar mais 15 minutos de trabalho... Para servir com os Bons Espíritos, primeiro, o médium deve aprender a servir de boa vontade os seus semelhantes. E, no caso, a vassoura é o símbolo do suor que todo candidato ao serviço mediúnico necessita verter na prática do bem. Em essência, prática mediúnica é exercício de desapego.!

Despedi-me de Ismênio, acertando com ele uma nova consulta para a próxima semana, já que, na companhia de Odilon Fernandes e Paulino Garcia, efetuará uma excursão nas regiões subcrostais - mais uma das periódicas excursões que realizávamos a título de aprendizado e, sempre que possível, procurando socorrer quantos se mostravam aptos a receber auxílio, ansiando por uma vida melhor. Os nossos irmãos encarnados, habituados ao serviço de assistência, sabem que muitos que vivem em estado de carência material e, principalmente, moral, não raro se acomodam à situação de penúria em que expiam faltas do pretérito, recusando oportunidades de mudança, posto que, para tanto, teriam que começar movimentando a própria vontade que os mantém apáticos.

Convencia-me, assim, de que o Tempo era o grande aliado de Deus no aperfeiçoamento de sua Obra e de que não nos adiantava apressar o germinar da semente que, à época propícia, inevitavelmente floresceria; cabia-nos, única e tão-somente, concorrer, de um modo ou de outro, para que as condições favoráveis se efetivassem – não passávamos, como não passamos, de meros agentes da Natureza, ou seja, da Sábia Vontade do Criador, que a tudo provê.

Quando o paciente se retirou do consultório, encaminhado por Manoel Roberto, Odilon e Paulino vieram ter comigo e, enquanto aguardávamos o instante de partir, entramos em animada conversação.

- Como é, Paulino? Como vão indo as suas atividades literárias? Escrevendo muito? – perguntei ao simpático amigo, a quem aprendera respeitar pelo seu incansável esforço na difusão de nossos princípios.

- Não tanto quanto o senhor, Doutor – respondeu-me com gentileza.

- Estou procurando tirar o atraso, meu filho; deixei escapar oportunidades valiosas, quando, através da mediunidade de Modesta, entretinha longas conversações com os nossos Instrutores, que, nas reuniões do Sanatório, em Uberaba, se comunicavam por intermédio dela. À época, não me ocorreu valer-me de um aparelho de gravação, ou, então, anotar de maneira minuciosa as orientações que nos transmitiam. Estou convicto de que, hoje, elas haveriam de servir como material de reflexão aos mais estudiosos. Você sabe, meu filho: o Mundo Espiritual é um

universo à parte de que cada espírito que o povoa tem diferente visão, interpretando-o segundo sua óptica e vivência particular.

- Só a orientação do Dr. Odilon, tenho feito o possível para divulgar o maior número de informações aos nossos irmãos que mourejam na carne, consciente, porém, do quanto eu mesmo ainda me sinto limitado em semelhante mister.

- Você colocou bem a questão: temos feito o possível, porque, de fato, cada vez mais me convenço de que poucos são os que se encontram preparados para maiores revelações concernentes às verdades de além-túmulo. Para muitos de nossos companheiros de Ideal, as nossas obras (refiro-me mais especificamente às de minha lavra) não passam de ficção, quando não as rotulam de mistificação ou fruto da mente delirante do médium.

Neste trecho do diálogo, interveio o Mentor, ponderando:

- Inácio, você e o Paulino não devem se preocupar excessivamente com as críticas que, direta ou indiretamente, lhes são endereçadas neste aspecto; as críticas, quase sempre, são opiniões isoladas que, necessariamente, não refletem o ponto de vista da maioria. Infelizmente, repito, são inúmeros os interesses em jogo... O Movimento Espírita segmentou-se de tal modo, que os grupos que o constituem podem ser caracterizados pelas intenções de seus componentes; é lógico que não podemos generalizar, mas raros são os que, na atualidade, agem impulsionados por verdadeiro amor à Causa...

- Com uma ou outra exceção – observei – eu não sei quem estaria disposto, por exemplo, a morrer pela Doutrina, como os antigos cristãos não hesitavam em fazê-lo. Se alguém nos bater o pé, já está um punhado no mato... Os pretensos defensores da chamada pureza doutrinária erguem a voz e manejam a pena, com eloquência e brilhantismo, em prol de seus interesses, que, infelizmente, no fundo, no fundo, envolvem até questões pecuniárias.

- Com as exceções referidas pelo senhor – aparteou Paulino -, aliás, nobilíssimas, os periódicos espíritas e mesmo alguns órgãos unificadores servem a política de grupos e de médiuns que pretendem polarizar. Eu não sou ninguém, Doutor, para confortá-lo, mas não se aborreça com a crítica ao seu trabalho literário, pois, no que diz respeito a mim, não ignoro, por exemplo, que a crítica tem caráter pessoal: muitos dos que me conheceram ainda jovem, em São José do Rio Preto, alegam não entender como posso ter me transformado tanto, já que, segundo dizem, eu não passava de um arruaceiro, que vivia de boate em boate, curtindo a vida nos prazeres da noite...

- O problema, Paulino – comentou Odilon -, é que o pessoal *lá embaixo* se supervaloriza: não é tanto menosprezo a nós outros, que temos nos esforçado para entrar em contato com certa regularidade, falando das experiências de espíritos comuns que ainda somos.

- Sejamos mais claros, para que eles entendam – aparteei -: o pessoal *lá embaixo* gostará de se relacionar, mediunicamente, com o pessoal *lá em cima*, ou seja, com espíritos de maior renome, envergadura, condição moral e intelectual superiores, sem, todavia, se indagarem se possuem mérito para tanto... Ora, os homens têm os espíritos e os médiuns que merecem! Se querem que o Inácio Ferreira saia de cena, cedendo lugar a um Sócrates ou a um Francisco de Assis, façam por onde; é simples: é uma questão de merecimento...

- Pelo menos, Doutor, com as nossas limitações e imperfeições, estamos sendo transparentes; graças a Deus, não temos interesse algum em nos omitir e nos camuflar.

- Não, o meu compromisso é com a Doutrina e com as minhas convicções; não estou a serviço de nenhum grupo e, neste sentido, não devo obediência a ninguém... E digo-lhes mais: por maior a minha amizade e simpatia pelo médium de que nos utilizamos, se amanhã, ou depois, ele viesse a se comprometer com interesses outros, eu colocaria a “viola no saco” e... tchau! Enquanto ele se sentir independente para trabalhar e produzir, estaremos juntos: você concorda, Odilon?

- Concordo, Inácio – respondeu o Mentor, esclarecendo. – Esta questão levantada por você é delicada: raros são os médiuns que, pelo menos na esfera do pensamento, trabalham com real isenção: muitos se deixam influenciar pelos espíritos... encarnados.

- São mais influenciados pela política dos encarnados do que pela idéia dos desencarnados. Por exemplo – espero que não me levem a mal; sei que é esperar em vão, mas esperarei -: existem certas obras psicografadas por notável medianeira, já desencarnada, e atribuídas a um grande autor, que, por terem sido editadas e divulgadas por respeitável órgão do nosso Movimento, que defende a tese do corpo fluídico do Cristo, como é público e notório, se lhes submeteram à orientação neste sentido – os romances psicografados pela referida médium são de inegável estilo, mas a “pressão” sofrida fez com que ela e não o espírito encampasse a teoria roustainguista.

- Sejamos justos, Inácio: quase todos os livros de autores encarnados e desencarnados tinham que se submeter ao referido “selo”; caso contrário, não seriam publicados e não contariam com as benesses de considerável segmento espírita. Neste sentido, até a Chico Xavier

procuraram envolver, no rumoroso caso de uma das obras de Humberto de Campos.

- Eu cheguei, Odilon, a escrever um trabalho e enviar à revista oficial do mencionado órgão que, à época, tinha a sua sede no Rio de Janeiro; pedia a publicação do mesmo, em carta anexa, com direito de resposta a uma artigo de Bernardo Sayão, ardoroso seguidor de Roustaing.

- Foi acolhido?

- Sim..., pela lata de lixo! Sequer se dignaram de devolvê-lo a mim, o remetente.

- Felizmente – disse Paulino -, ao que sei, as coisas parecem que estão mudando agora...

- É para você ver, meu filho, como são os homens, e não nós, os espíritos, responsáveis pelo que nos atribuem. Victor Hugo, Guerra Junqueiro, Humberto de Campos e tantos outros jamais foram adeptos da tese do corpo fluídico, que emergiu nos primeiros séculos do Cristianismo, cultuado pelos antigos docetas, influenciou o Catolicismo que passou a defender a natureza divina do corpo de Jesus e, mal a Terceira Revelação se apresentava ao mundo, com Allan Kardec, as trevas inspiravam a Roustaing a “Revelação da Revelação”...

Efetuando uma pausa em meus próprios raciocínios, perguntei:

- Odilon, você acredita que o nosso Dr. Bezerra de Menezes, quando encarnado, era mesmo roustanguista? Ele, Bittencourt Sampaio e outros?...

- Igualmente eles, Inácio, não se furtaram à influência do meio e, neste sentido, preferiram contemporizar, a fim de que o Movimento, em fase de implantação no Brasil, não se fragilizasse por uma questão que consideravam de somenos em face da elevada missão do Cristianismo Redivivo na evangelização das criaturas.

- E quanto a Roustaing, qual a sua opinião? – questionei o companheiro.
- O autor de “Os Quatro Evangelhos” era um profundo admirador de Allan Kardec e, diga-se, bem intencionado em seus propósitos – o seu desejo era, de fato, participar do Movimento que intuía como sendo de grande relevância para a Humanidade. Infelizmente, faltou-lhe o necessário bom senso no sentido de efetuar uma melhor triagem nos comunicados obtidos através da Sra. Collignon, médium exclusiva em seus contatos com o Invisível; ambos, a nosso ver, foram vítima de fascinação da parte dos espíritos pertencentes à mesma falange, adeptos do chamado Docetismo que, desde os tempos do Cristianismo nascente, se empenham em impor às criaturas os seus equivocados preceitos, concernentes à natureza do corpo de Jesus. Interessante ressaltar que tanto Jean-Baptiste Roustaing, advogado de Bordéus, quanto a Sra. Émilie Collignon, quando se lançaram à elaboração da obra “Revelação da Revelação”, estavam se recuperando de graves enfermidades, o que facilitou o assédio das entidades pseudo-sábias que tramavam contra a Doutrina, a qual, até hoje, não logrou se livrar completamente da influência que nos tem servido de pretexto à desunião, ao longo de quase 150 anos.
- Desculpe-me, Odilon, se insisto, mas é tanta gente de valor abraçada à tese roustanguista!...
- Inácio, não agem assim por má-fé ; ao contrário, agem por extremado amor ao Cristo, que não conseguem conceber nascendo entre os homens como qualquer um de nós outros, reles mortais... Sou, todavia, de parecer, que não devemos perder excessivo tempo com uma discussão que, a rigor, nada acrescenta à real grandeza do Senhor, consubstanciada em suas lições de Vida Eterna. O que as trevas pretendem é que nos fragilizemos, colocando de lado o que nos deve concentrar os melhores esforços, na difusão dos princípios libertadores que adotamos por norma de conduta na presente encarnação; o essencial é que cuidemos de nossa própria renovação, adiando para o futuro o mais amplo conhecimento da Verdade a cujo acesso aspiramos. Por este motivo, sob a inspiração dos Espíritos Superiores, Allan Kardec deliberou, nas páginas que constituem “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, dar prioridade ao aspecto moral dos ensinamentos de Jesus, relegando questões controvertidas e polêmicas ao esquecimento.
- Você mencionou a influência das trevas...

- Sim, todos a elas estamos sujeitos, quer estejamos encarnados ou não. Os espíritos que se opõem à Verdade tramam a todo instante e se dão por satisfeitos quando conseguem arruinar, ainda que de modo parcial, iniciativas nobres voltadas à emancipação íntima das criaturas.

- Arruinar parcialmente?...

- Lançar o joio no meio do trigo e deixar que a semente germine e se alastre, confundindo-se com ele. Por exemplo: na obra de Roustaing, que estamos comentando, existem trechos interessantes, em que as entidades que a ditaram comentam determinadas passagens evangélicas com propriedade...

- Mas a obra como um todo...

- Jaz comprometida, já que são poucos os que seriam capazes de lê-la com indispensável discernimento. E, como nos advertiu o sábio espírito de Erasto...

- ... melhor rejeitar dez verdades a aceitar uma única mentira, uma única falsa teoria!

- Exato – confirmou o Mentor. – É uma pena, pois, volto a repetir, Roustaing não teve a intenção de se sobrepor a Kardec e, em outras circunstâncias, teria sido de extrema valia ao Espiritismo. À época, especialmente na França, o intercâmbio com o Além estava bastante generalizado; por assim dizer, o país se via acometido por uma verdadeira “epidemia” de sensitivos e era moda se ocupar com o “Spiritualisme”... Diversos livros foram publicados encenando as experiências com o Invisível, todavia somente o Prof. Rivail agiu com a necessária prudência, na compilação da obra que deu início ao Pentateuco; a primeira edição de “O Livro dos Espíritos” foi feita às suas próprias expensas e, praticamente, distribuída de forma gratuita entre os simpatizantes.

- As trevas tentaram intrometer-se no trabalho de Kardec?

- É evidente, mas os Espíritos que o assessoravam estavam atentos e zelavam, em especial, para que o Professor não se acometesse de nenhuma crise de personalismo, o que, caso acontecesse, invalidaria o esforço do Mundo Espiritual. Kardec simplesmente efetuava anotações, imaginando que haveriam de ser úteis à sua própria instrução e à dos amigos; apenas alguns meses antes, quando o esboço do trabalho estava praticamente pronto, é que os Espíritos o aconselharam a publicar o resultado de seus estudos e pesquisas. Mas, ainda aí, ele não sabia do alcance e da repercussão da tarefa que lhe havia sido destinada. Com a edição de “O Livro dos Espíritos”, que, a princípio, era para se intitular “Religião dos Espíritos”...

- “Religião dos Espíritos” é um dos títulos da lavra mediúnica de Chico Xavier – aparteei.
- ... as lutas recrudesceram e, de abril de 1857 a março de 1869, o Professor não conheceu trégua, chegando, inclusive, a comprometer a saúde.
- Os ataques zurziam de todos os lados...
- Sim, porém, o que mais o desgastava e entristecia era o sistemático conflito que se estabelecera entre os próprios companheiros de Ideal, que, a seu lado, se faziam instrumentos das sombras, com o propósito de escandalizar. Em nota datada de primeiro de janeiro de 1867, quase dez anos após a publicação de “O Livro dos Espíritos”, escreveu: “Fui alvo do ódio de inimigos intransigentes, da calúnia, da inveja e do ciúme; infames libelos foram publicados contra mim; as minhas melhores instruções foram adulteradas; fui traído por aqueles em quem mais confiava e pago com a ingratidão por aqueles a quem servi. A Sociedade de Paris foi um foco constante de intrigas urdidas por aqueles próprios que se diziam estar a meu favor e que, abraçando-me pela frente, me apunhalavam pelas costas. Disseram que os meus sectários eram pagos com o dinheiro que eu arranjava com o Espiritismo. Não tive mais repouso e muitas vezes verguei ao peso do trabalho; comprometi a saúde e arrisquei a vida”.
- Fico pensando, Odilon, no que o nosso Chico Xavier não teria passado, em silêncio...
- Inácio, não constitui segredo para ninguém que, antes de completar os 5 anos de idade, ele, praticamente, já se viu sem pai e sem mãe...
- E foi morar com uma senhora perturbada.
- Médium dos espíritos que, naquela criança indefesa, *adivinham ou intuía*m um mensageiro de Jesus corporificado...
- Ela o deixava passar fome, enfiava-lhe garfos no ventre, obrigava-o a lamber feridas purulentas, espancava-o constantemente e, ao que sei, preferencialmente na cabeça...
- Artimanha das trevas para induzi-lo à morte precoce ou, então, prejudicar-lhe o funcionamento cerebral!
- Que coisa terrível!
- Inácio, vejamos o episódio das crianças que foram mortas por ordem de Herodes, com o intuito de eliminar do mundo a presença de Jesus, ainda no berço...
- Herodes, sem dúvida, era um agente das trevas; no entanto, o que mais me causa espécie é o fato da traição, segundo a narrativa de Mateus, de tanto ler e reler, acabei memorizando: “E enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.

“E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura sou eu, Senhor?”

“E ele respondeu: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá”.

- Judas, um dos doze...
- Comendo com ele no mesmo prato!...
- Geralmente é assim: excetuando nós mesmos, os nossos maiores adversários ou os instrumentos de que o mal se utiliza para nos atingir são os que têm livre trânsito conosco...
- Eu não queria acreditar, Odilon, que, na Terra, a sombra sempre está no encalço da luz; preferiria que isso fosse um excesso de fanatismo do que realidade, contudo as evidências...
- ... mostram o contrário: há, sim, uma organização das trevas agindo com o propósito de entravar o progresso espiritual da Humanidade!...
- Incentivando tudo o que pode estabelecer o caos...
- ... e obstruindo o que concorre para a espiritualização das criaturas.
- Inspirando a sinteligências da ciência bélica, na esperança de que, um dia, uma mente ensandecida possa fazer explodir o planeta!...
- Fomentando a ambição que, gradativamente, tem induzido o homem a destruir a Natureza...
- Conspirando contra a fé, apoiando movimentos religiosos centrados na prosperidade material...
- E, neste sentido, Inácio, chega até a promover curas reais em seus templos, para impressionar; exorciza entidades que se lhe submetem, quando não são encenações, onde alguns de seus membros assumem, sem o menor escrúpulo, a identidade de Satã...
- Curas reais, Odilon? – inquiri.
- Sim, com base na fé das pessoas que, motivadas psicologicamente, obtêm o que buscam com sinceridade, ignorando que estão sendo utilizadas como peças de um jogo que lhes transcende a compreensão.

Paulino que, até então, conservara-se atento, efetuando uma ou outra anotação que, certamente, aproveitaria em seus trabalhos doutrinários, exclamou:

- Dr. Odilon, trata-se de uma verdadeira “indústria do mal”!

- Concordo com a colocação do amigo – acentuei -; de fato, sem desejar ser pessimista, a impressão que se tem é que há uma “indústria do mal” funcionando a pleno vapor na Terra e em suas adjacências.

- Não nos esqueçamos, no entanto, de que o Bem não permanece inativo – comentou o Mentor -; embora se tenha a impressão de não ser assim, *forças* fiéis ao Evangelho prosseguem operando de maneira constante e a verdade é que, em tempo algum, a solidariedade esteve tão presente entre os homens. Organizações mundiais, religiosas ou não, governamentais ou pertencentes à iniciativa de grupos apolíticos, trabalham em benefício da paz da coletividade...

- Em que tese, Odilon, a serem, por vezes, desrespeitadas e até humilhadas por decisões arbitrárias de países que decidem agir conflitando com os interesses coletivos – considerei, algo indignado -; estou me referindo, especificamente, à desmoralização que os Estados Unidos da América do Norte e seus aliados impuseram à ONU – Organização das Nações Unidas -, recentemente, quando deliberaram invadir o Iraque...

- Inácio, como disse você, não podemos conceder, em nós mesmos, espaço para o desânimo, mas, infelizmente, a questão da corrupção está em toda a parte: quase todos os homens que ocupam o poder têm seu preço e, por mais que resistam, acabam por se render nos princípios morais que os norteiam.

- Até mesmo os bons? – perguntou Paulino.

- Os realmente bons, não, todavia, dentro da atual conjuntura evolutiva da Humanidade, na maioria das vezes, terminam isolados, comprometidos perante a opinião pública; o homem idealista, em todos os segmentos em que seja chamado a atuar, à semelhança do Cristo, ainda há de sofrer muito – as *forças* que concorrem para que ele chegue ao poder são as mesmas que, depois, se encarregam de controlá-lo, o que ousa enfrentar o *sistema*, se ganha a simpatia do povo, cai na alça de mira dos que, na primeira oportunidade, não hesitarão em eliminá-lo: foi o que, por exemplo, aconteceu com Lincoln, com Kennedy, com Luther King, com Gandhi...

- E os que não são assassinados – observei – são postos à margem, como aconteceu ao grande líder soviético da “Perestroika”, Mikail Gorbatchew, que foi, em seu próprio país, que ele tentou modernizar, relegado a incompreensível ostracismo político.
- O mesmo deve acontecer na Igreja, não é? – inquiriu-me Paulino.
- O Papa não é mais que o representante da vontade do chamado Colégio Cardinalício: é um chefe que não delibera... De modo geral, os que mandam não expõem a sua face: agem sorrateiramente, usufruindo das benesses do poder... A história dos papas está repleta de casos em que muitos deles não tiveram morte natural: foram mortos – a maioria por envenenamento – por auxiliares diretos que viram os interesses da Igreja ameaçados.
- A pressão exercida sobre a Terra pelo Mundo Espiritual inferior é inegável – disse Paulino.
- O que você rotulou de “indústria do mal” possui ramificações que estamos longe de avaliar – considere.
- Terá chegado ao Espiritismo?
- Na minha opinião, sim; vejamos que os espíritas já estão tomando gosto pelo poder...
- Mas será que não tem consciência disto?
- Tem, mas nunca acreditam que possa ser com eles; as vítimas da obsessão, Paulino, para nós, os que se consideram indenes a qualquer influência de caráter negativo, são sempre os outros...
- Nós somos os que estão com a Verdade...
- É mais ou menos assim: somos os missionários, os idealistas, os que contam com o respaldo da Espiritualidade Superior, os predestinados a salvar o Movimento... Hoje em dia, a simples disputa pela direção de uma casa espírita é motivo de guerra nos bastidores e divisão entre os companheiros, que, caso verdadeiramente desejassem servir, fariam opção pelo *encargo* e não pelo *cargo*. Há pouco tempo, presenciamos, em determinada cidade, acirrada luta envolvendo dois grupos de confrades, pleiteando a direção de seu órgão unificador: xingatórios, palavrões, ofensas morais crítica descaridosas... A meu ver, ao invés de terem se reunido no recinto de um templo espírita para tanto, deveriam escolhido um ringue, onde poderiam exercitar o pugilismo à vontade, você não acha, Odilon?
- Os nossos irmãos andam perdendo a memória do essencial – respondeu o Mentor, com a sua costumeira prudência.
- Dr. Odilon – interveio Paulino -, se o senhor pudesse falar mais alguma coisa sobre as curas...

- ... que têm ocorrido fora do ambiente espírita, com visível interferência espiritual. Não é, Paulino, o que você deseja saber? – aduzi, igualmente curioso.
- Existem falanges de espíritos que operam curas nos templos evangélicos?
- Os espíritos atuam em todos os lugares e o fazem dentro da compreensão que os caracteriza – elucidou o Instrutor em proveitoso diálogo, nas questões que se alternavam.
- Qual é a sua verdadeira intenção?
- A de alguns é a de realmente beneficiar os necessitados, entre os quais podem estar familiares e amigos queridos – é, digamos, a de aliviar a dor e de lhes fortalecer a fé em Deus, sem qualquer idéia de proselitismo.
- Sim, mas há os que “curam” com outro propósito...
- Sem dúvida; os mentores intelectuais que pretendem estabelecer o fanatismo e fazer adeptos...
- Teriam eles o poder de curar?
- Por que não, quando a cura, por exemplo, consiste em se ordenar a um espírito obsessivo que pare de molestar a sua vítima? Esses referidos mentores e seus asseclas não hesitam, inclusive, em agir com truculência...
- Chegariam a facilitar a vida econômica das pessoas?
- Chegariam e, efetivamente, chegam; para ganhar a alma de alguém, há quem faça de tudo e... um pouco mais.
- Odilon, é um absurdo! – Exclamei. – De que forma agem neste sentido, ou seja, para deixar as pessoas bem de vida?
- Atuam sobre outras, mais bem aquinhoadas: dinheiro faz dinheiro... É um investimento.
- Maquiavélico! E, assim, a igreja vai crescendo...
- Colocando e tirando dinheiro do bolso dos fiéis...
- Mais tirando que colocando – observou Paulino.
- }E a indústria da fé, da qual, em verdade, alguns poucos realmente se beneficiam.
- Os pastores e os líderes, cujo poder de persuasão sobre as pessoas, através do magnetismo das palavras, é quase hipnótico.
- Teríamos, então, nesses cultos uma fascinação coletiva...
- Quase – redargüiu o Mentor -, excetuando-se aqueles que ali comparecem, imbuídos de fé autêntica e sincera, e que, mentalmente, se colocam inacessíveis às influências ambientais.
- A obsessão, por vezes, adquire o caráter de uma epidemia – aduzi – e... *contagiosa* nos que se mostram receptivos.
- *Contagiosa*, Dr. Inácio? – argüiu-me Paulino.

- Quando Hitler falava, os espíritos das trevas, prevalecendo-se do estranho magnetismo de seu verbo, falando igualmente por seu intermédio, que se lhes apassivara por completo, promoviam um fenômeno de obsessão coletiva; induzidos pelo misterioso poder das palavras, os jovens soldados, ao ouvi-lo, se deixaram arrebatados... Imensas falanges espirituais lhes pressionavam o psiquismo, impedindo, em seu cérebro, a infiltração da menor rêsia de luz, por entre as espessas nuvens que pairavam sobre as suas cabeças.

- O mesmo aconteceu quando Jesus foi levado à presença de Pilatos – considerou Odilon, lendo no Evangelho em mãos -; a multidão, subjugada, solicitou, em unísono, a libertação de Barrabás: “Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo?”

Porque sabia que por inveja o tinham entregado.

E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.

Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse a Barrabás e fizesse morrer Jesus.

De novo perguntou-lhes o Governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte? Responderam eles: Barrabás.

Replicou-lhes Pilatos: que farei então de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado! *Responderam todos*”. (Mateus, cap. 27- vv. 17 a 22).

- Responderam todos! – repetiu Paulino.

- E dizem que a voz do povo é a Voz de Deus – ironizei, lamentoso, sem passar pelo meu pensamento a idéia de que, quem sabe?, poderia ter sido eu um dos integrantes da multidão em desvario, a exigir de Pilatos a crucificação de Jesus.

E acentuei:

- Ao que me parece, Pilatos e Cláudia, sua esposa, eram os únicos a se mostrarem mais lúcidos no julgamento que culminou com a sumária condenação do Senhor; por três vezes consecutivas, o Governador submeteu Jesus ao juízo do povo, no claro intuito de livrá-lo daquela situação.

- “*Vendo Pilatos* - prosseguiu Odilon com a narrativa de Mateus – *que nada conseguia*, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco!

E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos!” (capítulo 27 – vv. 24 e 25)

- Um exemplo clássico de obsessão coletiva, a que os próprios Apóstolos não escaparam – enfatizei -: Judas, o traiu; Simão Pedro, o negou por três vezes; dos demais, não se tem notícia, a não ser que debandaram... Sempre me impressionaram as anotações que Lucas, o Evangelista, efetuou a respeito: “Então, dirigindo-se a Jesus, aos principais sacerdotes, capitães do tempo e anciãos que vieram prendê-lo, disse: Saístes com espadas e cacetes como para deter um salteador?

Diariamente, estando eu convosco no templo, não pusestes as mãos sobre mim. *Esta, porém, é a vossa hora e o poder das Trevas*”.

- O que, Dr. Odilon – perguntou Paulino -, devemos entender com a afirmativa: “*Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas*”?

- Desde o início de sua divina trajetória entre nós – explicou o Mentor -, Jesus foi perseguido pelas trevas, que lhe identificaram a presença no mundo antes que os próprios homens pudessem fazê-lo: mesmo os Apóstolos duvidaram de que Ele fosse o Messias, anunciado pelas Escrituras. Durante praticamente três anos, o Mestre pregou a Boa Nova, acossado por dificuldades constantes; como costumava dizer Chico Xavier, Jesus pregou o Evangelho em fuga... Inúmeras vezes, Ele escapara de ser preso e morto; por este motivo, advertia aos que eram beneficiados por sua intercessão que não o expusessem à publicidade, conforme se pode constatar em Mateus, capítulo 12, vv. 13 a 16: “Então disse ao homem: Estende a tua mão. Estendeu-a, e ela ficou sã como a outra.

Retirando-se, porém, os fariseus conspiravam contra ele, como lhe tirariam a vida.

Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes, porém, que não o expusessem à publicidade...”

E prosseguia Odilon, citando, com extrema facilidade, diversos trechos do Novo Testamento, alusivos às perseguições de que o Mestre se fizera alvo da parte dos doutores da lei, que não cessavam de planejar a sua morte: “E foram para Jerusalém. Entrando ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo; Também os ensinava e dizia: Não está escrito:

A minha casa será chamada casa de oração, para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores.

E os principais sacerdotes e escribas ouviam estas cousas e procuravam um modo de lhe tirar a vida...” (Marcos, cap. 11 – vv. 15 a 18)

- Para não nos excedermos em citações – ponderou o Benfeitor -, permitam-me apenas menção relacionada ao Evangelho de Lucas, logo após Jesus ter pregado, num sábado, na sinagoga, em Nazaré: “Todos na sinagoga, ouvindo estas cousas se encheram de ira.

E levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até o cume do monte sobre o qual estava edificada, *para de lá o precipitarem abaixo.*

Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se”.

- Voltemos, Paulino -, convidou o Mentor – a refletir sobre a pergunta que nos foi proposta por você. Deduzimos que, embora as trevas o perseguissem durante todo o tempo, enquanto não considerou cumprida a sua tarefa entre os homens, o Mestre, do ponto de vista estritamente material, não se deixou subjugar pela sanha dos que a representavam no mundo, que, afinal de contas, era, desde milênios sem data, seu domínio: “A Luz resplandeceu nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (João, cap. 1, v. 5).

- Prevaleceram – comentei – quando Ele assim o consentiu, não é?

- E, mesmo assim, Inácio, transitoriamente, porque, a partir da crucificação, é que a vitória do Evangelho começou a se consolidar.

- O Senhor dissera que, quando fosse erguido na cruz, atrairia todos a Si; textualmente, segundo João, cap. 12 – v. 32: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo”.
- É o que vem acontecendo ao longo dos séculos!... Milhares começaram a se converter... Em “Atos dos Apóstolos”, encontramos a afirmativa de que, só no dia de Pentecostes, quando os Apóstolos ficaram “cheios” do Espírito Santo e passaram a falar em idiomas diferentes...
- O que denominamos xenoglossia, ou mediunidade poliglota – o dom de ser intérprete dos espíritos em outras línguas...
- ... após o discurso proferido por Simão Pedro, quase três mil pessoas aceitaram Jesus, na condição de Caminho, Verdade e Vida!
- O triunfo das trevas – observou Paulino – fora aparente...
- Aliás, somente o Bem triunfa em definitivo: o mal é um estado de transição. Homens e espíritos, ainda vivemos numa dimensão em que as sombras teimam em se opor à luz: efetivamente, não triunfarão do místico e milenar embate...
- Mas – lamentei – venderão caro a própria derrota.
- Durante trezentos anos, os cristãos foram martirizados e mortos, no entanto, ao invés de diminuírem, multiplicavam-se; a coragem indômita com que faceavam o martírio nos circos emocionava os que ali se reuniam para os inesquecíveis espetáculos sanguinolentos...
- Se a obsessão é “contagiosa”...
- ... a virtude igualmente o é! Assim, não demorou para que o Cristianismo fizesse adeptos entre os patrícios romanos, cansados da devassidão de um Império nos estertores: homens e mulheres de Roma, tocados em suas fibras mais íntimas pelos exemplos dos primitivos cristãos, convertiam-se à nova Fé e, gradativamente, os templos consagrados aos deuses pagãos se esvaziaram.
- O declínio do Império Romano!
- O princípio de uma nova era para a Humanidade, que se alicerçou, politicamente, com a ascensão de Constantino ao poder.
- O Imperador cristão!
- Que, aliás, Inácio – acrescentou Odilon -, hesitou em ser batizado até quase o fim de sua vida.
- Por que motivo? – indaguei.
- Constantino era um homem do mundo e, em que pese à tarefa que desempenhou, tinha muitos dramas de consciência – dramas que o impediam de aderir ao Cristianismo de corpo e alma, o que, para fazer, o constrangeria a uma mudança mais radical, no que tange aos seus costumes e vícios.

- Quer dizer – inquiriu Paulino – que ele nunca se converteu formalmente?
- Sim; como acontece à maioria dos homens, quando o Imperador percebeu que se encaminhava para as sombras do túmulo – a inevitável jornada que ninguém se eximirá de empreender -, cedeu aos insistentes apelos de sua mãe, que a cristandade reverencia na condição de Santa Helena, e aceitou o batismo.
- O Cristianismo passou, com o nome de Catolicismo, a ser a religião oficial do Estado, por força de um decreto! – exclamei.
- No entanto, Inácio, como você sabe, as Trevas tão-somente mudaram de tática...
- Infelizmente!
- Durante quase todo o primeiro milênio da Era Cristã, o Evangelho floresceu admiravelmente...
- Em que pese às concessões políticas de Constantino feitas ao Paganismo – ressaltei.
- Claro, mas... isto é outra história.
- História, Odilon, repleta de fatos e acontecimentos que fermentaram por quase mil anos e, em nova investida das Trevas, culminaram na Idade Média – com certeza o período mais escuro para a Humanidade: a época das Cruzadas, da Inquisição, das guerras religiosas, do fanatismo e da intolerância, da cisão definitiva entre a Fé e a Razão, do comprometimento moral da igreja como instituição guardiã dos princípios evangélicos.
- Impressionante! – manifestou-se Paulino. – A perseguição ao Cristo continuou...
- E continua até hoje, meu filho – observou Odilon. – Por esse motivo, as Forças leais a Jesus Cristo reuniram-se nas Altas Esferas sob o seu Comando e, na França, no chamado “Século das Luzes”, deram início ao Movimento de Restauração do Evangelho, em sua pureza original, já que, infelizmente, a Igreja optou por permanecer retrógrada e comprometida com o Poder Temporal, de que se tornou aliada.

O diálogo prosseguia extremamente proveitoso, mas naquele momento, Manoel Roberto, sempre prestimoso, fazendo-se acompanhar de nossa Maria Modesto Cravo, anunciou a presença de dois amigos que aguardávamos.

- Doutor – disse-me, solicitando desculpas pela interrupção -, estão aí os nossos Dr. Ricardo e o irmão A. R. Posso fazê-los entrar?

- Perfeitamente – respondi. – Ainda bem que chegaram, antes que Odilon, Paulino e eu empreendêssemos a programada excursão às regiões subcrostrais. Temia que se atrasassem.

- Embora assoberbado por muitas tarefas – explicou Modesta -, o Dr. Ricardo fez questão de vir pessoalmente, amparando o médium em convalescença, que passará conosco alguns dias...

- Talvez semanas, ou meses, Modesta – considere, ciente do quadro pertinente ao companheiro, que desencarnara de maneira trágica no interior de Goiás, vítima de terrível trama das Trevas.

Enquanto Manoel providenciara para que o médico ilustre e o seu enfermo pupilo se acomodassem, tomei a iniciativa de quebrar o natural constrangimento.

- Como é A.? Você tem passado melhor?

Visivelmente abatido, ainda exibindo hematomas por todo o corpo, o médium respondeu, ofegante:

- Mais ou menos, Doutor; o meu problema maior é mesmo na cabeça: daí o Dr. Ricardo ter me aconselhado alguns dias de tratamento aqui... Sinto-me debilitado, com as crises que se fazem freqüentes.

- O A. – tomou a palavra o médico que se responsabilizara pela coordenação da equipe espiritual que, não obstante as dificuldades de toda a ordem, beneficiara a tantos sofredores desencarnados pela medicina convencional -, infelizmente, não consegue se livrar da lembrança do episódio que culminou com o seu desenlace...

- Fui muito invigilante, Doutor – falou sem rodeios, como quem experimenta necessidade de desabafar -; apesar das advertências que o Mundo Espiritual me efetuava, fui muito negligente... Esnobei a capacidade das Trevas de desmantelarem com qualquer atividade promissora, desde, é claro, que não nos submetamos à indispensável disciplina, que o exercício da mediunidade exige.

- Mormente em se tratando de mediunidade de cura, como era o seu caso – acentuei.
- O próprio Chico Xavier, com quem tive oportunidade de estar duas ou três vezes, procurou me alertar, no entanto eu estava por demais fascinado e, sem prévio conhecimento doutrinário... O Dr. Ricardo não se cansava de me recomendar o estudo de obras que me auxiliassem o discernimento, mas, em minha ingenuidade, eu praticamente cresci no meio do mato -, imaginei que somente a mediunidade me bastasse. Foi um desastre!... Eu nunca soube de uma ação tão fulminante, que me parece ter sido programada com detalhes pelos agentes do Mal. O senhor pensa: uma simples pescaria colocar tudo a perder de um instante para outro...

Neste instante, como se estivesse caído em transe, A. R. começou a gritar, debatendo-se na poltrona e correndo ambas as mãos por toda a extensão do corpo:

- Socorro! Socorro!... Por favor, é uma nuvem de gafanhotos! Estou sendo atacado por uma nuvem de gafanhotos... De onde foi que surgiram? Tire-nos daqui!... Socorro! Estão me devorando...
- Não eram gafanhotos, Doutor – comentou o Dr. Ricardo em voz baixa -; eram abelhas africanas – milhares delas que, numa espécie de ação coordenada, o atacaram...
- Eu sei – redargüi, atento ao médium, que prosseguia descrevendo a cena:
 - Querem me carregar da canoa... Socorro! Socorro! Estão me devorando vivo... Eu vou pular, mas não sei nadar. Alguém me auxilie, pelo amor de Deus! Dr. Ricardo! Dr. Ricardo!...
 - Nada pudemos fazer – esclareceu, pesaroso, o companheiro, que, com uma toalha, enxugava a fronte empastada de suor de A.-; fizemos de tudo para que ele não fosse àquela malfadada pescaria e... para que não bebesse.
 - Não! Não!... – continuava gritando o infeliz companheiro, que, apesar dos pesares, vinha prestando relevantes serviços à difusão da crença na imortalidade da alma, entre as centenas e centenas de pessoas que o procuravam na cidadezinha em que se estabelecera, inclusive provindas do Exterior. – Eu não quero morrer... Não me levem! Prometo rever tudo... Deixem-me ficar. Que carantonha é essa, meu Deus! – disse, ameaçando erguer-se da poltrona, no que foi prontamente contido pelo Dr. Ricardo.
 - Ele está se referindo a um dos “gafanhotos” de sua visão...

- Que carantonha, meu Deus! – repetia. – Está escancarando a boca para me devorar... Que nuvem escura! Milhares e milhares de insetos sobre mim, picando o meu corpo todo...

E sorria, acometido por um acesso de loucura, balançando o corpo de um lado para outro, como quem estivesse alcoolizado:

- Eu só bebi uma garrafa de whisky, mais nada... Por que, sendo médium, estou impedido de beber? Eu sou médium, mas não sou espírita... Pescar é o meu lazer predileto, depois, é lógico, de faturar um pouco; afinal, quem é que vive sem dinheiro?... Eu não sou santo; todo mundo que me procura sabe que eu não sou santo; inclusive as entidades que trabalham comigo, o Dr. Ricardo... Eu sou um homem comum e não tenho culpa de ter nascido com esse dom. Quem pode pagar que pague; os pobres atendo de graça...

Dos olhos claros do Dr. Ricardo rolaram silenciosas lágrimas. Compadecido de sua situação, Odilon pousou-lhe a destra no ombro e percebi que tentava transmitir-lhe forças, enquanto nos mantínhamos em atitude de solidária expectativa.

- Perdoe-me, Dr. Ricardo, perdoe-me! Eu coloquei tudo a perder: a minha ambição, a minha vaidade... Quando, agora, poderemos recomeçar? Peçamos ao Senhor uma nova oportunidade... Não é possível! Como as Trevas puderam triunfar assim!... Eu preciso voltar: o povo continua à minha espera, a fila dos consulentes está imensa, os hotéis estão abarrotados... Queiram ou não, eu sou maior médium que Arigó! Arigó operava com um canivete, mas não se atrevia, como eu, a abrir o peito de alguém com uma serra... Eu gosto de operar assim: com muito sangue jorrando! É para impressionar... Chamem os jornais e a televisão – eu não me importo...

Em seu ato de delirar, A. R. ia alternando sentimentos de remorso e surtos psicóticos de grandeza. Prorrompendo em soluços quase incontidos que Manoel Roberto e Modesta procuravam controlar, aplicando-lhe passes na região da cabeça e do tórax; enquanto o médium prosseguia tomado pelas próprias reminiscências, o Dr. Ricardo, que o assistia, considerou:

- Os “gafanhotos”, Doutor, a que o nosso irmão se refere, trata-se de espíritos inimigos da Doutrina, que, a pouco e pouco, foram-se agrupando nos arredores da cidade, permanecendo à espreita; a grande movimentação os atraiu e, após terem avaliado as possibilidades, organizaram-se e... desferiram o ataque fatal. A., infelizmente, não

estava em condições de lhes oferecer a menor resistência. Não há, evidentemente, necessidade de que entremos em pormenores dos desregramentos cometidos por ele, não é?

- Não – respondi -; quase todos os médiuns que caem fracassando no cumprimento do dever, o fazem de maneira idêntica, com algumas pequenas variações, consoante os pontos vulneráveis, ou mais vulneráveis de cada um.

- Nada pudemos fazer... Tentamos o inimaginável; inclusive aventando a possibilidade de fazer com que ele transferisse residência – tudo no intuito de desarticular o que se preparava para golpeá-lo e, indiretamente, a equipe espiritual que, por seu intermédio, mais que curar corpos, objetivava colaborar com a propaganda da fé, sob os auspícios do Espiritismo. Durante algum tempo, A. mostrou-se receptivo aos nossos ideais, no entanto, aos poucos, não mais nos atendia os alvitre. De que maneira agir? Abandoná-lo significaria abandonar a multidão dos aflitos e sofredores que concentravam em nós, os *mortos*, as suas derradeiras esperanças. Optamos por dar seqüência ao trabalho, na expectativa de que, quem sabe?, algo pudesse mudar. Infelizmente, verdade seja dita, estabeleceu-se também contra ele, na cidade, partindo de alguns adeptos da Doutrina, uma corrente de crítica sistemática, fruto da inveja e do ciúme.

- Ao invés de orações para preservá-lo – atalhei -, pedras atiradas com endereço certo...

- Vocês nos desculpem – falou o Dr. Ricardo com humildade -, se não pudermos nos antecipar aos propósitos urdidos pelos ferrenhos adversários de nossa Causa; eles eram tão numerosos, que, mesmo se nos dispuséssemos a enfrentá-los fisicamente, não teríamos logrado vencê-los; o *assalto* aconteceu de inesperado, muito embora pressentíssemos que algo de sério estivesse para acontecer... Aquelas abelhas africanas, que obrigaram A. a pular nas águas do rio, não moravam nas imediações da mata; com as investigações que efetuamos, chegamos à conclusão que elas foram como que “conduzidas” pelos espíritos obsessores, que as constrangeram ao ataque desfechado contra o médium, que terminou por se afogar, sem que, igualmente, os seus amigos encarnados, que pescavam um pouco mais abaixo, nada pudessem fazer para salvá-lo. Confesso-lhes que também fomos pegos de surpresa...

- Como – indagou Paulino, respeitoso -, *pegos de surpresa?* Quando na carne, sempre imaginamos que os espíritos consigam frustrar as investidas do Mal, impedindo-lhe a ação junto àqueles que se devotam à prática do bem...

- Compreendo, meu irmão – respondeu o Dr. Ricardo -, o seu questionamento e, de início, devo esclarecer que nós, os que trabalhávamos mais diretamente com o médium, assessorando-o em suas atividades, não éramos e não somos espíritos dotados do dom da presciência – não passamos de criaturas fora do corpo físico, ainda em luta com limitações, não obstante a nossa extrema vontade de colaborar com a Causa a que aderimos após a desencarnação... Tornamo-nos adeptos do Espiritismo ainda há pouco e, evidentemente, não deixamos de ser espíritos comuns que sempre fomos. As atividades envolvendo o medianeiro cresceram mais do que poderíamos prever, e não estávamos estruturados, nem nós nem ele, para arcar com tamanha responsabilidade; de um instante para outro, a pequenina cidade se viu invadida por milhares de romaneiros, que aumentavam consideravelmente a sua *população* invisível, espíritos procedentes das mais diversificadas regiões do Plano Espiritual, atraídos, não raro, por mera curiosidade...

- A gente não analisa o problema por este ângulo de visão – observei, vislumbrando a extensão das dificuldades que a equipe espiritual do Dr. Ricardo enfrentava, na tentativa de manter a situação sob controle.

- Sinceramente – repetiu -, não esperávamos que o labor que nos propúnhamos, em local de difícil acesso, numa comunidade rural, fosse despertar a atenção de tantas pessoas, em maioria, doentes, é verdade, mas que, na ânsia de algo obter dos espíritos, não se constrangiam em corromper os encarnados. A. era uma fonte cristalina, jorrando abundantemente, que os próprios homens, após saciarem a sede, pisotearam e conspurcaram, sem a menor preocupação em preservá-la para os demais sedentos.

Efetuando pequena pausa, o Dr. Ricardo continuou:

- Não tivemos tempo para nos organizarmos e, sobretudo, para convencer o médium a ser mais vigilante, não concedendo tantas brechas no seu psiquismo à nociva influência das Trevas... Ele começou por receber singelos presentes, com o intuito de beneficiar os familiares

em situação de penúria material e, assim, gradativamente, foi sendo corrompido, ao ponto de fraterna voz de advertência aos seus ouvidos soar como um eco distante, que ele confundia com tantas outras vozes que, com sutileza, lhe tramavam a queda. Alguém poderá perguntar: “Por que não o abandonaram de vez?” A resposta é complexa e tentarei resumir. Como abandonar um amigo à própria sorte, sabendo que ele se abeira do precipício? Há sempre a esperança de que algo possa ser feito, com o objetivo de lhe alterar o curso dos passos... A responsabilidade era igualmente nossa; o médium, quando se equivoca, expõe, de certa forma, a fragilidade dos que lhe ofereciam retaguarda... Falhamos todos: o médium, a equipe espiritual e, talvez, mais ainda o grupo dos encarnados, que, com raras exceções, se haviam igualmente habituado a tirar proveito da situação, estabelecendo intenso comércio em função das atividades mediúnicas do nosso pobre companheiro. E, depois, se tivéssemos simplesmente nos retirado, outras entidades estavam prontas para ocupar o espaço e, então, o desastre teria sido maior para todos. A mediunidade de A. R., digam o que quiserem dizer, era autêntica! Centenas e centenas de pessoas foram atendidas com êxito, causando espanto a quantos tiveram a oportunidade de vê-lo em ação – um homem simples, sem cultura alguma, atendendo os doentes numa sala, com as suas vestes inteiramente respingadas de sangue... Nenhum incidente, nenhuma infecção. Algumas fotos e algumas fitas de vídeo foram gravadas, testemunhando a veracidade das informações que transmitimos. No Brasil, depois do fenômeno Arigó, A. R. foi., sem dúvida, o maior sucesso da Espiritualidade no campo da cirurgia mediúnic; se ele tivesse sobrevivido, a ciência teria se espantado e, de maneira indireta, haveria de ter sido imenso o ganho da Fé, neste embate sem quartel contra o Materialismo; vocês sabem que, infelizmente, o homem assimila com maior facilidade o que lhe entra pelos olhos do que pela razão... Um livro, por exemplo, da lavra mediúnic de Chico Xavier ilumina o interior: fala ao espírito em profundidade, predispondo-o à necessária e verdadeira mudança, mas de modo geral, as pessoas estão interessadas na bênção imediata, ou seja, no alívio de suas dores de natureza física, como se jamais fossem adoecer novamente, ou enfrentar, mais cedo ou mais tarde, a desencarnação.

A., que agora se mostrava calmo, dava-me a impressão de estar alheio à maior parte da conversa, que prosseguia interessante.

- Conforme ia dizendo – prosseguiu o Dr. Ricardo -, o nosso irmão médium, que ninguém tem o direito de condenar, ofereceu brechas em

seu psiquismo e, nos últimos tempos, tínhamos que disputar, com outras entidades, o momento do transe...

- Disputar o momento do transe?! – questionou Paulino, admirado.

- Entre o médium e os espíritos que com ele criam um vínculo de trabalho, existe uma espécie de “senha”, através da qual eles podem se identificar, facilitando a sintonia: é como alguém que, possuindo as chaves de uma casa, não necessita de lhe arrombar as portas para entrar... Todavia, quando o médium se torna invigilante, escancara portas e janelas ao invasor, que não medirá conseqüências para adentrar e se estabelecer em sua cidadela psíquica, reclamando-lhe a posse.

- Chega a ser inacreditável! – exclamou o jovem pupilo de Odilon.

- Isto acontece, Paulino – comentou o Mentor -, e com muito mais freqüência que supomos. Mediunidade é uma questão de empatia. Quando o médium, que, digamos, é o *fator causal*, muda de faixa vibratória, o seu pensamento passa a ser receptivo a espíritos da mesma faixa em que se encontra e, mesmo nos posicionando *fisicamente* próximos a ele, é como se estivéssemos a alguns quilômetros, completamente ignorados. No chamado *transe mediúnico*, nem sempre o espírito que mediuniza o médium necessita estar presente, como, quando encarnados, concebemos a presença de alguém ao nosso lado.

- É – esclareceu o Dr. Ricardo -, os espíritos obsessores, muitas vezes, não conseguem varar o bloqueio e vencer as barreiras defensivas, em forma de cercas magnéticas, que havíamos erguido ao redor do centro em que A. atendia, mas ele os “carregava” em seu psiquismo... Podíamos ouvir as entidades que o convenciam a beber, antes da sessão: - “Beba; você não é médium coisa nenhuma... Se tivesse estudado Medicina, você seria um hábil cirurgião. Não seja tolo! A vida na carne não vale nada: dentro de poucos minutos, você lidará com tumores cancerígenos, com doenças infecto-contagiosas, com feridas cheias de pus... Beba, porque, se você não se atordoar, não terá coragem de cortar, de fazer sangrar, de olhar de frente tantos corpos apodrecendo em vida... Beba e, como sempre, tudo dará certo; o povo é tão necessitado e místico, que identificará em você o cheiro de éter espargido pelos espíritos... Beba, A. porque, senão, você, ao ver tanta miséria, sairá correndo como um louco... Tudo é mentira: a vida termina com a morte e os homens estão condenados à extinção. Não existe espírito coisa nenhuma, e as suas visões não passam de crises de alucinação. Os médiuns vêem e ouvem o que têm vontade de ouvir e ver... O Espiritismo, sem dúvida, seria a doutrina ideal para a Humanidade; acontece, porém, que o Espiritismo é uma mentira. Beba, A., afogue suas mágoas, aproveite o que possa e não tenha escrúpulos:

afinal, todo trabalho deve ser remunerado e esse pessoal que o procura joga dinheiro fora...”

- Vocês tentavam contra-argumentar? – inquiriu Paulino.

- É óbvio, mas o nosso companheiro, à medida que o tempo ia passando, foi-se-nos tornando indiferente; debaixo de terrível sugestão, agia inconsciente e inconstante, sem suspeitar do que estava prestes a ocorrer, até que, naquele fatídico dia... Conforme já mencionei, vimos uma *nuvem escura* que se movimentava sobre a cidade, como se um temporal estivesse prestes a desabar. Aquela *nuvem*, estranhamente, esticava-se de um lado para outro e rodopiava, como se fosse um tornado ou um monstro mitológico preparando o ataque... Pressentindo a gravidade da situação, juntamo-nos e começamos a orar, suplicando a intercessão do Alto, com receio de que a cidade fosse ser vítima de uma hecatombe espiritual sem precedentes.

- Que, de fato, aconteceu – emendei.

- Quando, particularmente, pensei em A., corri para a beirada do rio; o centro estava lotado de enfermos que o aguardavam e ele estava... pescando – o atendimento ao público começaria dentro de duas ou três horas. O resto eu já lhes contei e seria desagradável repetir. Aquela estranha *nuvem* se precipitou, fulminante, e, em fração de minuto, todo um trabalho, meticulosamente programado – sim, porque estamos tentando com o A. há tempos -, foi dizimado...

- Isto – aparteou Odilon – demonstra quanto nós, os desencarnados, necessitamos de que os médiuns nos auxiliem, a fim de que encontremos recursos no sentido de auxiliá-los.

- Infelizmente – observei -, deixamos tudo por conta de Deus, não é? De preferência, gostaríamos que a terra produzisse sem necessidade de derrarmos sobre ela uma única gota de suor...

Dando seqüência ao diálogo esclarecedor, Paulino Garcai indagou:

- Vocês estão tentando com o médium há tempos?...

- Sim – respondeu o Dr. Ricardo, desdobrando-se em explicações. – Assumimos, juntos o compromisso de trabalho que procuramos levar a efeito, e não foi fácil colocarmos A. em condições de nos atender; sempre que lhe propúnhamos a tarefa da mediunidade, ele recuava e não conseguíamos convencê-lo. Esquecido do que havíamos combinado, antes de sua última romagem no corpo, A. chegava mesmo a nos evitar e nada queria com assuntos pertinentes à vida do Além-túmulo. Em existência pregressa, ambos éramos médicos que não soubemos cumprir com os nossos deveres à altura – obtivemos o diploma da Europa e fomos para a África, interessados em enriquecer; à época, falava-se muito em minas de ouro e diamantes e o nosso sonho era fazer fortuna... Em lá chegando, porém, nos deparamos com tanta miséria e necessidade do povo, que, inclusive, passava fome e morria, à míngua, nas ruas, que deliberamos nos isolar, ou seja, construimos um pequeno hospital, ao qual tinham acesso apenas os que podiam pagar... Evitávamos qualquer tipo de contato com os indigentes e os mantínhamos a distância, contratando os serviços de vários seguranças, que se encarregavam de afastá-los, Á. era hábil cirurgião e eu ambicioso clínico, que fazia, para ele, a triagem dos casos, não de acordo com a natureza dos diagnósticos que efetuava, mas, sim, segundo o quilate da pedra de diamante ou o tamanho da pepita de ouro que traziam nas mãos em forma de pagamento; operávamos quem realmente precisava ser operado e, muito mais, quem não necessitava de submeter a qualquer cirurgia...

- Ainda há muita gente assim! – exclamei, não deixando passar a oportunidade de, uma vez mais, manifestar-me contrário aos médicos mercenários, que, infelizmente, se submetem a toda espécie de falcaturas, não dando a mínima para o paciente.

- Quando saíamos de carro do hospital, isolado por uma cerca de arame farpado, os tísicos e portadores de elefantíase, tumores à mostra e faces edemaciadas nos estendiam as mãos vazias, e outros, com insignificantes pedras semipreciosas, nos tentavam parar, implorando por seus filhos e genitores que agonizavam em humildes choças... De consciência entorpecida, seguíamos adiante, com a nossa indumentária quase alva contrastando com a cor escurecida da pele daquela gente

sofrida, dominada pelos ingleses. Um dia, quando A. e eu nos dirigíamos a uma casa de prostituição de moças de menor idade, que faziam comércio com o corpo em troca do pão cotidiano, fomos abordados por uma senhora numa pequena ponte de madeira; o automóvel apagara e ela, arrastando uma perna, aproximou-se o suficiente para nos dizer: - “Piedade! Piedade! Socorram a minha netinha, que está morrendo; eu não tenho dinheiro, mas o Senhor há de recompensá-los... Por caridade, venham à minha choça! A menina é órfã de pai e mãe e está ardendo em febre; penso que ela deve ter sido picada por alguns mosquitos... Piedade, senhores! Piedade! Eu lhes serei eternamente devedora, nesta e na outra vida... Não deixem a minha neta morrer – ela é tudo o que me resta!” Extremamente irritado com a inesperada abordagem, A. gritou com o motorista para que ele descesse e empurrasse o veículo, enquanto se encarregava de manobrá-lo.

Silenciando por instantes, o Dr. Ricardo, com lágrimas nos olhos, continuou:

- A pobre senhora, hemiplégica, ao ver que o carro arrancava, olhou-nos de uma maneira que eu jamais pude esquecer – um punhal que me tivesse atravessado o peito não teria me lacerado tanto as fibras da alma! Insisti com A. para que voltássemos, mas ele, completamente transtornado, gritou comigo e, pela primeira vez, discutimos. Porém, enquanto o veículo se distanciava a custo, a anciã, em estado de desespero e revolta, blasfemou de punho cerrado aos céus, arremessando-nos pesadas vibrações: - “Vocês não de pagar caro... A minha netinha morrerá ainda esta noite, mas vocês também não escaparão: clamo aos nossos ancestrais por vingança – por vingança, que quero e espero! Vocês serão picados, vocês serão picados!...” – “Velha asquerosa – disse A., enfurecido -: você é que há de morrer esquelética! Não nos venha rogar praga... Povo imundo! Negros!” Neste ínterim, o motor do carro voltou a funcionar e deixamos a pobre senhora mergulhada numa nuvem de poeira... Coisa estranha! – exclamou o médico de semblante entristecido. Daquele dia em diante, tudo começou a se complicar para nós: uma febre inexplicável nos acometeu e os nossos corpos se cobriram de furúnculos... Nenhum remédio adiantava. A. ficava tão desequilibrado, que se cortava todo, para drenar o pus... Ficamos isolados no próprio hospital e os que trabalhavam conosco, temendo se contagiar, fugiram e nos roubaram quase tudo. Com diferença de uma semana um do outro, *morremos*, ou seja, deixamos o corpo e não houve sequer quem se encorajasse a nos providenciar sepultamento.

- Como podem perceber – falou o Dr. Ricardo num profundo suspiro -, nem A. e muito eu fomos ou somos espíritos missionários. Arrependemo-nos amargamente do descaso que fizemos do ser humano, e depois de longo tempo vagueando nas trevas, alguém se compadeceu de nossos equívocos e o resto vocês já sabem: A. reencarnou e eu me comprometi a auxiliá-lo... DA África, viemos para o Brasil e nos oferecemos na condição de humildes serviçais na seara espírita, embora nada conhecêssemos de Espiritismo. Valendo-se do meu entrosamento com A., amigos de condição espiritual muito mais elevada entreviram a possibilidade de desenvolvermos uma tarefa-resgate; alertaram-nos quanto aos perigos e tal iniciativa, mas o remorso, que é a mais escura e terrível de todas as noites da alma, fez-nos aceitar a chance... Só não contávamos com que a “maldição” da velha senhora pudesse nos acompanhar de uma existência a outra. Sinceramente, eu não tenho outra explicação para o caso, que não sei definir. Eu e A. mudamos muito, mas, talvez, não tenhamos mudado o suficiente. De certa forma, começamos a repetir os mesmos deslizes de outrora: embora contrariando a minha opinião, A. já havia dado início à construção de um grande hospital... Perdoem-me, se não estou conseguindo coordenar bem as idéias, no entanto faço questão de que a comunidade espírita saiba: não somos espíritos missionários; eu e A. simplesmente fomos admitidos na condição de servidores do setor da Mediunidade pela caridade de nossos Maiores, para que aprendêssemos a dar de graça o que de graça recebemos; pouco ou quase nada ainda sabemos do Evangelho!... O povo é que comete o erro de nos endeusar e, especialmente a mim, conceber as luzes que o meu espírito está longe de possuir.

E, voltando-se em minha direção, o Dr. Ricardo, concluiu:

- É por este motivo, Dr. Inácio, que estamos aqui, eu e A., encaminhados pelo Dr. Bezerra de Menezes; precisamos nos tratar e, quem sabe, nos colocarmos em melhores condições para o futuro... Agora, que conhecemos a filosofia espírita, não queremos deixá-la e tencionamos continuar a serviço da Causa, que, reconhecemos, transcende a nossa limitada compreensão. Queremos nos habilitar, para, futuramente, trocarmos de posição: pretendo reencarnar e ser médium... Vejamos, porém, o que a Misericórdia Divina nos reservará. Se não cumprimos com a suposta missão que os nossos irmãos nos atribuíam, pelo menos aprendemos e continuamos sob intenso aprendizado. É impressionante, Doutor, como o espírito tende, nas experiências do presente, reprisar o passado: A. sentiu-se inicialmente atraído para a cidade do interior do

Estado de Goiás, pelas notícias que corriam em relação a garimpo promissor de ouro e diamante... Não sabíamos, eu e ele, que estávamos indo ao encontro do destino. A gente não sabe nada da gente...

- E quer saber dos outros – do carma dos outros, do destino dos outros, da vida dos outros... Eu fico verdadeiramente pasmo, diante de tanta gente metida a besta – gente espírita e- , que se mete a interpretar a tarefa dos outros e a dizer o que foram ou deixaram de ser, em pregressas existências.

- De minha parte, Doutor, agradeço, sensibilizado, aos amigos que me representaram a figura com uma luz resplandecente no peito, mas, todas as vezes em que me ocorre tal imagem distorcida de mim, eu me envergonho e me lembro de que, há quase cem anos, eu e A. nos encontramos rastejando e não sabemos quando haveremos de nos colocarmos de pé.

- Rastejando, meu filho, todos, quase sem exceção, nesta sala , nos encontramos: você e A. não estão sozinhos, não!... E há muita gente boa no mundo iludida quanto à sua verdadeira situação espiritual. O pessoal espírita (um ou outro fica fora da lista) é de uma ingenuidade sem par: qualquer médium ou orador que apareça logo é rotulado de missionário, e o pior é que o infeliz acredita – acredita e fica na expectativa de mais. Ora, mais provador do que médium, só outro médium...

O Dr. Ricardo sorriu, descontraíu-se um pouco e acrescentou:

- Não tínhamos mesmo como escapar daquela situação, não é, Doutor? Espíritos comuns, o que poderíamos fazer?... Em sã consciência, eu não posso consentir que A. assuma toda a culpa sozinho.

Enquanto A. R. e o Dr. Ricardo eram encaminhados por Manoel Roberto e Modesta aos aposentos a ambos destinados, Odilon, Paulino e eu tratamos de ultimar preparativos para a excursão que planejávamos às regiões abaixo da Crosta. Evidentemente, não era a primeira vez que tomávamos a iniciativa de visitá-las, todavia nos convém esclarecer que as regiões mencionadas são de grande extensão, constituindo mesmo um

“universo” a parte, dada a diversidade da vida com que nelas nos deparamos. Em rápidas palavras, jamais lograríamos descrevê-las com exatidão, já que se constituem, internamente, numa espécie de “anel”, a circundar todo o orbe; milhares e milhares de espíritos, humanos e sub-humanos as povoam, bem como seres que eu não saberia classificar – seres em estado de transição, no que se refere à forma e à capacidade intelectual, e outros de existência fugaz, ou seja, “seres” que são exteriorizações mentais, os já denominados por André Luiz, em suas obras, de “formas-pensamentos”.

Interessantes as “formas-pensamentos”... A idéia tem o poder de plasmar o que concebe. Imaginemos se tudo o que os homens pensam no mundo se exteriorizasse: teríamos, sem exagero, um gigantesco espetáculo teratológico, só concebido pela ficção. Essas “formas-pensamentos”, que poderíamos rotular de **irreais**, existiriam, não obstante, por determinado tempo, de maneira concreta... Ainda bem que o pensamento do homem jaz encarnado na caixa craniana e o cérebro, que ele não sabe utilizar em todo o seu potencial, impõe limites à sua imaginação doentia; caso contrário, assistiríamos a verdadeiro duelo de titãs, em que as criações mentais de ordem inferior haveriam de se digladiar. O que é a vibração negativa? Nada mais que uma **onda viva** que se estende e que, não raro, ganhando forma, se arremessa contra o alvo que se quer atingir; a vibração pode, em determinadas circunstância, tomar a forma de um punhal, de uma serpente, de uma nuvem escura, de um projétil certo, de um soco que se desfecha, enfim, de répteis, os mais variados, e de animais peçonhentos desferindo ataques contra a presa... DA mesma maneira que o pensamento é capaz de plasmar criações de ordem superior, com maior facilidade, em nossa atual conjuntura evolutiva, plasma as de ordem inferior, que o pensamento modela e sustenta por um tempo mais ou menos indefinido. Os que lidam com a chamada

“magia negra” sabem lidar com as forças referidas. Há coisas estranhas no Universo e ainda completamente desconhecidas dos homens. Por exemplo, determinadas “formas-pensamento” que se plasmam a partir da mente humana concentrada no ódio, no desejo de vingança ou na simples vontade de fazer o mal, são como que “dominadas” ou “alimentadas” pelos espíritos obsessores que a elas se enlaçam e as “cavalgam”, como alguém que “pilotasse” um torpedo ou, mais modernamente, um “carro-bomba”, direcionando-o... Essas “criaturas” fictícias vampirizam as suas vítimas e, em quase todo o processo obsessivo, se fazem presentes, e apenas e tão-somente à força da oração e seu poder é que se “desintegram”.

Recordo-me de nossas experiências mediúnicas no Sanatório, em Uberaba, quando Modesta, através de sua faculdade clarividente, as descrevia e chegava a confundi-las, junto àqueles que prejudicavam, com a presença *real* dos obsessores. Neste sentido é que entendemos a chamada “auto-obsessão”: pensamentos escapando ao controle do cérebro e tomando formas dantescas, sugando a energia vital ou mental de seus criadores. A idéia fixa é uma “forma-pensamento”. Quem pensa, sistematicamente, em determinada doença, acaba por atraí-la; fragiliza as defesas do organismo e se predispõe a receber o microorganismo patogênico que se desenvolverá no meio de “cultura” que lhe está sendo oferecido. O Universo é uma Criação do Pensamento Divino, que o concebeu e o sustenta se Deus *parasse de pensar* uma única fração de segundo, o Universo se esboroaria... Vejamos bem: tudo o que o homem materializa com as mãos é uma criação de seu próprio pensamento. O que é a matéria:? A matéria é energia condensada, com as partículas atômicas que a estruturam se movimentando em baixa velocidade... homem pensa, toma dos inesgotáveis recursos da Natureza determinada porção de matéria (energia) e dá-lhe a forma que concebe; age, em tudo o que cria exteriormente, como o escultor que trabalha a estátua numa pedra bruta: se o homem fosse capaz de lhe soprar nas narinas o “princípio da Vida”, a estátua de mármore bem que se movimentaria...

Mas, voltemos às nossas experimentações mediúnicas no Sanatório. Em nossas sessões, com o auxílio dos Guias, Modesta sempre descrevia as “formas-pensamentos” que observava ao lado de alguns internos de maior gravidade. Lembro-me de que, certa vez, em estreita simbiose mental com uma senhora vampirizada, ela viu diversos “pulgões” em sua vasta cabeleira, que penteava noite e dia... – “Vejo – disse-nos – dezenas de pequeninos passeando em sua cabeça e outros grudados

em seu couro cabeludo; alguns deles se me assemelham a filhotes de serpentes, que se lhe enroscam nos fios de cabelo, como se a nossa infeliz irmã fosse o retrato da Medusa... Convém, Inácio, para aliviá-la, que providenciemos que os seus cabelos sejam raspados e as suas unhas bem aparadas. Valendo-me da oportunidade, estabelecemos o diálogo que, em síntese, reproduzo.

- Você percebe – perguntei – algum espírito obsessivo nas proximidades de nossa irmã?

- Não; todavia, à medida que ela esmaga os “pulgões” com as mãos ou os retira com o pente, tenho a impressão de que outros vão chegando, como se surgissem do nada... Coitada! Como deve sofrer!...

- É uma obsessão a distância?

- Poderíamos dizer que sim. O que não terá feito essa pobre, em vidas que já se foram?!

- Segundo o marido, que a trouxe e providenciou a sua internação, o problema começou a se manifestar na adolescência; melhorou quando começaram a namorar, mas se agravou a partir de sua primeira gravidez... Ela é mãe de três filhos, que moram com o pai em um sítio próximo à cidade.

- Vejamos, Inácio, se consigo penetrar em seu psiquismo. Por favor, oremos neste sentido e peçamos aos nossos Benfeitores que nos auxiliem.

Depois de quase dez minutos de silêncio, Modesta voltou a falar:

- Estou vendo... Não sei precisar a época, mas estou vendo a nossa irmã na condição de rica fazendeira... Extensos cafezais, muitos escravos trabalhando. Vejo a senzala... Meu Deus! Quanta miséria! Que horror! O mau cheiro é insuportável. Carne, humana apodrecendo em vida... diversos escravos feridos estão com bicheiras; ela não os trata, sequer com creolina... Estão amarrados num canto escuro da senzala... O ódio por ela é uma espécie de vibração que vai tomando forma, ganhando vida, respirando pouco a pouco... Os escravos têm bicheiras nas pernas, na cabeça, na boca, nos órgãos genitais. Meu Deus, quanta maldade! Melhor seria se ela mandasse eliminá-los. Vejo-a entrar com um lenço tapando as narinas... – “Sinhá – clama pobre escravo que está sendo devorado vivo -, mata os bichos! Sinhá, mata... Mata os bichos do preto-velho, mata!” Ela os olha com desprezo e tenho a impressão de que, aos poucos, enlouquece... A sua revolta é oriunda de três abortos consecutivos, que sofreu, e inveja os negros que procriam com facilidade.

Após breve intervalo, Modesta continuou:

- Estou ouvindo, Inácio, ouvindo o que ela ouve sem parar: - “Sinhá, mata os bichos! Sinhá, mata... Mata os bichos do preto-velho , mata!” No caso dela, a obsessão é a voz do tempo... Como, meu Deus, ela está coberta de varejeiras! O seu corpo espiritual é um ninho de vespas... Inácio, eu nunca vi coisa igual! Meu Deus, que horror!...

- Quer dizer que não há obsessão por perto? – indaguei. – Obsessão que possamos atrair para atentar a doutrinação?...

- Não, Inácio, não! A obsessão, em muitos casos, é uma semente plantada que se desenvolve sozinha... É o remorso, é o arrependimento, é a loucura, é, enfim, o ódio que ela suscitou contra a própria maldade.

- Casos assim são mais difíceis de serem tratados – ponderei.

- Sem dúvida, Inácio, sem dúvida – redargüiu a médium em transe. – Os nossos Benfeitores estão me dizendo que, infelizmente, é provável que ela termine assim a presente existência.

- Não há nada que possamos fazer?

- Zelar por ela, para que, pelo menos, não lhe faltem as necessárias condições de higiene e o pão de cada dia. O resto é um acerto de contas dela consigo mesma.

A referida irmã, praticamente abandonada pelos seus familiares, veio a desencarnar quase dez anos depois. Pouco falava, mas, quando abria a boca para dizer alguma coisa, repetia: - “Mata os bichos, mata... Mata os bichos do corpo da sinhá, mata!...” Não houve explicação para o seu desenlace; o coração simplesmente parou de bater, naquele organismo descorado da pobre senhora, que se recusava, inclusive, a tomar banho de sol; vivia encolhida em um canto da cela e, quase sempre, em completa nudez, que tentávamos cobrir, envolvendo-a com um cobertor, já que transformava em trapos todas as suas vestes!

Deixando o hospital, Odilon, Paulino e eu nos pusemos rumo à Crosta, utilizando-nos para tanto, de uma nave semelhante a um helicóptero sem hélices, movida a uma espécie de energia, derivada do átomo, que os homens ainda conseguirão desenvolver – por aqui, nós a denominamos de “energia silenciosa”, já que não provoca nenhum ruído e qualquer espécie de combustão; é uma energia condensada em pequenas *placas*, que simplesmente se gastam e são substituída por outras. Nem sempre, em nossas excursões às vizinhanças do orbe, utilizamos a faculdade de voitar, por contarmos com inúmeros veículos em nosso Plano que nos ensejam fazê-lo, sem maior dispêndio de força de nossa parte. Reservamos a volitação para quando não podemos lançar mão de outro meio de transporte. Eu não sei se os nossos irmãos encarnados entenderão, mas, sinceramente, não estou muito preocupado com isto... Existem coisas que, por mais nos esmeremos, não conseguiremos explicar com a clareza necessária. Se temos, por aqui, veículos e estradas, por que haveríamos, em qualquer viagem que façamos à Terra, exercer a volitação, que, é bom que se diga, não é, para todos os desencarnados, o recurso mais seguro e mesmo o mais rápido de locomoção. Ainda, em maioria, não controlamos os impulsos da mente.

Enquanto a nave, conduzida por um piloto automático, se punha em movimento, observei que Odilon se entregava a proveitosa reflexão, da qual, não resistindo em participar, quis igualmente tirar proveito incomodando-o com as minhas perguntas.

- Meu caro amigo – disse-lhe, com uma piscadela para o Paulino -, poderíamos saber em que você está pensando?

- Em nada de mais, Inácio – em nada que você ou o Paulino já não saibam...

- Mas, com certeza, não ainda o bastante – redargüi -; concorda, Paulino?

- É claro. Eu não tenho o pudor de confessar minha a mais completa ignorância; sei mais da Terra que do Mundo espiritual... – E eu melhor conhecia a velha cacfaça que deixei, do que o corpo de que agora me sirvo; todas as minhas noções de Anatomia se ultrapassaram... Quer dizer, então, dos meus parcos conhecimentos psiquiátricos! Se a Terra é uma dádiva de Deus aos homens, eu nem sei o que dizer das dimensões espirituais...

- Não é de admirar – prosseguiu Paulinho -, que a maioria se sinta, deste Outro Lado, como quem vive num “mundo de superfície espelhada”...
- O Mundo Espiritual é fantástico! – exclamei. – Quem o terá construído, ou melhor, esbravado? Cogita-se, no Planeta, que seres extraterrestres o tenham habitado outrora... Penso que as dimensões espirituais mais próximas dele foram colonizadas por eles, os extra-terrestres, que, em última análise, são seres oriundos de dimensões superiores. Os homens desencarnados não poderiam ter *feito* isto aqui, com tanta perfeição e beleza.
- Pois era justamente sobre o que eu estava meditando, Inácio: comparada à Região em que nos encontramos domiciliados, a Terra é um mundo primitivo e, comparando-se ela às zonas subcrostais, que visitaremos, a Terra é um orbe superior... Todos vivemos, em qualquer parte, de acordo com a relatividade das coisas – com a relatividade de que as coisas se compõem.
- De acordo com a menor ou a maior velocidade das partículas, não é?
- A Vida e a morte são, basicamente, uma questão de Física e de Espiritualidade.
- De Espaço e de Tempo – falei, sem saber expressar o que estava sentindo.
- De espaço, de Tempo e de Luz – completou Odilon. – Essa questão de *encarnado e desencarnado*, ou seja, de *estar encarnado ou desencarnado*...
- É uma simples questão de palavras.
- Sim, Inácio, a rigor, é isto. Para os homens na Terra, revestidos de matéria grosseira ou de um cujo *arranjo molecular* se dá, digamos, em menor movimentação ou celeridade. estamos, de fato, *desencarnados*, Embora o corpo espiritual que ocupamos ainda se constitua de matéria; no entanto, para os espíritos acima de nós, habitantes de dimensões de eterizadas, nós, os *desncarnados*, não passamos de seres *encarnados*, ocupando um corpo sujeito a muitas vicissitudes...
- Inclusive enfermidades e... morte.
- É claro. O perispírito ainda é *carne* e, como tal, passível de adoecer e se desgastar. Penso que, no futuro, os homens necessitarão rever os conceitos de *encarnado e desencarnado* e mesmo mudar a terminologia com que se referem ao corpo – ao corpo que, em verdade, para o espírito, apenas sofre mutações, de acordo com a disposição das partículas enérgicas que o constituem.
- Seria, então, Odilon – indaguei -, lícito imaginar que, para seres mais primitivos na escala evolutiva, os homens estejam desencarnados?

- Perfeitamente. Existem mundos físicos e dimensões outras onde a Vida se manifesta de forma mais animalizada; vejamos que, até uma simples conversa como a nossa, temos dificuldades com a palavra; porque o nosso vocabulário ainda é muito pobre: novos termos surgirão e serão cunhados, para que as idéias se definam com maior precisão, expressando a realidade. O que é o corpo de carne? Energia. O que é o perispírito? Energia. A argila, o granito e o aço têm o mesmo princípio: o que distingue esses elementos, quanto à flexibilidade e propriedade outras é a combinação entre as moléculas que os estruturam. O hidrogênio e o oxigênio, isoladamente, são gases, todavia, se se juntarem em determinada proporção, duas moléculas de hidrogênio para uma de oxigênio -, teremos a água, que é matéria liquefeita.

- Sem Dúvida, Dr. Odilon a-aparteou Paulino, que, embora *desencarnado*, eu me sinta *encarnado*, inclusive com quase todas as necessidades fisiológicas do homem comum... Por exemplo: sinto fome e sede, tenho pêlos no corpo, a minha barba cresce, de quando em quando – não com a freqüência que eu fazia na Terra -, preciso ir ao sanitário, ao chuveiro... Tomar banho. Paulino – disse, não contendo o riso -, prepare-se... Você está pronunciando Heresias, uma atrás da outra; prepare-se para apanhar... Dos espíritas, que adoram bater na gente, os desencarnados.

- Como vocês sabem – prosseguiu todo o mentor. -, não temos mais determinados órgãos, que, aliás, já se encontram em extinção no corpo humano: a vesícula, o apêndice, o trato intestinal apresenta-se-nos resumido, a dentição...

- A dentição! – exclamei. – Quando tinha dentes no mundo, eu podia contar 32 elementos, incluindo os cisos, ou terceiros molares, superiores e inferiores. Usei *chapa* durante muito tempo...

- prótese total removível, Inácio.

- Dentadura! Agora, que outra vez me nasceram dentes, tenho uma dentição de 20 elementos: me desapareceram, em definitivo, os 4 cisos, os 4 segundos pré-molares e os 4 caninos...

- O que você iria fazer com os caninos por aqui? – perguntou o Odilon, passando a mão sobre a minha cabeça e desarrumando os meus cabelos.

- Dilacerar um apetitoso pedaço de carne – respondi, devolvendo a brincadeira.

- Os nossos sentidos e implementos físicos, Inácio, à medida que *subirmos*, serão suprimidos pela evolução, por absoluta falta de uso. No caso específico dos dentes a dentição infantil é formada por 16

elementos: 2 incisivos centrais, 2 laterais, 2 caninos e 4 molares, na maxilar e na mandíbula.

- É, os dentistas terão mesmo que procurar outra profissão deste Outro Lado...

- Por este motivo, Inácio, é que eu estou entrando na sua área: vocês, os médicos, que nos marginalizavam profissionalmente, vão ter que nos agüentar como concorrentes: nós, os dentistas, depois da morte, haveremos todos psiquiatras – comentou Odilon, arrancando risos de Paulino.

O veículo que nos transportava diminuiu a velocidade e percebemos que estávamos atravessando uma área de turbulência.

- Estamos chegando! – exclamei.

- Pousaremos dentro de instantes – observou o Instrutor, correndo os olhos sobre os painéis da nave.

- Então, Odilon – quis voltar ao assunto que me chamara a atenção -, você acredita que os conceitos de estar ou não estar *encarnado* ou *desencarnado* necessitarão ser revistos?

- A palavra limita o pensamento e estreita a imaginação. Inácio, a palavra *carne*, diante das descobertas da Física, está ultrapassada e expressando uma idéia equivocada, alimentando no cérebro humano uma ilusão, da qual o homem precisa se libertar. O espírito é um ser energético por natureza e o seu corpo nada mais é que a sua própria exteriorização. *Morrer* é um fenômeno transfiguratório – nada mais do que isto; a *morte* é uma dissociação de partículas que, uma vez separadas, provocam uma espécie de desintegração energética. A cobra troca de pele, o pássaro muda de plumagem, a lagarta se transforma em borboleta, as árvores se livram das antigas folhas... Por que somente o homem estaria impedido de se metamorfosear, “despindo-se” dos elementos gastos da parte mais externa do seu organismo?

Não havia mais tempo para alongarmos considerações.

A cápsula pousou em lugar seguro e, assim que deixamos o seu interior, constatamos, de imediato, a diferença – a enorme diferença atmosférica e climática da região, contrastando com o ar puro e a temperatura ambiente que se mantinham inalteráveis dentro da nave. Fenômeno interessante, que, sinceramente, eu não saberia explicar: logo que a respiração se tornou mais difícil, os nossos corpos espirituais se adensaram e passamos a nos sentir mais pesados que o habitual.

Examinando o terreno, verificamos que a região, do ponto de vista topográfico, era do tipo vulcânica, coberta por extensa camada de poeira vermelho-acinzentada, que impedia a passagem dos raios do sol.

- Estamos – esclareceu Odilon – em pleno Umbral, o chamado Umbral Grosso, nas vizinhanças da Crosta e que a interpenetra em toda a sua extensão.

- Umbral Grosso? – perguntou Paulino, que transpirava abundantemente.

- Sim; o Umbral, em muitos pontos, se confunde com a Crosta: daí dizermos que é sobre a superfície da Terra que ele começa...

- Quer dizer que os encarnados...

- De certa forma, vivem no Umbral, que não é, conforme se pensa, uma região alhures.

- Interpenetra o orbe?

- Em toda a sua extensão, em profundidade razoável, variando de acordo com a menor ou maior concentração de entidades que nele vivem.

- E abaixo, o que existe?

- Trevas mais densas e o que, genericamente, chamamos *Abismo*.

- São regiões habitadas?

- Como não? – respondeu o Mentor, sem ampliar considerações.

- Para onde nos dirigimos? – foi a minha vez de indagar, pois me sentia incomodado por aquele ar asfíxiante. – Os meus pés parecem de chumbo; tenho a impressão de que bracejamos num mar feito de lama... Que dificuldade!

- Tenha calma, Inácio! Procure se movimentar sem aflição; logo, você se acostumará... Sobretudo, não se deixe impressionar pela paisagem; conserve a mente liberta de influências de caráter negativo.

Embora estivéssemos percorrendo uma superfície mais ou menos plana, a sensação era a de que estávamos subindo um morro...

- Não há perigo de que sejamos identificados? – questionou Paulino.
- Não, pela maioria; os nossos corpos espirituais se adensaram e o ambiente escuro nos é favorável; não obstante, convém que nos mantenhamos cautelosos: muitas entidades argutas dominam por aqui vastos territórios – territórios que disputam, entre si, com extrema violência...
- Entidades argutas e delinqüentes, não é? – observei.
- Espíritos, Inácio, nossos irmãos, que vivem à margem da Lei, por ainda não terem despertados para a Verdade...
- Habituarão-se a viver aqui?
- Sim, e se movimentam com a maior facilidade; misturam-se aos encarnados e aos desencarnados e não querem se desalojar... *Aprenderam* a viver por aqui e se consideram...
- Donos do pedaço! – exclamei.
- Tem de tudo o que necessitam? – perguntou Paulino, atendendo o Instrutor que nos solicitara diminuir o tom de voz.
- Menos, é claro, o essencial: a luz, a paz, o amor...
- Mas vivem alegres e felizes?
- Felicidade é algo que desconhecem; quanto à alegria, é oriunda da insanidade...

Mal Odilon terminara de responder, avistamos um grupo de seis entidades ao redor de uma fogueira.

- Ajam com naturalidade – solicitou-nos -; eles já nos viram... Continuemos a caminhar e, se formos interpelados, deixem que eu fale por nós... Inácio, finja-se de mudo...
- Vai ser difícil – retruquei.
- ... e você, Paulino, faça-se de desentendido.
- O que vocês querem? – perguntou o líder, que me pareceu ter mais de dois metros de altura. - ?Estão perdidos? Este território tem dono...
- Sim, estamos perdidos – respondeu Odilon -; estamos à procura de uma passagem que nos leve ao interior...
- Aqui já é interior... Mais ainda? – ironizou o quase gigante, provocando gargalhadas nos companheiros. – E esses dois bobos, não dizem nada?...
- Não fale assim, Rubião – interveio uma mulher com o corpo quase à mostra -; o rapaz é interessante... Está à venda? – perguntou, olhando sedutoramente para o Paulino.

Antes que a situação se complicasse, Odilon desconversou:

- Ambos já foram adquiridos: são *mercadorias* que estou entregando...
- Quem são os felizardos? – tornou a feliz irmã.
- Os monges beneditinos.

Bastou que ouvisse referência aos monges beneditinos para que a mulher se contivesse e Rubião, cuspiendo na fogueira, se acomodasse numa pedra.

- Eles irão trabalhar com livros: são hábeis com a escrita... Estamos procuramos o caminho para uma central do livro apócrifo, que existe nas imediações.

- Eu já ouvi falar – respondeu Rubião, blasfemando em seguida: - Os monges! São terríveis e implacáveis... Tomaram-nos o Lúcio, vocês se lembram? – disse, virando-se para os demais integrantes do grupo. Aqueles pederastas!... Andam com um crucifixo dependurado no peito e o Demônio nas costas... Isto aqui seria bem melhor sem eles!

- Sigam adiante – falou um terceiro, que exibia uma enorme cicatriz de um lado ao outro da face -; a uns três quilômetros daqui, existe uma garganta para o interior da Terra...

- Vocês querem um pedaço de carne? – questionou Rubião, estendendo-nos uma fatia do animal que assavam na fogueira.

- Comam! É porco-espinho... Desta vez tivemos sorte, porque quase sempre temos que nos contentar com ratos e lagartos... Comam! Este aqui é bem grande...

- Não, não estamos com fome.

- Como ousam recusar um pedaço de carne das mãos de Rubião? Vamos, provem... Por acaso, são vegetarianos? – e gargalhava com o espeto na mão. – Este velhinho aí parece estar com vontade...

Erguendo-se dentre os outros, que permaneciam acorados, a entidade caminhou na minha direção e encostou em minhas narinas aquele naco de churrasco de porco-espinho. Confesso-lhes que me senti de *estômago dividido*... Há quanto tempo, meu Deus, eu não era tentado daquele jeito!

- Vamos, uma mordida só – insistia Rubião -; depois, vocês poderão passar...

Antes que Odilon tomasse uma de suas inesperadas e sábias providências, confesso-lhes, meus amigos, que, mesmo depois de morto, a carne é fraca... Pressionado pela entidade, fui para o *sacrifício*, com o

intuito de poupar os dois amigos, que não acreditaram no que viram, quando abri a boca e... devorei um naco de carne assada na brasa!

- Agora – gritou o líder -, sumam daqui... Não nos comprometam; não queremos nada com aquela corja de religiosos... Mentirosos! Eles comem carne, e da melhor, e tomam vinho todos os dias. Sumam daqui!...

Eu não sei dizer-lhes o que, então, se passou: assim que nos distanciamos uns trinta metros daquele grupo de nômades do Umbral, o meu estômago (Ah, o meu estômago!) e a minha cabeça e o meu intestino e não sei mais o que em mim – tudo, enfim, começou a rodar; um mal-estar indizível, que eu só me lembro de ter sentido igual no dia em que fizemos um churrasco no Sanatório e, sozinho, comi quase um cupim inteiro, assadinho com pimenta... A impressão que tinha era que eu iria desencarnar de novo. E comecei a vomitar, vomitar, vomitar... Devo ter vomitado a alma, ou o espírito, sei lá!, inteiro. Uma substância escura, feito borra de café, como se eu estivesse tendo uma hemorragia interna, era expelida aos golfões...

- Depressa, Paulino! Precisamos de um pouco d'água – pediu Odilon -, tão pura quanto possível...

- Água, Dr. Odilon? Onde consegui-la?...

Eu estava quase desfalecido, mas ouvi quando o Mentor disse:

- Aquela pedra redonda, meu filho; traga-a...

Deixando-me aos cuidados do Paulino, que me apoiava a cabeça, Odilon partiu a pedra que era oca por dentro e represava em seu interior pequena quantidade de linfa cristalina, que ele tratou rapidamente de magnetizar e servir-me aos goles.

- Beba, Inácio! Beba e respire devagar...

Depois, com a ponta dos dedos, à semelhança de conta-gotas, ele me fez escorrer três gotas d'água em cada narina e assim, aos poucos, fui-me recuperando: a cabeça parou de rodar, os vômitos cessaram a pulsação cardíaca se normalizou...

- Preciso ir ao sanitário – disse-lhes, tentando me colocar de pé.

- Sanitário, aqui?!... – reagiu, Paulino, tão surpreso quanto eu.

- Por favor – solicitei, afrouxando a calça -, afastem-se...

E, ali mesmo, sem qualquer escrúpulo, improvisei uma latrina.

É possível que os nossos irmãos encarnados estejam, neste instante, questionando a veracidade das informações que lhes transmito ou, no mínimo, as estranhando, e, neste sentido, peço-lhes desculpas, se não tenho uma forma mais elegante e discreta de me referir ao episódio, que ainda hoje, quando dele me recordo, me provoca náuseas. O meu intuito, evidentemente, não é o de escandalizar, mas, sim, o de mostrar quanto ainda prosseguimos humanos além da morte.

Demorei um tempo considerável para me recuperar, com Odilon e Paulino se desdobrando nos cuidados que passei a requisitar.

- Um simples e ingênuo pedaço de carne! – lamentei. – Será que estava contaminado por alguma bactéria??

- É possível, Inácio, - respondeu o Mentor -, e, depois, aquela fumaça que a impregnava!... A fogueira em que o porco-espinho estava sendo assado foi acesa com detritos poluentes, isto tudo, é claro, sem levar em consideração a causa determinante.

- Qual?

- A natural rejeição do seu organismo espiritual, não mais afeito a alimentos dessa natureza.

- É, de fato –concordei -, de há muito a minha dieta se reduziu a água, sucos e caldos leves; por este motivo, não resisti à tentação... É uma pena!

- O que é uma pena, Doutor? – questionou Paulino.

- Que eu não possa mais sequer ingerir um pedaço de carne... *Morri* em definitivo e preciso me conformar com a idéia. Não tenho mais estômago para certos prazeres do mundo; agora, só na próxima encarnação...

- E, mesmo assim, se o senhor não renascer filho de pais vegetarianos....

- O que não será difícil – observei -, já que os adeptos de uma alimentação totalmente isenta de proteína animal estão aumentando dia-a-dia. Eu não sei o que há de ser dos criadores de animais para o abate. Esta, com certeza, não é uma boa notícia para os invernistas de Uberaba, que terão que mudar de ramo e transformar os seus latifúndios em pequenos sítios e chácaras, com árvores frutíferas, hortaliças...

- O comércio mundial de carne...

- Vai demorar um pouco, Paulino, mas irá quebrar, literalmente; como, por exemplo, o comércio de tabaco... Quando o pessoal se conscientizar de que fumar provoca câncer, entre outras inúmeras patologias graves,

os lobistas do cigarro, que ganham cifras inimagináveis, ficarão desempregados.

Respirando um pouco mais aliviado e quase pronto para reencetar a caminhada, aduzi:

- Não fossem as autoridades que se corrompem, nos quatro cantos do Planeta, diversos *lobbies* não teriam a força que têm. Um exemplo? O *lobby* da indústria farmacêutica: qualquer medicamento está “pela hora da morte”, no duplo sentido, porque, infelizmente, muitos medicamentos são completamente inócuos, quando não se responsabilizam por um sem-número de reações adversas... Não estranhe o que eu vou lhe dizer: com as exceções de praxe, os donos das indústrias farmacêuticas, cujos nomes permanecem no anonimato, chegam a se regozijar com as doenças que se cronificam.

- Como assim?

-Você já pensou em quanto rende um diabético, que a vida inteira é obrigado a tomar remédios – um hipertenso, um aidético, o portador de uma simples gastrite, um epilético?...

- Inácio – advertiu-me Odilon -, precisamos seguir.

- A cura definitiva de certas enfermidades interessa apenas aos que delas sofrem. Este é o nosso mundo, Paulino, o mundo para o qual, sem dúvida, haveremos de voltar, não sei quando.

- Inácio! – tornou a me chamar o Instrutor, em tom de repreensão.

- Não, Odilon, eu não estou falando demais, estou?

- Falando demais você não está, porém...

- Deixe-me, então, terminar o que comecei: eu não consigo ficar com nada atravessado na garganta... Eu assumo a responsabilidade. O pessoal lá *embaixo*, Paulino – continuei -, o pessoal da indústria bélica, que envolve bilhões de dólares, fomenta a guerra em diversos países – eles precisam explodir as ogivas nucleares, utilizar os artefatos de destruição em massa, os mísseis, que também têm prazo de validade; os fabricantes de armas pesadas pressionam os governos em favor da guerra; ninguém fabrica bombas para simples armazenagem ou helicópteros, bombardeiros, tanques, submarinos atômicos, por puro diletantismo... Há um serviço de espionagem na Terra, altamente remunerado, com o propósito de lançar um país contra outro; terroristas que são treinados...

- Como o caso daquele que destruiu, em Manhattan, as “torres gêmeas”, o World Trade Center?

- Sim; ele foi treinado pelos norte-americanos....

- Que, agora, ofereceram uma recompensa por ele, vivo ou morto.

- E o *lobbie* das religiões? – acrescentei, esforçando-me para me colocar de pé, numa tentativa de que Odilon não me chamasse a atenção novamente. O que, confesso, de nada adiantou.

- Inácio, carecemos de nos manter vigilantes...

- Eu sei, eu sei, mas ainda me encontro sob o efeito da carne que me intoxicou... Não se preocupe; vou concluir. Você acha, Paulino, que a Igreja, sendo uma instituição milenar, se interessa pela Verdade, que a constringeria a mudanças radicais?

- Para ser sincero, não!

- Bastaria que ela admitisse a Reencarnação, para questionar os principais dogmas sobre os quais se fundamenta. O que os Padres e os Bispos, os Cardeais e o Papa haveriam de fazer, e os leigos, que ganham dinheiro às custas de uma literatura religiosa, e os que vivem do comércio das artes sacras, se o Vaticano se visse obrigado a capitular, de um instante para outro, em suas velhas concepções? Quanto dinheiro a Igreja de Roma movimenta no mundo todo! É uma luta de interesses...

- Ao que estou sabendo – disse-me Paulino -, há um filme sobre A Vida do Cristo sendo exibido na Terra...

- Eu sei; está sendo acusado de anti-semítico, não é?

- Sim.

- Mas – permita-me dizê-lo -, segundo informações que possuo, o filme “A Paixão de Cristo” retrata a realidade: foram mesmo os judeus que crucificaram Jesus! Por que não assumir a culpa? Fomos nós, foram, sim, eles, enfim, a Humanidade que O condenou à morte ignominiosa... O Cristo ainda é o grande rejeitado pelos homens! Enquanto, coletivamente, não nos penitenciarmos de nossos erros, não nos redimiremos. Carecemos de ser honestos e reparar o histórico equívoco – o maior que cometemos desde a criação do mundo – de termos mandado o Filho de Deus para a cruz! O problema é que não estamos querendo ver na tela cinematográfica, diante de nossos olhos, o que nos incomoda a consciência. Jesus apanhou tanto e sofreu tantas torturas, que foi levado semimorto ao Calvário; todas as humilhações, possíveis e inimagináveis, lhe foram infligidas... Pôncio Pilatos era, sim, um fraco, porque, na condição de Governador da Judéia, tinha amplos poderes para libertar o Mestre, mas, apesar de ter tentado por três vezes consecutivas influenciar a decisão dos judeus, preferiu lavar as mãos e se omitir.

- Inácio, silêncio! – solicitou Odilon, preocupado com o vozerio que ecoava nas imediações.

Escondendo-nos detrás de grande rocha, vimos quatro monges que se aproximavam, conversando:

- Precisamos estender a nossa influência – falava um deles com os demais -; a Vida é uma constante luta pelo poder... Não existe Céu, não existe Inferno; os nossos teólogos estavam enganados, mas numa coisa estavam com a razão: em qualquer parte do Universo, o forte subjuga o fraco... Não podemos ceder em nossas concepções ou seremos escravizados. *Deus é a vontade da maioria que prevalece*; somos as Leis da Natureza, que, por nós, se manifestam... Depois da morte, não existe o mundo que pregávamos, mas... podemos criá-lo! Vocês estão de acordo? Tudo é uma questão de obediência àqueles que nos dirigem; não podemos nos desunir, sob pena de nos fragilizarmos, e dois mil anos estarão praticamente perdidos... Somos imortais, viveremos para sempre; no entanto, procuremos viver como nos agrada e convém; quem não está do nosso lado é nosso adversário, quer nos submeter... É simples: alguns mandam, outros obedecem; as coisas sempre foram assim e não vão mudar nunca... Pertencemos a uma organização religiosa que tanto nós quanto aqueles que nos antecederam lutamos e ainda lutaremos para manter, ao longo dos séculos; não podemos permitir que quem chegou agora nos tome o lugar... E é o que os nossos opositores pretendem, os que se intitulam evangélicos, espíritas... *Deus somos nós!* Onde é que está Jesus Cristo, que nunca vimos? É uma ficção? Não importa. Seja na Terra ou aqui, tudo é uma coisa só. Precisamos valorizar o princípio da obediência: os mais inteligentes e os mais fortes devem comandar... Os nossos inimigos são os outros! Que isto fique bem claro. A Igreja de Roma não pode ruir; caso contrário, perderemos os nossos privilégios e nos transformaremos em serviçais.

Atento ao diálogo que os monges tratavam entre si, olvidei completamente os sintomas remanescentes do súbito distúrbio que um naco de carne me causara. Eu estava impressionado... Os quatro beneditinos, detendo-se na marcha empreendida, prosseguia conversando rente à enorme pedra que nos escondia:

- Apoiado, apoiado! – redargüiu um deles. – Não podemos, de fato, ceder. A troco de que, recuaríamos? Acho, no entanto, extremamente difícil nos unirmos; infelizmente, estamos divididos... Diversas ordens religiosas querem o poder com exclusividade. Careceríamos de realizar um grande concílio...

- Segundo estou informado – retomou a palavra o primeiro -, está sendo feito um esforço muito grande neste sentido; os nossos superiores têm promovido sucessivos encontros e cogita-se da eleição de um líder...

- De um Papa?...

- Por que não? Precisamos voltar a ser fortes, pois a nossa falta de unidade é que vem favorecendo o avanço de nossos adversários. Seja como for, o Papa sempre foi um ponto de referência e, se a Igreja é uma instituição entre os Dois Planos da Vida, está passando da hora de melhor nos organizarmos.

- Alguém está sendo cogitado para tanto? Algum que já tenha ocupado a dita cadeira de São Pedro?...

- Os pretendentes são inúmeros, mas a tendência é que seja eleito o Cardeal L.

- L?!... questionou, espantado um terceiro. – Então, ele já se encontra nós?

- Sim; a sua política de dissidência ainda vem repercutindo... Precisamos de um líder assim, que não se submeta a pressões e faça o que deve ser feito. Os modernos teólogos têm se aproximado, perigosamente, de idéias que nos fragilizam e descaracterizam. L. é ultraconservador e, com o seu carisma, poderá fazer com que voltemos a ser fortes e respeitados. Nada de temporizar... Se necessário, reeditaremos a Idade Média. Conforme sabemos, repito, não nos deparamos, deste Outro Lado, com a existência do Céu e do Inferno...

- Nem tampouco do Purgatório ou do Limbo – argumentou o menos experiente deles.

- Por conta disto, temos perdido muitos fiéis: milhares têm abandonado as nossas fileiras, aderindo a seitas ou a escolas filosóficas que se

multiplicam, não por interesse à Verdade, mas à supremacia de suas idéias. O que é a Verdade? Ninguém sabe. Tenho para comigo que a Verdade é uma concepção dos mais inteligentes. Como ia dizendo, o Céu e o Inferno, tanto quanto o Purgatório ou o Limbo podem vir a ser criados. Os espíritas, por exemplo, talvez nossos mais ardilosos adversários, vêm criando um Mundo Espiritual à moda deles – tudo a partir da literatura e dos adeptos dessa heresia chamada Espiritismo, que é preciso ser combatida com maior veemência.

- A nossa literatura restringe-se à Terra – observou um dos quatro.

- Pois então! E os espíritas, pelo menos no Brasil, vão colonizando o Espaço: constroem cidades, fundam núcleos de trabalho, instituições próximas à Crosta...

- Influenciando o pensamento dos homens...

- O pensamento-criador!

- Não podemos decepcionar os nossos seguidores.

- Este é o ponto central... A Igreja cresceu e achou que podia parar. Foi o nosso grande erro! Mas ainda há tempo de recuperar o terreno perdido: os espíritas e os evangélicos são minoria... Temos gente de sobra para enviar a eles, com o intuito de perturbá-los; aliás, a sua liderança encarnada já se encontra desnorteada...

- Desde que o “chefe” deles deixou o corpo...

- Chico Xavier!

- Eu não sei como o deixaram crescer tanto! – comentou um dos quatro.

- Foi um grande descuido...

- Para mim – observou o mais prolixo -, a culpa foi daquele Monsenhor...

- Scarzelli!

- Que ninguém sabe por onde anda, para submetê-lo à merecida e justa punição. Ele não tomou qualquer providência... O tal de Chico Xavier era um dos nossos!

- Muitos dos católicos passaram a ler livros espíritas e, em conseqüência, a mudar o pensamento a respeito da vida além da morte.

- E nós sofremos o reflexo...

- Sem dúvida, sem dúvida.

- Eu não sei se não estamos acordando tarde demais... Os governos não se submetem mais ao Vaticano; a palavra do Papa não tem ecoado como outrora... São ainda os nossos milhares de adeptos que representam milhares de votos, que impedem que a Igreja de Roma se desautorize em definitivo.

- O pessoal está imaginando que, do Lado de Cá, não temos força alguma e nada, absolutamente nada, representamos. Os espíritas, por

assim dizer, estão tomando de assalto o nosso Céu – apropriando-se do que é nosso! Isto é um absurdo! Por este motivo, temos grande confiança no Cardeal L. e seus assessores. Precisamos enviar os nossos representantes ao Grande Conclave!

- Quando se dará o evento? – perguntou um dos beneditinos, alisando o cavanhaque.

- Antes de 2010, com certeza! E esperamos que as decisões tomadas se reflitam sobre as decisões do novo Sumo Pontífice.

- O sucessor de João Paulo II?

- Ele mesmo, que, somente aqui entre nós, já deveria ter renunciado ou... Do ponto de vista do conservadorismo e da ortodoxia, o seu pontificado – o mais longo da História – não foi de todo mau, mas foi o período de tempo durante o qual a Igreja, no que se refere ao número de seguidores, mais perdeu. A nossa força, a bem da verdade, nunca esteve tanto em nossa doutrina...

As considerações daqueles quatro monges me deixaram boquiaberto. Sinceramente, eu não sabia o que pensar. Quando, lentamente, recomeçaram a seguir, ainda pude ouvi-los em seus sombrios argumentos:

- A vida é resultado do pensamento: o que pensarmos se fará... Os espíritas têm mobilizado grande força mental e, assim, vêm dando nome às nossas coisas...

- E fazendo “aparecer” coisas deste Lado...

- Não temos problemas dessa natureza na Europa, na América do Norte, na Ásia e em outras partes do mundo, mas no Brasil...

- Precisamos cuidar, precisamos cuidar – falou um dos quatro, gesticulando com violência. – Se a guerra acontecer...

- Sim, é possível que o Papa venha a parar no Brasil, que ainda é uma das nações onde o Catolicismo predomina; como há de ser se, em seu provável futuro exílio, o Santo Padre encontre um povo dominado pela superstição? Providências urgentes necessitam ser tomadas, pois, em meio a esse misticismo religioso do brasileiro – como se já não bastasse! -, alastra-se a erva daninha do Novo Pentecostalismo.

- Que, diga-se de passagem, está intentando seguir os passos na Igreja e... Nos humilhando. Na atualidade, controla um partido político de projeção nacional, diversas emissoras de rádio e televisão, templos imensos e suntuosíssimos, construídos ao lado de nossas capelas quase em ruínas...

- De um lado, os espíritas nos acoçam com as suas concepções, oriundas de uma Doutrina pretensiosa, que se propõe unir Ciência,

Filosofia e Religião; de outro, os evangélicos com o seu discurso de prosperidade e suas sessões públicas de exorcismo; enquanto temos um comparecimento de 100, 200 fiéis em nossos ofícios religiosos domingueiros, os evangélicos realizam dois, três ou mais cultos por dia, nos quais chegam a reunir milhares de pessoas.

- L. precisa começar a agir com mão-de-ferro e logo!

Então, o mais jovem dos monges beneditinos resolveu indagar:

- O senhor afirmou – disse, dirigindo-se ao mais falante – que *Deus somos nós...* Tudo bem. Mas quem tomará conta do Inferno?

- Ora, irmão – respondeu com ironia -, se todo o problema da Igreja se resumisse em nomear alguém para exercer as funções de Satanás! acredite: haverá candidatos a granel, mais até se abrissem vagas para que alguém fizesse, junto aos mortos e aos vivos, as vezes de Deus!... Quanto a isto, não se preocupe.

Enquanto só quatro desapareciam numa curva da lúgubre estrada, olhei significativamente para Odilon e perguntei:

- Estarei sonhando?...

Paulino estava lívido e, meneando a cabeça, só conseguia murmurar:

- Não é possível! Eu não creio no que acabei de ouvir... Isto não existe.

- Imagine, meu filho, como os nossos irmãos encarnados receberiam tal informação! – pronunciou-se Odilon, com a serenidade de sempre.

- Receberiam, não, Odilon – aparteei -: se depender de mim, eles irão receber, e terão que digeri-la como eu, que tive que engolir um pedaço de porco-espinho assado... Que asco, meu Deus! Não posso nem me lembrar, que me dá vômito.... Eu nunca pensei que espírito pudesse ter enxaqueca!

- E dor de cabeça, Inácio, e dor de cabeça – redargüiu o Mentor, dando duplo significado às suas palavras.

Esperamos um tempo e seguimos adiante, tomando como referência o rumo para onde aqueles quatro frades haviam se dirigido, certamente buscando uma das entradas para o interior da Terra.

Não tivemos que caminhar muito, pois, numa grande depressão do solo, deparamos com uma fenda da qual emanava mais forte calor e um mau cheiro quase insuportável.

- Você está bem, Inácio? – perguntou-me Odilon.

- Ótimo – respondi -; pronto para outra...

- Nem pensar – redargüiu o companheiro, franzindo o cenho. – Tenhamos a máxima cautela e, doravante, nos limitemos a conversar tão-somente o necessário.

- Trata-se de uma caverna, semelhante às que já conhecemos? – inquiriu Paulino.

- Fisicamente, sim, mas você constatará que cada passagem que nos conduz ao interior do orbe é ocupada por entidades de natureza diferente; é como se os iguais, ou semelhantes, naturalmente se reunissem e formassem uma comunidade. Esta é a “caverna dos monges beneditinos”. Firmemos o pensamento e procuremos estar vigilantes o tempo todo.

Assim que entramos, nos esgueirando, inicialmente, por estreitos e lúgubres corredores, tivemos a nítida impressão de que recuara no tempo: cruces e tochas embebidas em resina, que penumbravam o ambiente, psiquicamente me retinham à época da chamada Idade das Trevas, quando o próprio sol parecia brilhar de modo mortiço no firmamento. Diversas imagens de santos, a maioria danificadas, e quadros estranhos com figuras exóticas se abrigavam em nichos nas paredes, recobertas por velas derretidas.

Evitando provocar o menor ruído, começamos a escutar um rumor de vozes que aumentava, à medida que avançávamos.

- Do que se trata? – indaguei, baixinho, a Odilon.

- São monges recitando mantras.

- Mantras?

- Mantras das Trevas – redargüiu o companheiro, sem maiores explicações.

Descíamos sempre, o ar ia se tornando praticamente irrespirável e, a mim e ao Paulino, o calor fazia transpirar como em sauna. Fiz questão de reparar que o Instrutor se mantinha impecável, sem o menor sinal exterior de estar sofrendo com a situação que tanto nos incomodava.

- Maior silêncio e vigilância agora – solicitou-nos.

O corredor, que se subdividia numa encruzilhada em diversos outros adiante, dava para um salão de dimensões razoáveis, onde (tive o capricho de contá-los) dezesseis monges encapuzados, em posição de lótus e com as mãos postas, coladas à altura do peito, murmuravam, de forma cadenciada e rítmica, palavras desconhecidas. Todos estavam voltados para a mesma direção, de costas para nós, com os olhos fixos numa saliência natural da rocha, concentrados em meia dúzia de fotos que se enfileiravam, uma ao lado da outra.

Reconhecendo praticamente todos os personagens ali representados, que fui, com crescente espanto, identificando um a um, em sua condição de médiuns a serviços da Causa Espírita – dentre eles, apenas Chico Xavier havia desencarnado -, não pude evitar a pergunta:

- O que estão fazendo?

- *Orando...* – respondeu Odilon, reticencioso.

- *Orando?*...

- Sim, inspirados nos propósitos inferiores que os arruínam... Estão, Inácio, emitindo vibrações negativas, através da força mental em conjunto. Como existem os que se reúnem para o bem, há os que se congregam para o mal. Observemos – convidou o companheiro.

Em intervalos de, aproximadamente, quinze em quinze minutos, um dos monges interrompia a recitação dos mantras e, pronunciando o nome de um outro médium, cuja fotografia era a seguinte na ordem em que se encontravam expostas, exortava:

- Agora, pensemos em *fulano de tal...* Fixemos-lhe a imagem e dardejemos contra ele; trata-se de ferrenho adversário de nossas aspirações... Nódulos de forças mentais, nódulos de forças mentais! – concitava-os. – Mentalizemos cada um dos órgãos de seu corpo, da cabeça aos pés, precisamos adoecê-lo... *Oremos*, meus irmãos, com mais fé em nossa capacidade de influenciar. *Fulano de tal* – repitam comigo – concitava-os.

E, após repetir o referido nome, em uníssono, por três vezes, os monges como que caíam em transe e, pondo-se a balançar para a frente, murmuravam:

- Huum... Huum... Huum... Huum... Huum....

Sem dificuldade, notei que, dos olhos, da boca e, principalmente, da frente de cada um dos sinistros integrantes do grupo, partiam escuras emanações, à semelhança de raios que atingiam o “alvo” de maneira ininterrupta.

- Estão orando o “Terço das Trevas”! – balbuciei, horrorizado. – Por quanto tempo conseguem ficar assim?

- Por horas seguidas – esclareceu Odilon – e, quando se esgotam, são substituídos por outros. O “bombardeio” não se interrompe...

- Meu Deus, a que nossos irmãos se expõem! Se eles soubessem...

- Haveriam, Inácio, de orar com maior frequência e não ofereciam tantas brechas aos adversários; criariam uma “couraça” protetora que, com certeza, os eximiria de muitos problemas espirituais e físicos, interferindo na sintonia com aqueles que desejam estabelecer, com os companheiros encarnados, um contato mediúnico saudável e produtivo.

- Não poderíamos – questionei -, no sentido de socorrer os nossos cooperadores sob a mira das Trevas, organizar um movimento inverso, contrabalançando-lhes a ação?

- A nossa técnica, conforme você sabe, é diferente, os nossos irmãos não se encontram sem cobertura do nosso Plano, completamente à mercê das forças mentais negativas que se organizam com o intuito de prejudicá-los. Ainda aqui, precisamos levar em conta a questão da sintonia, que, no fundo, não deixa de ser uma questão de preferência; até mesmo assimilando o que positivo ou negativo para si, os nossos irmãos estão no pleno exercício de suas faculdades... O médium, primeiro, médium para si mesmo!

- Os companheiros das fotos são sempre os mesmos?- perguntou Paulino.

- É evidente que não; periodicamente, elas são substituídas por outras, de acordo, com o interesse momentâneo dos monges.

Estou impressionado.... E logram o seu intento:?? – tornou o jovem amigo.

- Ainda que não completamente, muitas vezes sim. Infelizmente, são muitos os que, por invigilância prolongada, consentem que esses “nódulos” de forças mentais se lhes instalem no corpo espiritual, passando a vampirizá-los. Diversas patologias de origem psicossomática, difíceis de serem erradicadas, podem, então, se instalar.

Efetando pequeno intervalo, Odilon continuou:

- O único que sempre está na “lista negra” dos monges é Chico Xavier; o seu nome nunca sai do foco das vibrações negativas dos adversários de nossa Causa.

- Embora já desencarnado?... – insistiu Paulino.

- Não importa; de uma maneira ou de outra, eles não perdem a esperança de atingi-lo – se jamais lograram lhe alcançar o espírito nobre, que não se lhes mostrou vulnerável aos propósitos inferiores, em nenhum lance de sua abençoada trajetória no mundo, não desistem de pelejar para que a sua obra mediúnica caia no esquecimento ou de suscitar escândalos que lhe envolvam a personalidade.

- Estes nossos irmãos – perguntei – praticam o que poderíamos chamar de obsessão a distância?

- São especialistas na área – elucidou o Mentor -; é promovida uma triagem entre os de maior capacidade de mentalização e, evidentemente, entre os que se mostram mais arraigados ao sentimento de ódio, inimigos incondicionais da Doutrina.

Ao fundo, a litania dos monges prosseguia, nos incomodando os ouvidos:

- Huum... Huum... Huum... Huum... Huum...

Nova pausa.

- Vibremos, agora, contra *sicrano* – ordenava a entidade de olhos mais penetrantes e encovados -; ele nos tem sido grande estorvo... Tornemo-lo hipocondríaco; mentalizemos várias doenças para ele: câncer, AIDS, neuroses, estados depressivos... Não nos esqueçamos de que o medo é uma grande arma contra ele. Vibremos para que nódulos de forças mentais se lhe instalem na mente e nas regiões dos chacras, principalmente do coronário, do frontal e do gástrico... Vibremos com toda a nossa capacidade contra o *sicrano*, que está prestes a sucumbir. Vibremos!

O estranho ritual era, sem exagero, de causar pavor; eu jamais soubera de uma coisa daquelas e, só de imaginar que, um dia, o meu retrato, quando encarnado, pudesse, talvez, ter estado ali naquele altar ou em outro semelhante, senti um frio me percorrer a espinha. Se, por exemplo, uma única vibração negativa de alguém que conosco não simpatiza pode, não raro, ter uma influência nefasta sobre nós, escancarando caminhos de conseqüências espirituais imprevisíveis, expondo-nos, quando no corpo, a tantas dificuldades, então, que poder não se

concentraria numa *coleção* de pensamentos infelizes a dardejar de maneira ininterrupta, nos elegendo por vítimas?...

Afastamo-nos dali, continuando a percorrer os corredores daquela tétrica caverna que albergava tantas atividades espirituais clandestinas.

Sinceramente, repito, eu estava pasmo.

- Não se impressione tanto, Inácio – comentou Odilon -; você sabe que essas coisas existem até mesmo na Terra, nos rituais da chamada magia negra...

- Eu sei, Odilon, eu sei – respondi -, mas eu nunca havia presenciado algo semelhante; de vez em vez, nos surpreendíamos, à porta do Sanatório, que dá para uma encruzilhada, com *despachos* e fetiches que, com certeza, eram endereçados a algum interno, funcionário ou mesmo a mim; no entanto, comparados ao que vi, era coisa de amador...

- Eu estava pensando, Dr. Odilon - interveio Paulino com propriedade -, no fato de os nossos irmãos médiuns muito raramente se preocuparem em orar uns pelos outros; geralmente...

- Geralmente, meu filho – emendei -, quando não assumem uma postura de completa indiferença em relação aos companheiros, vibram negativamente...

- Inácio, não generalizemos – ponderou o Mentor.

- Não o estou fazendo, Odilon, mas é a pura verdade; a gente tem a impressão, vendo o que acabamos de ver, de que os maus ou os ignorantes agem com mais convicção do que os bons ou que o supõem ser. Faço, inclusive, uma autocrítica, porque, em nossas sessões mediúnicas, raramente nos lembrávamos de orar por um companheiro em dificuldade: no máximo, pronunciávamos o seu nome, que deixávamos escrito numa tira de papel sobre a mesa, entregando o caso à vontade dos Benfeitores...

- A observação de Paulino merece, de nossa parte, maiores considerações. Em verdade, os nossos irmãos encarnados, a serviço da Causa que nos é comum, deveriam cultivar o hábito sistemático da prece, permutando vibrações de paz, encorajamento, saúde, alegria... Não há médium que consiga seguir adiante no cumprimento do dever, se ele não cultivar o hábito da oração cotidiana e não contar com o apoio das preces daqueles nos quais consiga despertar alguma simpatia. Referimo-nos aos médiuns, mas, por extensão, a todo tarefeiro espírita bem intencionado, que encontra inúmeros obstáculos no que se propõe realizar. O Evangelho ainda conta muitos inimigos na Terra e, sem

desejar fazer alarme, a pressão psíquica que as entidades infelizes exercem sobre os nossos confrades dedicados à difusão das idéias espíritas entre os homens é muito grande. Seria, pois, de relevante importância que os nossos companheiros, combatendo em si inclinações negativas, como, por exemplo, o ciúme, a inveja e o personalismo exacerbado, adquirissem o costume de vibrar positivamente uns pelos outros, torcendo pelo seu bom desempenho nas atividades doutrinárias que abraçaram.

- Todavia, Odilon, sejamos francos, é raro que nos deparemos com um espírita tendo semelhante grandeza de alma... Na atualidade (reafirmo o que digo nas páginas que tenho tido oportunidade de escrever, transformando-as em livros), é o império da desunião, da disputa velada, dos conflitos de opinião, de escusos interesses em jogo... Muita gente interpreta que eu esteja a criticar o Movimento, com o intuito de demoli-lo, ou a censurar os confrades, com o intuito de desestimulá-los; a intenção que me move é completamente diferente, e lamento os que me julgam interpretando as minhas palavras e colocações de maneira literal... O que pretendo é despertar ou, para empregar um termo mais atual, provocar, a fim de que os nossos irmãos se libertem do jugo opressor da mesmice, do marasmo imperceptível a que se rendem, individualizando-se em excesso, sem se integrarem no todo de que fazem parte.

- Dr. Inácio – confortou-me Paulino -, eu não sou ninguém para dizer isto ao senhor, mas noto que muitos espíritas, quando se dispõem a interpretar o que lhes escrevemos, se apegam à letra da informação muito mais que os nossos irmãos protestantes se apegam à letra das Sagradas Escrituras: revelam-se incapazes de nos destacar a intenção construtiva ou, no caso específico do senhor, a forma descontraída e alegre...

- São ortodoxos demais, meu filho. O Espiritismo, sem dúvida, é uma doutrina séria, mas não podemos ser excessivamente formais em nossa lida com a Verdade, mesmo porque, embora mortos, não deixamos de ser humanos. Em meu primeiro livro escrito depois de *morto*, “Sob as Cinzas do Tempo”, eu me refiro diversas vezes ao meu antigo hábito de fumar; pois bem: segundo soube, houve alguém que teve o capricho e a paciência de contar o número de vezes em que eu fiz menção ao tabaco, para chegar à conclusão de que não sou um Espírito Superior... Ora, para tanto, ele não precisaria ter se dado a tão estafante trabalho; eu, Inácio Ferreira, não passo de espírito comum e não sei até quando terei que repetir isto... Agora, uma coisa faço questão de deixar claro: muitos espíritas, ao deixarem a velha carcaça, se surpreenderão – não com o

Mundo Espiritual ou com o que possam facear além da morte, mas, sim, consigo próprios, que, de um instante para o outro, se sentirão constrangidos a reformular ultrapassados conceitos. E não estou rogando praga em ninguém...

Paulino e Odilon sorriram, e prossegui:

- Faço votos para todos cheguem *por aqui* em melhores condições do que eu e, quem sabe, sob os seus ombros recurvados alguém esteja a esconder asas de anjo, não é? Tudo é possível. Mas, para ser sincero para comigo mesmo, vou lhes dizer: eu quero distância de espírita moralista – quanto mais longe melhor; a conviver com eles, eu escolho o Umbral... Esse pessoal enquadrado, ou *quadrado*, não sei, ao chegar deste Outro Lado...

- Inácio – advertiu-me o Mentor -, cuidado com o que você vai dizer...

- Não, Odilon, eu não vou dizer nada demais... Chega desse Outro Lado – prossegui – e... “solta a franga”.

- Inácio!...

- É um dito popular; não estou cometendo nenhum despautério. Esses padres de antigamente e esses que se impõem uma disciplina militar, parecendo viver de continência, quando fogem do raio de observação do povo, pelo qual se sentem policiados, mostram-se como são. Esses homens excessivamente machistas, quase todos – deixemos aqui uma válvula de escape para um ou outro – reencarnarão mulheres e... Mulheres parideiras, rodeadas de filhos catarrentos, a limpar as narinas nos vestidos rodados delas. O espírita, via de regra, imagina que os seus privilégios começarão assim que botar a ponta do nariz ou do queixo para fora do túmulo. Esqueçam. E um conselho eu lhes dou: se os espíritas puderem se reconhecer **vivos** depois da morte, olhem em torno de si e agarrem, com ambas as mãos, a primeira chance de trabalho que tiverem, nem que seja a de arrancar mato... Nada de esperar serem conduzidos **pelo Dro. Bezerra de Menezes nos braços ou por Eurípedes Barsanulfo a guiá-los entre as sombras do caminho. Estou errado, Odilon?**

Ante o silêncio do amigo, continuei:

- Essa história de ter sido médium 40, 50 anos, de ter feito inúmeras palestras, de ter escrito dezenas de livros ou artigos em jornais e revistas, de nunca *ter perdido* a pose... Isto, sem verdadeira bondade no coração, pouco significa. O Mundo Espiritual está repleto de *espírita engomadinho*, com “o Livro dos Espíritos” debaixo do braço e mais nada. – “Eu defendo Kardec!... – bradam. – Defendi a pureza doutrinária!...

Combati com veemência os opositores da Fé Raciocinada; Desmistifiquei médiuns e evangelizei espíritos obsessores...**Fui um fiel guardião de nossos princípios!...** Coitados! Se não amaram o bastante, se não praticaram a caridade, se não limpavam feridas, se não vigiaram o verbo leviano, se jamais empunharam uma vassoura, se não lavaram latrinas, se não limpavam vômito, irão, com toda a sua empáfia, para o beleléu!... Ah!, Eu já ia me esquecendo de colocar na lista: se nunca se dignaram de pegar uma pequena pá para catar as fezes de um gato ou de um cão, promovendo a higiene do local profanado...

Permutando tais impressões, não vimos quando, enveredando por um corredor, em que morcegos tiravam rasantes sobre as nossas cabeças, chegamos a uma espécie de abertura maior com cinco ou seis mesas repletas de papéis.

- É aqui, Inácio – disse-me Odilon -, que funciona um dos departamentos da central do livro apócrifo.

- Eu fazia idéia de algo mais complexo – comentei.

- Para se fazer o bem ou o mal, não há necessidade de muito, mesmo porque o pouco, quando se refere ao bem ou ao mal, tem a propriedade de se multiplicar. Permaneçamos atentos e observemos.

Em cada mesa, de 3 a 4 entidades trabalhavam, compenetradas, escrevendo com penas de ganso, à luz de velas que ardiam sobre candeeiros. Dois espíritos circulavam, em silêncio, inspecionando o serviço e fazendo sugestões aos monges escreventes. De quando em quando, um dos instrutores estacava e fazia um lembrete em voz alta:

- Sejam sutis... Os espíritas tudo analisam sobre o prisma da Razão; procurem escrever para as massas... Nada de livros excessivamente técnicos, que quase ninguém lê. As duas melhores obras serão escolhidas e... premiadas.

- Escolhidas! – exclamei. – Escolhidas para quê?

- Para serem transmitidas, sob a chancela da mediunidade, aos nossos irmãos encarnados, semeando-se à feição de joio em meio ao trigo...

- Abordem assuntos polêmicos com discrição – lembrava o outro instrutor que, à minha análise, pelo seu jeito vacilante de caminhar entre as mesas, dispostas em semicírculo, era cego.

Durante, aproximadamente, quarenta minutos, observamos, sem maiores comentários, o que se passava na denominada **central do livro apócrifo**, naquele departamento da Vida Espiritual, situado numa das regiões subcrostais que concentrava múltiplas atividades contra a Doutrina, a cargo de uma facção dos monges beneditinos.

Eu já me sentia algo impaciente, de permanecer ali, imóvel, naquela atmosfera sufocante e lúgubre, quando um dos instrutores anunciou:

- Faremos, agora, a costumeira pausa para a refeição. Deixem tudo como está. Retornaremos dentro uma hora e meia... Procurem não se atrasar, porquanto os nossos superiores têm pressa de analisar a produção literária obtida; o momento é propício à disseminação de obras que, confundindo o pensamento da maioria, sejam favoráveis às idéias que defendemos. Uma hora e meia! Não se atrasem ou serão eliminados.

As entidades, revelando visível desgaste intelectual, pelo esforço empreendido, retiraram-se do ensombreado recinto em que escreviam, inclusive os dois instrutores que lhes inspecionavam o trabalho e, assim, com a devida cautela, pudemos nos aproximar, examinando os manuscritos.

- Procuremos não tocar em nada – advertiu-nos Odilon

Por sobre uma das mesas onde me chamara a atenção a celeridade com que redigia um dos religiosos, pude ler, de maneira sucinta, as seguintes anotações de um capítulo:

“O Espiritismo, infelizmente, é uma doutrina que, tendo surgido promissora com Allan Kardec, o Codificador, jaz ultrapassada em muitos de seus fundamentos; vários conceitos necessitam ser revistos com urgência, em face do vertiginoso progresso científico de nossos dias... “O Livro dos Médiuns” é uma das obras do chamado Pentateuco, que carece de ser refundida, e (A gênese”, que nos parece uma colcha de retalhos de assuntos sem unidade, deveria ser toda reescrita. “O Evangelho Segundo o Espiritismo” é, por sua vez, uma obra arcaica, de conteúdo extremamente singelo, que se transformou numa cartilha de orações para as almas simplórias que a manuseiam; em suas páginas, com o devido respeito

que nos merece, o seu autor deixa evidente o propósito de sobrepor o Espiritismo, no que tange à interpretação dos textos evangélicos às demais crenças cristãs.”

O que eu estava lendo era um comentário à margem de um romance cujo tema central era a Reencarnação; na urdidura da trama, aparentemente ingênua, capaz de levar às lágrimas os que acompanhassem aquela história comovente, críticas veladas ao tríplice aspecto da Doutrina despontavam nos lábios de um ou outro personagem.

- “Como é cruel a tese da Reencarnação, Júlia, defendida pelos espíritas! – dizia Ariel à sua amada. – Você já imaginou por quanto tempo haveremos de permanecer separados?! Um século, dois?!... Quando destino decidirá promover o nosso reencontro? Ah! Minha querida, prefiro acreditar que, depois desta vida de amarguras, nos uniremos para sempre. O nosso amor pode mais – repetia o jovem com dificuldade, agonizando no leito, vítima de tuberculose. – Não – prosseguia com a voz trêmula e entrecortada -, não chore; não acredite no que os seus pais lhe disseram, com o intuito de confortá-la... A gente só vive uma vez e é para sempre! Como poderíamos nos perder um do outro? O que fizemos para merecer semelhante desdita? A Reencarnação contradiz a si mesma. Eu já ouvi muitos espíritas falarem na existência de *almas gêmeas*, no que chamam de Teoria das Metades Eternas... Não chore mais, minha querida: breve nos reencontraremos – eu a amo, você me ama e... é somente o que importa. Não se deixe influenciar por idéias que nos tiram do coração toda a esperança...”

Eu me sentia tentado a continuar lendo aquelas páginas, no entanto Odilon havia nos recomendado a não tirar coisa alguma do lugar, de modo a não suscitar qualquer suspeita com relação à nossa presença. Com discreto aceno de mão, o Mentor solicitou que Paulino e eu nos aproximássemos de outra mesa.

- Vejam.

- Livros de Chico Xavier! – Exclamei, basbaque.

-Este aqui – disse referindo-se ao monge que se ausentara para o almoço – me parece especialista em plagiar; comparem os textos...

- Incrível! A idéia é a mesma, o assunto é o mesmo...

- Apenas a abordagem é diferente – completou Paulino, constatando a cópia -: a abordagem e o vocabulário...

- Mas – perguntei -, qual a intenção? O conteúdo pouco diverge...

- Espalhar a dúvida e a descrença – respondeu Odilon -; colocar em xeque a autenticidade mediúnica e levantar suspeitas...
- Será possível que algum médium se disponha a tanto? – questionou Paulino, obtendo o silêncio do Instrutor como resposta.

Passando a uma terceira mesa, nos deparamos com literatura de natureza infantil.

- Não é possível! Até as crianças!...

O monge, exímio desenhista, criava uma história em quadrinhos, em que os protagonistas principais, uma mosca e uma abelha, dialogavam entre si:

- “Não me condene – dizia a mosca, lacrimosa -, por eu ter nascido assim... Que culpa posso ter? Eu não pude escolher... Fui criada como sou. Deus não é justo!”
- Atentem para a sutileza da argumentação – recomendou o companheiro.
- “Os homens me perseguem e querem me ver extinta... Quanto a você, Abelha, que é associada à beleza das flores, é tida por muito útil. Eu contamina; você nutre... Eu habito detritos; você, a colméia... Onde está a justiça de Deus? Por que somos assim tão diferentes? Não, eu tenho mil razões para não acreditar em nada!...”

Os argumentos com que a abelha procurava contestar a mosca eram, propositadamente, extremamente frágeis e ingênuos:

- “**Pois é, D. Mosca** - falava com displicência -, cada um tem uma sorte... Quem sabe, um dia, a senhora será uma Abelha, uma Abelha-Rainha como eu ou, pelo menos, uma eficiente operária. A reencarnação está aí, não é?, para os homens e para nós.”
- “Eu não sei, eu não sei – redargüia a Mosca, desolada. – Eu só queria saber o que me fez diferente de você, no princípio – eis a questão que me martiriza. Tudo, segundo creio, é um simples arranjo genético e... pronto. A vida é isto!...”
- meu Deus! – Exclamei, tomado de espanto. – Não podemos permitir que este livro seja publicado; a mente que o está concebendo é diabólica!... Vamos rasgá-lo...
- Acalme-se, Inácio – reagiu o Mentor -, de nada nos adiantará simplesmente destruí-los... Os nossos médiuns e editores é que necessitam estar vigilantes.
- E os pais também! – concluí.
- Sem dúvida. Escolher um livro é como se escolher um alimento!

Quase uma hora havia se passado e nos restavam poucos minutos.

- Vejamos o material que contém mais uma das mesas – chamou-nos o companheiro para a que ficava em um dos extremos do semicírculo.

Após rápida análise, observei:

- Material de auto-ajuda, superficial e, o que é pior, sem compromisso com o Evangelho. Frases esparsas de efeito imediato, dirigidas ao inconsciente.

- Quase tudo aqui, Inácio – retrucou Odilon – é dirigido ao inconsciente, apelos indiretos ao materialismo.

Em tom discreto, comecei a ler para Paulino, sem me descuidar de qualquer ruído nos corredores.

- “Faça o bem, mas faça-o, primeiro, a si; depois aos outros. Se você ainda não é um anjo, não se repreenda por suas atitudes humanas. Vá devagar – a evolução acontecerá naturalmente... Disse-nos o Senhor que é impossível edificar sobre a areia. Desfrute do que a Vida lhe oferece e aprenda com a experiência. Ninguém é virtuoso por imposição. O espírita é um espírito a caminho... Não pretenda ser o que você ainda não é e, portanto, não tem a obrigação de ser. Não crie traumas insuperáveis nem confunda prazer com alegria. Todos, na Terra, têm direito à felicidade. O imoral está em sua cabeça e não naquilo que delibere fazer.”

- Cada frase é de dúvida interpretação – sussurrou-me Paulino.

- Isto, meu filho, é veneno puro, psicologia altamente nociva às mentes incautas...

- Inácio, Paulino, precisamos nos afastar – advertiu-nos Odilon, percebendo movimentação em um dos túneis que conduzia à ampla câmara em que nos encontrávamos. – Depressa, saiamos pelo corredor mais escuro; antes de nos retirarmos, ainda quero que vocês observem algo... Os nossos irmãos espíritas encarnados, efetivamente, não sabem com o que se encontram lidando.

Da entrada do túnel, espiei para trás e vi os frades retomando os seus lugares, escutando a recomendação dos instrutores:

- Precisamos terminar logo. Os nossos superiores têm pressa... Há muitas mentes receptivas no mundo, à nossa disposição. A mediunidade está proliferando e fugindo ao controle; médiuns têm se rebelado contra a orientação da Doutrina que professam... No momento, tudo parece nos favorecer. Ambição, personalismo, notoriedade, dinheiro... O “daí da

graça” ficou esquecido. Trabalhem com afinco e serão regiamente recompensados, trabalhem!

Enveredando por um dos muitos túneis que ligavam inúmeras câmaras entre si, como se aquela imensa caverna fosse uma pirâmide soterrada, caminhamos longo trecho praticamente às escuras.

Após atravessarmos câmaras de dimensões menores, que estavam vazias, percorremos um túnel mais estreito, que nos obrigava a inclinar a cabeça para baixo, com o intuito de não encostá-la no teto – a impressão que eu tinha era a de que o corredor, naturalmente esculpido na rocha, se afinava, à medida em que descíamos em fila indiana, Odilon à frente e Paulino entre nós dois.

- Estamos descendo mais? – perguntei.

- Sim – respondeu o Mentor, esclarecendo -; mas não se preocupem, logo chegaremos a uma ampla abertura, onde, periodicamente, os monges costumam se reunir com os seus líderes.

- Os monges que trabalham nesta oficina do Mal?- inquiri, quase sem respiração, extremamente incomodado pela atmosfera sufocante.

- Os nossos irmãos, Inácio, temporariamente distanciados do Bem – corrigiu-me Odilon, com a delicadeza de sempre.

- Não teriam um local mais apropriado para tanto? – continuei, em tom de resmungo. – Por que tem que se esconder tanto assim?...

- Onde é que costumamos nos ocultar de nós mesmos, Inácio?- perguntou-me o companheiro.

- Nas profundezas da alma!... É lá ou é aqui, não sei – disse, batendo com a destra sobre o peito -, que nos escondemos à voz da consciência – pelo menos, tentamos, não é?, nos escaninhos do ser...

- Quem teme a claridade se refugia na escuridão: quanto mais pode, mais se aparta da luz... Só não teme se expor quem vive de consciência tranqüila.

- Mas poderiam, pelo menos – argumentei com um muxoxo -, construir um mosteiro mais acessível. O ambiente aqui é simplesmente irrespirável, e o mau cheiro então... Eu não sei como é que você está conseguindo enxergar!

- Estamos perto, Inácio; tenha um pouco mais de paciência...

- Você é mesmo engraçado, meu amigo – comentei, provocando discreto sorriso em Paulino, que nada dizia. – Eu estou quase rastejando como um lagarto e você me pede paciência... E como faremos para voltar? Se descer está sendo tão penoso...

- Para voltar, encontraremos outra passagem; a questão é que, para descermos, por aqui é mais seguro. Estes túneis estão repletos de monges...
- E se nos descobrirem?
- Vamos esperar que tal não aconteça, pois...
- Pois?...
- ... se, porventura, acontecer, estaremos em maus lençóis! – gracejou o companheiro que, para mim, tinha perdido a capacidade de se irritar diante de qualquer situação, por pior que fosse. – Mas tranquilize-se; tudo terminará sem maiores problemas...

Eu não saberia calcular quantos metros ou quilômetros nos havíamos aprofundado abaixo da superfície do solo, naquela região de sombras espessas, na intimidade do orbe.

- Façamos silêncio – pediu-nos Odilon; estamos chegando... Depois da próxima curva, teremos claridade artificial.
- Artificial?... – indaguei, baixinho, sem obter resposta.

De fato, logo em seguida à acentuada curva em caracol, que quase me deixou zozzo, avistamos alguns reflexos em tom avermelhado.

- Algumas tochas são mantidas acesas, explicou o Benfeitor. – Movimentem-se com cautela; adiante existe enorme precipício...

Fiquei, literalmente, abismado, com o espetáculo que se desdobrou aos meus olhos, apreciando aquela tétrica beleza.

- Aqui é o reduto do líder desta comunidade.
- Quem é ele? – perguntou Paulino, antecipando-me.
- Lêmur! – respondeu Odilon.
- Lêmur?!... – estranhou o jovem amigo.
- Celestino!... Então, é ele? – indaguei, admirando a suntuosidade daquela câmara, cujas paredes de pedra me pareciam recobertas por um musgo vermelho-aveludado, como se o recinto tivesse sido caprichosamente decorado com motivos demoníacos.
- Vejam-no, naquela elevação do piso – apontou o Mentor, com a devida discrição -, de joelhos diante daquele nicho, em atitude de oração... Atentemos para as suas palavras que ecoam.
- Eu não consigo entender – reclamei.
- Ele está se pronunciando em latim, Inácio... Procure escutar, mas não com os ouvidos: escute-o com o seu espírito!

Aquele fenômeno, desde que desencarnara, ainda não havia ocorrido comigo. Obedecendo à orientação de Odilon, cerrei os olhos e me coloquei em mais profunda sintonia: eu continuava escutando em Latim, mas os “meus olhos liam” em Português, as palavras ditas por ele começavam a formar frases inteligentes em meu cérebro...

- “Príncipe das Trevas – dizia, em exortação insana -, inspirai-nos... Mostrai-me a vossa face, para que eu melhor vos sirva! Creio na vossa existência, pois que, em vós, tudo se consome... A Criação nada mais é que um imenso sorvedouro! A dor é a vossa ação sobre todas as criaturas... Poupai-nos, no entanto, de sofrer – a nós, que vos juramos servir com lealdade. A cada dia, o vosso império se estende por todo o Universo e a vossa vontade sempre prevalece. Inútil o esforço de quantos ousam se vos impor, em nome de um carpinteiro que fizestes morrer na cruz! Desde então, reinais soberano na Terra e humilhais, sucessivamente, os que vos desafiam o poder... Mostrai-me a vossa face, para que eu melhor vos sirva!... “

E se inclinava, repetidamente, como se estivesse ocultando os pés de uma entidade imaginária... Bem, não tão imaginária assim, pois que do estranho e vazio altar incrustado na rocha, relâmpagos avermelhados explodiam e quase tomavam forma, como se a indefinida face do Mal intentasse se materializar.

De súbito, em ímpetos de cólera, Celestino se ergueu, frustrado, e começou a gritar como se fosse uma fera:

- Mostrai-me a vossa face, para que eu melhor vos sirva!... Por que, por que não vos dignais de me mostrar o rosto?!... Por quê, porquê?!...

Desferindo golpes no ar, blasfemava em altos brados, pronunciando termos chulos que não me é lícito reproduzir. Seria uma crise de demência, na loucura que se lhe cronificara no espírito? Lêmur, ou Celestino, adquiria, então, proporções gigantescas: os seus membros, braços e pernas, distendiam-se assustadoramente, o seu tórax se alargava, orelhas afiladas e olhos injetados de sangue, ele era, sob aquela capa negra, a *figura* ou o *personagem* que evocava em sua prece macabra. Ele, aos poucos, se transfigurava na Entidade que existência fictícia projetava como sendo real, fora de si!...

- O Mal é sempre uma exteriorização de nós mesmos – lamentou Odilon -, conseqüência de nossas mazelas, de nossa rebeldia e da nossa falta de iniciativa em promover, no íntimo, as mudanças necessárias. O espírito, quanto mais avança em intelectualidade e menos progride

moralmente, mais dificuldade encontra para amar; tornando-se extremamente difícil admitir os próprios erros e predispor-se à indispensável renovação. Em casos assim, sem a misericordiosa intervenção da Lei Divina, a ignorância se perpetuaria no espírito e, de fato, acabaria originando entidades demoníacas que se cresceriam em poder e domínio...

- Em poder e domínio! – exclamei. – Como assim?...

- Os espíritos altamente intelectualizados são detentores de certos conhecimentos das Leis que regem os princípios da Vida – não sabem e nunca saberão tudo, porque o conhecimento do Amor é o natural complemento da Sabedoria. Incapazes de amar, sempre se reconhecerão limitados, todavia apenas os que já lograram desenvolver o sentimento conseguirão se lhes sobrepor no domínio das forças da Natureza.

Caminhando de um lado para outro, Celestino agora gritava, repetidas vezes, esmurrando as paredes da grande caverna que elegera por palácio:

- Osório! Osório!... Até você, Osório, me abandonou?!... Quem o terá seqüestrado de mim? Onde está, que não mais me atende ao chamado? Quem terá isolado a sua mente da minha?!...

- Permaneçam aqui – ordenou-nos Odilon.

- Não se arrisque - atrevi-me a aconselhar o amigo, adivinhando-lhe o intento.

- Conservem-se de pensamento vigilante: tentarei dialogar com o nosso irmão... Quem sabe, é a oportunidade de lançarmos novas sementes no terreno árido de seu espírito. Nada é por acaso. Não viríamos aqui por mera curiosidade, numa excursão aventureira. Algo de útil estamos sendo chamados a fazer, em nome do Senhor. Eu vou descer...

Sem que eu soubesse como, o Mentor em rápido movimento, venceu a considerável altura entre a abóboda e o piso da caverna e, assim que tocou suavemente o solo, chamou o tresloucado monge pelo nome:

- Irmão Celestino!...

- Você?! – redargüiu, contendo-se a custo em sua ira, ao identificá-lo. – Como se atreve a invadir a minha privacidade?!... Responda-me, cão insolente!...

Observei que, se pudesse, Celestino teria avançado contra Odilon e o agredido, todavia, rodeado por branda aura de luz dourada, que criava em torno de si uma espécie de campo magnético, o Instrutor o constringia a manter-se a relativa distância.

- Não se contentou em interferir em meus planos – você com tais amigos seus?... Veio desafiar-me em meu próprio reduto? Pretende, acaso, a minha desmoralização? Apague essa luz que o protege e você verá do que sou capaz. Covarde! Não fique assim, me olhando desse jeito. Venha para as vias de fato... Boçal! Tolo! Pretensioso!...

Impassível, diante do monge que se transfigurara de forma descomunal, Odilon, em sua estatura menor, dava-me a impressão de que era Davi emergindo das páginas bíblicas, enfrentando de novo Golias, o gigante filisteu.

Em atitude íntima de prece, permanecia calado, sem sair do lugar, recebendo as agressões verbais que lhe eram feitas.

- Vamos, reaja – prosseguia Celestino, desafiador -: você não é homem?... Creio que não, não é? Certamente, não lhe corre uma gota de sangue nas veias... Você é um frouxo. Saia daqui! Afaste-se de minha casa! Não me perturbe com a sua presença... Eu o esganarei com uma só de minhas mãos! Venha, venha para a penumbra!...

- Irmão Celestino – tentava argumentar Odilon -, aqui estou em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo....

- Que Jesus Cristo coisa alguma!... De há muito, deixei de crer nessa mentira. E não me chame “irmão”, pois não o sou! Tudo não passa de uma armação pela conquista do poder; a Vida é uma luta, em que os mais fortes subjagam os fracos, nada mais do que isto. Não pretenda me convencer do contrário! Vocês optam pela luz, nós optamos pelas trevas; vocês pelo que chamam de Bem, e nós pelo que rotulam de Mal... Puro convencionalismo! Nós simplesmente nos defendemos da ambição de vocês, adeptos de um louco que morreu como merecia morrer – na cruz, sem que o Deus que ele pregava à multidão viesse socorrê-lo! Ora, que Pai é esse que abandona o Filho às mãos de seus adversários?!... Estamos no Universo, sem saber o porquê! Não há voz que responda a uma única de nossas perquirições!... Você não possui argumentos para demover-me das idéias que me inspiram as atitudes...

Erguendo as mãos na direção de Odilon, o monge o esconjurava e, de seus olhos, partiam chispas que, ao alcançarem o escudo protetor de seu campo magnético, se transformavam em cinzas. Celestino, ou Lêmur, extremamente enfurecido, andava em círculos, à semelhança de um predador à espreita de um ponto vulnerável para desferir em sua vítima o ataque fatal.

- Deixa-me agarrá-lo e, então, veremos se esse seu Jesus aparece para salvá-lo... Eu o manterei aqui, em minha companhia, cativo para todo o sempre – e gargalhava totalmente ensandecido. – Você e eu não passamos de dois vermes iguais: a diferença é que um prefere rastejar à noite, e outro à luz do dia!... Nascemos do mesmo parto que nos infelicitava para a Eternidade; fomos gerados pelo mesmo ventre que nos expeliu para o sofrimento... Que lhe importa, pois, a minha dor ou que me importa a sua? Onde está Osório?... Vocês o tiraram de mim... Há semanas, rastreio, em vão, o seu pensamento. Temos planos juntos... Não se intrometa, canalha! Bandido! Apague essa luz e tenha coragem de me deixar aproximar...

- A claridade que você enxerga em mim, Celestino, é reflexo da oração: ela não me pertence! Quem sou eu, senão um obscuro servo do Senhor, a Luz do Mundo?! Concordo: eu e você somos, sim, iguais, filhos do mesmo Pai que nos criou para a felicidade eterna; portanto, somos irmãos!... Tivemos o mesmo princípio e caminhamos para a mesma destinação. A estrada é repleta de atalhos perigosos, nos quais, tantas vezes nos equivocamos...

- E, responda-me, quem os terá criado – os perigosos atalhos aos quais você se refere? Eu?... Você?... Ora, não faça cena de humildade... Poupe-me. Não menospreze a minha sagacidade, nem faça pouco da minha inteligência. Vocês têm neurose de Deus! Será que não percebem a coragem do caos por Lei acima das demais? Tudo tende à destruição, à morte, ao nada... Desde que surge no berço, o homem está fadado a gemer e a chorar! Qual é a duração da alegria? O prazer, que vocês tanto condenam, pelo menos é uma sensação renovável. Melhor assim... O que antecede o prazer é prazer também e, depois, a expectativa de mais prazer é gozo infindo.

- Só o verdadeiro Amor nos proporciona inalterável sensação de plenitude!

- Eu sabia: você tem um sofisma para contestar tudo... Palavras, palavras, palavras!... Elas não prevalecem contra a realidade. Temos a lógica a nosso favor. Façam uma enquete... Fui religioso durante séculos e nunca presenciei um milagre sequer, nunca experimentei um estado de

arrebatamento espiritual, nunca convivi com um santo; é a Igreja que os cria, os teólogos... A Religião se baseia numa grande mentira! Que seja, então, como querem. Não há quem viva sem algo que o motive à ambição.

- Celestino, não analise as coisas apenas pelo seu ângulo de visão... Não distorça a Verdade, em benefício próprio. Você sabe, meu irmão, que não é assim. “No princípio, criou Deus os céus e a Terra. A Terra, porém, era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz”! É inegável a marcha do progresso e o aperfeiçoamento da Humanidade.... Quase dois mil anos se passaram, desde que o Mestre nos legou inesquecíveis lições! Não somos nós que os oprimimos ou lhes retiramos espaço: é a força mesma das coisas!... Assim como o verme, que rasteja no subsolo, desconhece os propósitos do Sol, no firmamento, quem somos para questionar os Desígnios do Criador? Como negar a criatura a excelência da Criação Divina? Toda revolta é inútil. O tempo, que tudo transforma sem violência, aos poucos altera as estruturas mais íntimas das coisas e dos seres. Ninguém logra burlar as Leis Soberanas que regem os princípios da Vida! Se a algo estamos fadados, é à Perfeição. Há quantos séculos você intenta se opor aos apelos da razão? Terá, porventura, conseguido fazer com que silenciasse em você, por completo, a voz da consciência?...

- Não, não – redargüiu o monge, apertando a fronte com ambas as mãos -; isto é uma perturbação... Somos doentes; não nego que somos doentes... Escuto, sim, de longe em longe, o eco de uma voz que não se cala. A Natureza é imperfeita. Dizem vocês que somos perfectíveis... Como?! A Perfeição não pode ter por berço a imperfeição. De um ovo de serpente não nasce um pássaro... Deixe-me! Retire-se de minha casa! Não acrescente peso sobre o meu espírito.... As suas palavras... Você é um poderoso demônio. Vê aquele altar vazio? – perguntou, apontando para o nicho na pedra, diante do qual, momentos antes, se prostrara. – Pois bem... Eu o ofereço a você. Ocupe-o! Estou cansado. Quem sabe a sua é a face que eu tanto espero ver... Muitos, milhares e milhares, virão até aqui para adorá-lo... Prometo servi-lo com fidelidade e concorrer para que lhe obedeam. Você é o mais indicado para ocupar um de nossos tronos de comando.... Tome-o! eu o ofereço a você, graciosamente. Una-se a nós e não mais terá que pensar em virtude alguma e nem se submeter às misérias de um corpo perecível. Você será sobre-humano e, viverá, para sempre, fora das contingências impostas por tempo e espaço!.

- Irmão Celestino – falou Odilon, com indefinível inflexão de ternura -, como você pode se esquecer assim: “Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, Nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa que haja nas águas de baixo da terra. Não as adorarás, nem lhes prestarás culto” ...

- Recusa a oferta com que o honro?... É mais ambicioso ainda, não é? Humilha-me a tal ponto?... Ah, que ninguém esteja a nos ouvir neste meu instante de fraqueza! Por instantes, imaginei que você não se furtaria, mas, com certeza, sonha mais alto do que eu próprio poderia supor... Se renega o posto de Satã, é porque almeja o lugar de Deus! Agora, finalmente, você se mostra... Nós, os que estamos nas trevas, não servimos, não é mesmo? Preconceituoso!...

- Engana-se, meu irmão. Quem sou, que sequer me sinto em condições de ocupar o insignificante espaço que a Misericórdia Divina me concedeu no contexto da Criação? Engana-se.... Dentro de minha absoluta falta de lucidez, a única consciência que guardo é a do nada que sou! Talvez, por este motivo, a tendência que revelo , com outros amigos meus, de descer sempre, procurando o lugar que me compete... Há mais distância entre o meu pobre espírito e Deus do que entre o grão de areia e o Sol! Lamento se, por instantes, o inspirei a se equivocar no juízo formulado a meu respeito e peço-lhe que me perdoe. Com certeza, muito ainda devo e preciso melhorar, de modo a não suscitar, em ninguém, com a minha presença, idéias e emoções que os induzam ao erro.

- Você é terrível! – vociferou o monge, abrindo os gigantescos braços sob a capa escura, qual se transformasse num enorme morcego esvoaçante.

- Eu sei bem qual é o seu plano – prosseguiu Celestino, impedido de se aproximar de Odilon pelas emanções luminescentes de sua aura.- Você pretende me convencer a reencarnar, não é? Nunca! Esquecer o que fui e o que sou, submisso às misérias da carne putrescível...

- Irmão Celestino – aparteu o Benfeitor -, o corpo que ocupamos agora, deste Outro Lado da Vida, não será igualmente constituído de matéria – da matéria que se desgasta e envelhece? Quem lhe disse que a nossa organização perispiritual difere muito do organismo dos que mourejam no corpo físico, exposto aos fenômenos da morte? Estamos ainda muito distantes da condição dos seres angelizados, que já se libertaram da transitoriedade da forma. O corpo espiritual de que hora nos revestimos e, através do qual, nos expressamos, é formado de células análogas àquelas que nos estruturavam o arcabouço biológico que, tantas vezes, ocupamos no mundo... Não nos iludamos. Todos haveremos, sim, de padecer uma *segunda morte*, uma *terceira* e, assim, sucessivamente, até que, um dia, alcancemos a condição, de Espíritos Puros. *Morreremos* muitas vezes, na Terra e no Além, deixando para trás o cadáver de nossas ilusões e o esqueleto de nossos pesadelos. A mente, celestino, a nossa mente, tem o poder de nos ludibriar, pela ação de mecanismos ligados ao próprio inconsciente.

- O que estaria Odilon preparando? – inquiri, em silêncio, acompanhando a sua argumentação, reparando que o monge, em algum ponto do inusitado diálogo que travavam, se lhe fixara mais detidamente a atenção nas palavras. Foi o seu erro, ou melhor, a sua bênção!

- Para muitos de nós, séculos se desenrolam como se não fossem mais do que alguns dias, e vice-versa, ou seja: dias transcorrem qual se fossem séculos, e nos sentimos desnorteados, no tempo e no espaço, embora tudo nos pareça cronológica e geograficamente correto. Quando perdemos o equilíbrio e nos falta o indispensável bom senso, escravizados à órbita dos interesses mesquinhos, que se perpetuam indefinidamente conosco, não nos damos conta do que se passa fora e dentro de nós.... No entanto, as Leis que regem os princípios da Evolução continuam a atuar sobre as coisas, indiferentes à nossa rebeldia ou aparente inanição.

- Aonde é que você pretende chegar:? – gritou Celestino, que, pela primeira vez, me pareceu fragilizado. – Não me canse os raciocínios: seja mais discreto!... O que você está fazendo comigo? Pare, pare de

falar... As suas palavras soam-me terrivelmente aos ouvidos. Fale de uma vez ou cale-se!...

- Pois bem, meu irmão: olhe para si mesmo... Há quanto tempo não repara em seu próprio corpo? Eterno, Celestino, Eterno e Imutável só Deus o é! Tudo o que não se identifica com a Divina Vontade se deteriora... Porventura, você julga ser o que sempre foi? Não o creia. Não raro, os que habitam uma casa são os últimos a admitir que ela esteja prestes a desmoronar... Já que você, meu irmão, me pediu para ser mais direto, olhe, atentamente, para o corpo que considera vigoroso: olhe para as suas mãos, para as suas pernas, para o seu tórax, para a sua face... Olhe, Celestino, olhe e não mais evite a própria realidade!

- Por acaso, está tentando me sugestionar?... Quem é você, demônio? Pare, pare de falar... Não me olhe assim!... Eu estou bem, sempre estive bem. Conheço a fonte da eterna juventude!... – replicou, procurando esboçar um sorriso de ironia, que, desta vez, mal ecoou até onde eu e Paulino nos encontrávamos.

À medida que falava, a aura de Odilon aumentava em luminosidade e extensão, fazendo com que o monge, instintivamente, recuasse.

- Não, não tento sugestioná-lo. Quem sou eu, para tanto!... Aqui estou em nome do Senhor e não poderia deixar de ser sincero.

- Preciso me retirar, depressa, de sua presença... Eu não sei o que está se passando comigo. Que estranha indisposição se apodera de mim! Teria eu contrariado o Príncipe das Trevas?! Mas, como, se sempre lhe rendi tributo?!... O meu corpo, as minhas mãos, as minhas pernas... O que você fez comigo? Maldita hora em que conversamos pela primeira vez....

Aos nossos olhos, meus e os de Paulino, a figura gigantesca de Celestino começava a se recurvar e perder agilidade.

- Você envelheceu sem saber – ponderava o Mentor -, avançando, passo a passo, na direção da infeliz entidade, que, a movimentos lentos, prosseguia recuando, de encontro à parede da caverna. – Observe o seu corpo alquebrado e senil, que se mantinha aparentemente jovem pela força de seus pensamentos... Deixe que o seu passado, de uma vez por todas, se desfaça em pó! Esqueça o Lêmur e o monge beneditino que viviam em você; esqueça a Atlântida, submersa nas águas do mar, e a sua trajetória infeliz por todos esses séculos. Inútil lutar contra os Desígnios de Deus! Os tecidos e os órgãos que lhe constituem o corpo espiritual estão completamente desvitalizados...

- Você insinua que estou *morto*? – perguntou Celestino, com dificuldade.

- Ninguém morre ou desaparece: somos todos imortais!... A verdade, porém, é que é chegado para você o instante de esquecer, para mudar. Não resista, meu irmão, em seu despavor! O livre-arbítrio humano não é absoluto.

- Um espelho, um espelho!... – clamava, agora quase a se arrastar na direção de uma pedra, sobre a qual se encontrava um objeto de face polida e côncava.

Fitando-se no que me pareceu ser uma redoma de vidro, o monge, ao se contemplar de face toda enrugada, como se, de fato, somasse no corpo muitos séculos de idade, reuniu as forças remanescentes e bradou:

- Não, Não, maldito!... Este não sou eu. É um sortilégio! Onde está o meu rosto? O que você fez?... Devolva a minha face... Guardas, guardas! – gritava, exaurido e atormentado, sem que ninguém aparecesse.

Desabando pesadamente, no solo, Celestino, postando-se de joelhos, começou a chorar examinando as mãos encarquilhadas. Eu já havia, no Mundo Espiritual, observado muitos processos de rejuvenescimento, ou de *ressurreição* da forma, no entanto, pela primeira vez, testemunhava um fenômeno inverso, ou seja: de *degradação física* instantânea. Frade, de fato, estava *morrendo* aos nossos olhos; o seu corpo gigantesco como que se miniaturizava, assumindo proporções menores que o de Odilon ou do que o meu. Era como se, de repente, um prédio de muitos andares se reduzisse a um monte de escombros, rente ao chão.

- Estou morrendo! – exclamou.- Socorro, falta-me o ar nos pulmões nos pulmões!... Subtraíram-me todas as forças! Socorro!... O meu coração... Que dor terrível no peito! Quero ar!...

Odilon aproximou-se e, coroadado de luz, acomodou a cabeça de Celestino no colo e começou a orar:

- Senhor, que a Tua misericórdia se compadeça de nós e, em especial, deste companheiro que há muito vive voluntariamente apartado do Teu amor. Sabemos que jamais nos esqueces e que, pacientemente, nos esperas ao longo de milênios sem data. Por mais que de Ti nos distanciemos, mais de nós Te aproximamos, na expectativa de que, um dia, de Ti descerremos o coração. Abençoa-nos, Mestre, e releva-nos as faltas, originárias do profundo abismo da ignorância em que vagueamos no escuro, na errônea suposição de que possamos prescindir da Tua luz... Nada somos sem Ti! Perdoa-nos, pois, a rebeldia, com que, tantas vezes, nos insurgimos contra as Tuas lições, que nos exortam à renovação íntima. Não consintas que permaneçamos, durante mais

tempo, pugnando contra os Sábios Desígnios do Criador, à feição de criaturas completamente insanas, sem atinar com a transcendência da Vida. Toca-nos o espírito e desperta-nos a consciência adormecida... Faze-nos ver, sem os atavios das concepções equivocadas e distorcidas, a Verdade que liberta. Eis aqui, Senhor, nosso irmão Celestino de retorno aos caminhos que são Teus... Sem a Tua coragem e o Teu arrimo, por incentivo e escora, não sairemos do lugar, nem tampouco conseguiremos nos levantar das sucessivas quedas a que nos arrojam, por invigilância e insensatez.

A figura do Instrutor, em atitude de oração, desaparecera em meio à intensa claridade de que todo o seu corpo se nimbara, contrastando com a imagem apagada de Celestino que agonizava em seus braços.

Oh, maravilha, que por muito me esforce não conseguirei descrever! Aos poucos, vi, ou melhor, eu e Paulino vimos e testemunhamos perante os Céus, que daquele corpo espiritual em colapso – velho, disforme e que se degradara diante dos nossos olhos -, um outro corpo espiritual emergia, quase em tudo semelhante ao primeiro.

- Que coisa impressionante! – comentei com Paulino, admirado e surpreso tanto quanto eu.

- Celestino está *morto*! – exclamou o jovem pupilo de Odilon, com acerto.

O ex-monge beneditino deixara a antiga carcaça, parara de respirar e, efetivamente, estava morto! Com extrema habilidade, que eu não pude acompanhar, o Mentor *desfez* alguns laços de tom acinzentado que ainda o prendiam ao corpo inerte, que, imperfeitamente, compararia a um casulo abandonado ou ao esqueleto de uma cigarra cadaverizada agarrado ao tronco de uma árvore...

Não obstante, o *novo Celestino*, que dormia um sono agitado nos braços de Odilon, era um ponto obscuro; humano, sim, um tanto mais leve, mas ainda pesado o bastante para que o **Benfeitor** o transportasse sozinho.

Paulino e eu nos apressamos em descer, no intuito de auxiliar Odilon a tomar as providências cabíveis. Estávamos estupefatos e, sinceramente, eu não conseguiria, com melhores palavras descrever o que presenciávamos. O que me empenho em narrar aos companheiros encarnados, com certeza, apenas conseguirá lhes transmitir uma pálida idéia do que se passou naquela caverna...

O deformado corpo espiritual de Celestino jazia estirado no chão, em acelerado processo de decomposição. A impressão que eu tinha – e os amigos haverão de me perdoar se estiver equivocado – é a de que a força de seu pensamento, havia séculos, o sustentada naquela condição evolutiva estacionária. O diálogo com o Mentor o fragilizara, promovendo brechas em sua mente, e, digamos, o seu “sistema imunológico! Entrara em falência.

O próprio Odilon me parecia um tanto surpreso com os acontecimentos que haviam se precipitado daquela maneira, tomando rumo imprevisível.

Sem saber o que falar, comentei:

- Ele orava ao Príncipe das Trevas...
- E Deus lhe escutou as súplicas, Inácio – respondeu o venerando amigo.
- Celestino *morreu?* – perguntei, ainda sem acreditar no fenômeno que se processara diante de meus olhos.
- A morte, conforme sabemos, é simples transição da forma... Celestino vive e viverá para sempre. A sua mente, cristalizada em determinados vértices de força, plasmara-lhe um *corpo fictício*, que se lhe sobrepunha à própria essência. Consideremos que o nosso infeliz irmão tenha apenas e tão somente desfalecido, perdendo o controle sobre si; o corpo que ele deixou era uma criação mental sua,, projeção periférica de sua personalidade.
- Parece-me uma *casca!* – exclamei, examinando de perto aquele estranho *organismo* de que o monge se revestia.
- Uma armadura medieval vazia! – pinou Paulino, que, igualmente, se aproximara.
- Um cadáver humano mumificado... – redargüi, à procura de uma imagem que melhor figurasse a realidade.

- É assim que se *morre* por aqui? – perguntou o valoroso e inteligente rapaz.

- Em qualquer parte do Universo, onde ainda estejamos sujeitos aos primários princípios da Evolução, cada qual *morre* segundo vive – respondeu Odilon, que prosseguiu: Enquanto não alcançarmos a Perfeição, trajando o que Jesus chamou de “túnica nupcial”, iremos nos despindo, gradativamente, das vestes rotas de nossas ilusões; o aperfeiçoamento espiritual é o aperfeiçoamento da forma, em nosso veículo de manifestação, que, de experiência em experiência, se sutaliza.

- Então, nós... – observei, reticente.

- *Morreremos*, Inácio, ilimitado número de vezes, *para baixo e para cima*; o contato com a matéria é o cadinho em que o espírito se depura e se liberta da canga de suas imperfeições. *Morrer*, na verdade, é um processo de *filtragem espiritual*: de cada morte, o espírito se retira mais vivo, ou seja, mais ele mesmo! O diamante necessita ser lapidado, o mármore sofre a ação do cinzel e do martelo, o barro é submetido à fornalha, a semente germina na cova em que fenece...

- Qual é a nossa vida média nos Planos espirituais?

- Depende da condição evolutiva de cada espírito... *A morte, nos planos espirituais inferiores, por vezes ainda é um processo doloroso – tão doloroso quanto o é na terra*, para aqueles que se prendem às sensações fugazes. Há espíritos que, em determinadas dimensões, vivem menos que os homens conseguem viver no corpo material: permanecem pouco tempo por aqui, **para renascermos**, quase de imediato, nos domínios da matéria grosseira... Outros, como é o caso de Celestino, buscam fugir às **Leis da evolução** e estacionam, por tempo indeterminado,, até que a bênção da **misericórdia Divina** os alcance e os constranja à indispensável mudança. Esses são os que *morrem para baixo*, a fim de que aprendam a *viver para cima*...

- E os que *morrem para cima*? – inquiri.

- São os que fazem jus às **Dimensões Superiores**, *cujas concepções de Vida nos escapa no atual estágio em que nos encontramos. De quando em quando, Inácio, somos convidados a participar da cerimônia da morte* dos que se elevam de **Plano Existencial** – é, se assim posso me exprimir, o espetáculo da *ressurreição*, que nos faz recordar o episódio em que **Maria de Magdala** se deparou com a **figura do Cristo Ressurrecto**, ao pé do túmulo vazio.

- **Que coisa, Odilon! Cerimônia da morte...**

- Que, ao contrário do que sucede nas **regiões inferiores é motivo de alegria e não de luto e pesar para o morto e seus amigos, que se rejubilam pela promoção que o espírito obteve a Esferas mais altas.**

- Celestino teria *morrido para cima*? – indagou Paulino.
- Aparentemente, sim... Há os que *morrem para cima* transitoriamente, com o intuito de adequarem o corpo espiritual ao corpo de carne no qual mergulharão; nas condições em que se encontrava e, de certo modo, ainda se encontra, Celestino não conseguiria reencarnar com êxito, porque haveria de ser naturalmente rejeitado pelo novo organismo em formação... Os mecanismos de rejeição biológica estão afetos à condição do espírito reencarnante.
- Ele seria abortado? – atalhei, interessado.
- Sim e, provavelmente, nos primeiros dias de gestação; o seu psiquismo **pesaria**, em excesso, sobre o psiquismo de sua futura genitora, que, inclusive, correria risco de vida.
- Chega a tal ponto?...
- Desde, é claro, que conte o aval da **Lei do Carma**. O abortamento, quase sempre, é uma prova para o grupo familiar, mas, sem dúvida, atinge mais diretamente os pais e o espírito que vê frustrada a sua tentativa de renascer.
- Pode ser mais prova para o espírito, do que para os pais?
- Sim, e vice-versa.
- O que, agora, acontecerá a Celestino?
- Agora – disse Odilon -, você e Paulino me auxiliem a carregá-lo... Precisamos sair, antes que alguém apareça.
- Como ainda pesa! – reclamei, há muito, desde quando encarnado, desabitado de qualquer esforço de natureza física.
- Deixe-o comigo, Doutor – solicitou o robusto Paulino, colocando-o sobre o ombro esquerdo com relativa facilidade. – Pelo menos nisto, creio que posso mais que os senhores dois...
- Saíamos pelos fundos da caverna: por aquele corredor que me parece mais amplo – orientou o Mentor, seguindo à frente.

De fato, aquele era o melhor caminho, no entanto, se continuávamos a descer, como haveríamos de alcançar a superfície da Crosta, onde estacionáramos o veículo que nos conduzira?

Captando-me o pensamento, Odilon explicou:

- Não se preocupem! Chegaremos à ampla área descoberta e, enquanto Paulino nos aguardar com Celestino, em lugar seguro, eu e você, Inácio, percorreremos as encostas da montanha subterrânea e traremos a nave.

Foi o que fizemos. Deixando o companheiro tomando conta do ex-monge, que, de quando em quando, gemia e estertorava, num sono

certamente repleto de pesadelos, eu e o Instrutor começamos a subir, como se contornássemos a caverna por fora. Se não fosse tétrica, a visão daquele desfiladeiro que se estendia na região das trevas seria digna do bico de pena de um artista como Gustavo Doré, que ilustrara as páginas de “**A Divina Comédia**”, de Dante Alighieri, o célebre poeta Florentino. A paisagem, que melhor divisávamos à medida que subíamos, tinha, sim, uma certa beleza contraditória, em seus aspectos lúgubres e sombrios.

- Cuidado, Inácio, para não escorregar: estas pedras estão cobertas de limo e excessivamente úmidas; muito de raro em raro, os raios do Sol conseguem incidir por aqui, onde a noite parece ser eterna...

- Por que não exercermos a volitação?

- Além de que não lograríamos voitar com facilidade, devido à densidade atmosférica, chamaríamos a atenção de entidades que se agrupam nas imediações, expondo Paulino ao perigo.

Quando estávamos quase vencendo as escarpas, eis que nos deparamos com enorme serpente enrodilhada justamente onde deveríamos atravessar!

- É uma simples cobra... Não poderá nos fazer nenhum mal.

- Não, Inácio, não se trata de uma simples cobra; repare bem...

A píton, que deveria ter de oito a dez metros de comprimento, levantou a enorme cabeça e, sibilante, nos olhou como a víbora do mato espreita a sua presa.

- Como passaremos? – perguntei, constatando que se tratava de uma entidade espiritual na degradação de seu aspecto.

- Deixe-me conversar...

Aquela cobra que, sem dúvida, seria capaz de nos devorar em um só bote, estrangulando-nos, primeiro, entre as suas imensas mandíbulas, ergueu mais a cabeça, enquanto Odilon, que a olhava fixamente nos olhos, se aproximava, cauteloso.

O meu instinto de defesa, confesso, fez com que eu vasculhasse o terreno a ver se encontrava uma pedra ou um porrete qualquer, caso houvesse necessidade de lutar pela sobrevivência... Eu não estava disposto a *morrer* daquele jeito, nem que fosse para *morrer para cima*, quanto mais *para baixo*, que, com certeza, era o que me aconteceria em tais circunstâncias.

- Irmão cobra – começou Odilon a dialogar -, em nome de Jesus Cristo, deixe-nos passar... Perdoe-nos, se a estamos importunando em seu *habitat*, mas estamos em missão socorrista e necessitamos de providenciar amparo a um irmão em grande sofrimento. Colabore conosco, que, igualmente, ainda rastejamos no chão de nossas dificuldades e imperfeições. Não dispensamos o concurso de quem quer que seja...

A imensa serpente ergueu ainda mais a cabeça e enfodilhando-se, como estivesse se preparando para dar o bote; para mim, repito, tratava-se de uma cobra comum, como as demais que deveriam existir por ali, mas, agora, que eu reparava em seus olhos, que se movimentavam com vivacidade, verificava que Odilon estava com a razão: tudo naquela gigantesca serpente que seria capaz de engolir-nos inteiros, era, em verdade, semelhante a uma cobra, menos o olhar...

- Permita-nos passar pelo seu território – prosseguia o Mentor, com humildade – e, um dia, a **Misericórdia Divina**, que de ninguém se esquece, também a alcançará... Todos vivemos à mercê das **Leis** que nos regem, que se são de **Justiça**, são também de **Amor**! Não nos acredite em situação de qualquer privilégio... Se aqui estamos, é porque os nossos compromissos ainda nos prendem ao obscuro passado dos erros, que estamos procurando reparar. **Irmã cobra** – continuava a dizer, prostrando-se, agora, de joelhos -, deixa-nos passar e o seu gesto de solidariedade será levado em conta pelo **Senhor da Vida**, que a abençoará, a você e àqueles que são amados pelo seu coração, porque não há ser algum, em qualquer parte do Universo, destituído da faculdade de amar.

Estranho, muito estranho... Quando Odilon assim se pronunciou, eu tive a impressão discretas lágrimas rolaram daquelas pupilas negras e que a musculatura de seu corpo começara a se **flexibilizar**.

- Conceda-nos passagem, em nome de **Jesus Cristo**! Somos dois de seus irmãos em **Humanidade**... Não nos julgue pela forma exterior, que no fundo, não difere muito daquela em que você se apresenta: somos, todos, filhos do mesmo Pai e, portanto, feitos da mesma essência... O **Senhor da Vida** a abençoará e, doravante, minha irmã, você haverá de estar sempre em nossas preces. Conceda-nos passagem!...

Lentamente, a píton se desenrolou e deslizou na direção de Odilon, que se conservava imóvel, sem, todavia, desviar de seus movimentos ou olhar. A menos de um metro dele, que prosseguia de joelhos, a cobra levantou a cabeça à altura da sua, fixou-o nos olhos, colocou a língua bifurcada para fora e, depois, serpenteou por entre as rochas escuras e escorregadias da montanha.

- Que Deus a abençoe, minha irmã – falou o **Benfeitor**, erguendo a destra em sua direção, enquanto a **serpente** nos deixava o caminho desimpedido.

- Odilon, você se arrisca muito...

- Não quanto o **Cristo** continua a se arriscar por nós.

- E se ela resolve atacá-lo?...

- Se sabemos que a **morte** não existe, qual a razão do temor?

- Ela...

- ... foi mais condescendente conosco, do que, há quase dois mil anos, o fomos com **Jesus!**

- Em alguns trechos evangélicos, Ele chegou a se referir a nós, os homens, como “**raça de víboras**” ...

Sem efetuar maiores comentários, o companheiro alertou-me:

- Não temos tempo a perder; Paulino está à nossa espera e a região em que nos encontramos é repleta de perigos... Sigamos!

Mais alguns metros e alcançamos o topo do monte, pondo-nos a percorrer acidentado terreno, com emanções sulfurosas, como se estivéssemos na boca de um vulcão semi-extinto. Deixáramos a nave do outro lado e, ainda, precisávamos vencer considerável trecho. Estávamos com a roupa coberta por um pó avermelhado, que respirávamos, misturado a uma chuva de cinzas, que, caía, incessante, sobre a região.

- Falta muito, Odilon? – perguntei, algo extenuado.

- Uns quatro ou cinco quilômetros, *Inácio*. *Você está se sentindo bem?*

- *Apenas um pouco cansado...*

- *É consequência do pedaço de carne que você comeu...*

- *Por favor, nem me lembre disto! – solicitei. – Estou com uma terrível enxaqueca, desde então, e o estômago, volta e meia, ainda embrulha...*

Não avançáramos mais que cinqüenta passos e fomos interceptados pelo espírito de uma mulher que, para mim, emergira do interior da terra.

- Uma esmola, pelo amor de Deus! – disse-nos , caminhando na nossa direção, cambaleante e desfigurada. – Uma esmola, por piedade! Há dias que nada como; estou com fome... Tudo por um pedaço de pão!... Ai, meu Deus!, que inferno é este? Será que estou viva ou morta? Será pesadelo ou realidade? Respondam-me, por favor... Quem são vocês? Seres humanos ou demônios? Ai, meu Deus!... Socorro! Querem me pegar... Socorro!...

- Acalme-se, minha irmã, acalme-se! – Disse-lhe Odilon.

- Minha irmã! – exclamou a senhora, que exibia úlceras hematomas da cabeça aos pés. – Quem são vocês, que me tratam assim? Acaso, são anjos peregrinando no Inferno?... Por favor, tirem-me daqui... Vejam o meu estado.Eles querem me pegar... Estou louca e não sei como conseguir escapar. Perdi completamente a noção do tempo... Que pesadelo terrível, meu Deus! Por que fui tão má assim?...

- Irmã, estamos com pressa – falei, aflito, pensando em Paulino na retaguarda.

Com leve aceno de mão, o Mentor recomendou-me calma.

- Não, não... Levem-me com vocês, por caridade. Eu não vou mentir mais: sou criminosa, sim... Matei os dois – dei veneno a eles; eram ciumentos demais e queriam controlar a minha vida... Eu lhes queria, mas não os amava e ambos eram apaixonados por mim. Socorro, socorro! Vejam o que eles me fizeram, à alma e ao corpo... Não os deixem me prender de novo, não os deixem – gritava, agarrando-se aos pés de Odilon.

Impaciente, disse ao amigo que se comovia com extrema facilidade ante a dor dos semelhantes:

- Não podemos nos deter...

- Inácio, e se esta irmã fosse qualquer um de nós?

A pergunta deixou-me sem resposta e permaneci na expectativa.

Entrementes, saindo do mesmo buraco de onde emergira a infeliz mulher, dois espíritos de aspecto horripilante se postaram diante de nós, reclamando-a:

- Ela nos pertence!... Deixem-na! Quem são vocês dois, que nunca vimos antes? Não se atrevam a nos enfrentar... Temos contas a ajustar. Nós somos as vítimas... Ela é má, profundamente má; ainda não pagou a metade da metade que nos deve... Venha cá, sua cadela! Você não vale nada!...

- Meus irmãos – redargüiu Odilon, colocando-se entre a mulher, que se encolhera às suas costas buscando proteção, e os dois homens de robusta compleição -, já não terão vocês sofrido o suficiente? Por quanto tempo pretendem sustentar o ódio que lhes é recíproco? Esperam, porventura, atravessar a eternidade nessa situação? Esqueçam o passado... Vejam a condição em que ela se encontra e não sejam, assim, tão implacáveis!

- Implacáveis ?! Você está nos acusando? Não se esqueça de que as vítimas somos nós... Ela nos enganava o tempo todo. Ela é a criminosa! Se ninguém a faz pagar, tomamos a justiça em nossas mãos... Não defendam essa vadia. Entreguem-na ou não respondemos por nossos atos. Não queremos complicação com estranhos, mas, se for necessário – falou em tom ameaçador.

- Há quanto tempo, meus irmãos...

- Sei lá – atalhou o que tomava a iniciativa de conversar -: 30, 40, 50 anos... Nós a estávamos esperando, desde muito; ela nos envenenou e nós lhe provocamos o câncer... Ela morreu caquética, pele e ossos em cima de uma cama! De nada lhe valeu receber a extrema-unção e o arrependimento dos pecados, que ela nunca confessou. Infeliz! Estamos transbordando de ódio, ódio!...

- Mas o ódio, meus irmãos, é uma doença... Vocês dois estão doentes e não percebem. O desejo de vingança induz o espírito à perturbação. Esqueçam e... perdoem.

- Perdoar?! – vociferaram, quase ao mesmo tempo, abaixando-se para apanhar pedras no chão. – Nunca!... Como fazer o que não conseguimos? Por que Deus não perdoa a ela? Se Deus lhe tivesse perdoado, ela não estaria aqui... Estamos lhe dando um último aviso: entreguem-na ou os agrediremos. Temos amigos nas redondezas e vocês não escaparão...

- Vocês estão extrapolando, meus irmãos...

- Extrapolando?...

- Sim. Vocês não a induziram à morte pelo câncer?...

- Induzimos; envenenamos-lhe as células: ela teve um tumor uterino que a fazia esvaír-se em sangue... Mas foi pouco!

- O ódio de vocês está superando a invigilância dela; quando, por vezes, excedemos em nossa justa indignação, de vítimas passamos a verdugos...

- O quê?!... Ainda por cima nos acusa? Quem é você? Advogado do diabo?...

- Apenas um irmão de vocês, que, em nome de Jesus Cristo, deseja auxiliá-los.

- Não, não é possível... Vocês vieram nos atrapalhar. Entreguem-nos essa cadela! – gritou o mais exaltado, pronto para arremessar contra Odilon pesado bloco de pedra.

- Não, não deixem que eles me levem, por piedade! Jonas e Guilherme, perdoem-me, perdoem-me! Eu estava louca, louca... Vocês sabem quanto sofri. Fui criada sem mãe e o meu próprio pai me estuprou... Desde criança ele me obrigava a me prostituir e me espancava. O meu ódio contra os homens foi crescendo, mas, infelizmente, dele eu não pude me vingar – é tudo o que lamento. Assassinaram-no num bar, tirando-me o privilégio de matá-lo eu mesma... Perdoem-me, eu estou doente. Vejam o meu corpo coberto de úlceras, o meu rosto desfigurado, os meus dentes quebrados... Estou horrível! Eu me reduzi ao monstro que sou... Estou cansada... Jonas e Guilherme, perdoem-me, perdoem-me! Deixem-me ir... Eu tinha sete anos de idade, quando fui violentada pela primeira vez!...

Pesadíssimo silêncio caiu sobre aquela estranha paisagem. Devagar, o espírito que identifiquei como sendo Jonas foi baixando a mão e deixou cair a enorme pedra que segurava com ambas as mãos.

Súbito, um grito lancinante, indefinível para a palavra humana quebrou o silêncio que se fizera.

- Quem me chamou? Quem me chamou?... – perguntou uma voz, saindo da escuridão.

Todos, instintivamente, nos voltamos para o lado de cima da planície em depressão, avistando, aos poucos, a figura de um ente – metade homem, metade lagarto – que se arrastava com dificuldade.

- Quem me chamou? – voltou a perguntar, se aproximando.

Eu nunca havia visto um espírito em tal estado de sofrimento: até a altura do tronco, era efetivamente humana, mas, da cintura para baixo... Os órgãos genitais à amostra, completamente deformados, arrastavam-se no solo, deixando um rastro de sangue.

- Quem me chamou? – insistia. – Ouvi meu nome, meu nome... Eu me chamo Alencar. Onde está minha filha, minha pequena Taís?... Socorro, meu Deus, socorro! O que fui fazer? Ah! Com certeza, demônios tomaram conta de mim... Taís, minha filha, onde você estiver, me perdoe, me perdoe!...

O espírito, que estava cego, perdeu o equilíbrio e rolou pela ribanceira, estacando junto a nós, de ventre para cima. Jonas e Guilherme, de tão horrorizados, afastaram-se em desabalada carreira, tomando rumo ignorado.

Odilon, sempre pronto a socorrer os desvalidos, aproximou-se sem que o horrendo quadro lhe causasse qualquer repugnância, e auxiliou Alencar ou o que havia sobrado dele, a se desvirar.

- Ai, ai, como me dói!... Sinto vermes a me corroerem. Que sina, meu Deus, que maldição! Que loucura! Eu não consigo alívio e não posso dormir, pois, se pego no sono, monstros mais terríveis do que eu me atacam o tempo todo... Ah, Taís, que fui fazer a nós dois, em minha insanidade! Perdoe-me, minha filha, perdoe-me! O seu pai só tinha sexo na cabeça... Eu nunca lhe disse nada, mas a minha mãe era uma prostituta: eu era pequeno e a via receber homens em nossa casa... Foi assim que cresci, entre a revolta e a humilhação.

- Acalme-se, meu irmão, acalme-se – dialogou o Instrutor, colocando a destra sobre a cabeça do espírito em situação lastimável. – Providenciaremos para que você seja removido... Jesus Cristo não nos desampara.

- Não, deixem-no ficar – gritou a mulher, identificando o antigo verdugo! – Ele está tendo o que merece... Deve pagar pelo que me fez, a mim e a outras crianças: ele era um tarado, um pedófilo... Ameaçava-nos, e tínhamos medo de denunciá-lo à polícia. Deixem-no ficar!...

- Minha filha – disse-lhe eu, enquanto, telepaticamente, Odilon procurava entrar em contato com algum grupo socorrista que estivesse nas proximidades -, “os são não necessitam de médico”... Começamos a empreender a nossa recuperação, alijando o espírito todo sentimento de ódio. Quem não terá errado alguma vez? E quem somos para julgar a atitude de nossos semelhantes? Tanto você quanto ele carecem de tratamento. Conhecendo a extensão de nossas faltas em relação aos outros, como poderíamos atirar a primeira pedra? Há quanto tempo vocês se encontram neste sofrimento? O Deus que nos estende proteção é o mesmo que não se nega a socorrer os nossos inimigos ou aqueles que assim consideramos. Você não se penaliza diante da dor do companheiro que, cego e deformado, terá, certamente, expiado dolorosamente os seus equívocos?

- Mas... Ele foi o culpado de tudo! Eu era simplesmente uma criança...

- Não o era, minha filha, quando envenenou Jonas e Guilherme... Não nos esqueçamos assim tão facilmente dos desatinos que cometemos. Somente o perdão liberta o espírito. Ao longo de nossas experiências ,

da jornada evolutiva que cumprimos no corpo de carne ou fora dele, todos temos sido vítimas e algozes uns dos outros.

A mulher silenciara e grossas lágrimas lhe escorriam dos olhos, pelo rosto transtornado,

Imóvel sobre a poeira, Alencar implorava, quase a desfalecer:

- Tenha dó de mim, Taís!... Não posso vê-la, mas ouço-lhe a voz. Meu Deus, será algum demônio que me atormenta os ouvidos... Eu quero esquecer, esquecer. Por favor, afastem a imagem dessas crianças seminuas... Quando deixei o corpo, comecei a rastejar: Eu era um lagarto, um monstro – o monstro que sempre fui! Vocês não sabem o que tenho sofrido... Tenho fome, sede... Ah, meu Deus, o que será de mim?! O que fui fazer da minha vida? E agora, o que me espera? Vejam como estou... Por favor, decepem os meus órgãos genitais; eu não agüento mais esfolá-los nas pedras... Cortem-nos ! Aliviem-me! Por caridade...

Passaram-se vários minutos e uma patrulha espiritual, contactada por Odilon, apareceu, tendo à frente um simpático senhor de nome Sinésio.

- Pronto! – disse-nos ladeado por mais três companheiros, dois homens e uma jovem chamada Mary. – Aqui estamos. Podem deixar, que nos encarregamos; este é o nosso trabalho – graças a Deus, este é o nosso trabalho!

- A sua fisionomia não me é estranha – disse-lhe.

- Eu sei quem é o senhor – respondeu-me: - o Dr. Inácio Ferreira, do Sanatório Espírita de Uberaba. Estive lá, em visita, algumas vezes... Eu fui espírita, Doutor, dirigente de reunião mediúnica. Ao Dr. Odilon Fernandes eu não conhecia pessoalmente, apenas de nome. Muito prazer – falou, estendendo-lhe a mão em cumprimento. – Esta aqui é a Mary, nossa irmã, e os outros dois Ódon e Leocádio.

- Ódon?... – perguntei, tentando puxar pela memória.

- Dr. Ódon Tormin!

- O nome me era familiar – retruquei, abraçando o companheiro com o qual, pessoalmente, estivera poucas vezes, em uma ou outra daquelas cansativas solenidades, às quais sempre fui avesso.

- Deixaremos Taís e Alencar aos cuidados de vocês; temos um amigo nos esperando e precisamos voltar – explicou Odilon.

- Estamos sabendo... Trata-se de Celestino, que *morreu*, não é? As notícias correm depressa também por aqui... Convém, realmente, que ajam com presteza. Vimos muitos monges em levante, se encaminhando para cá. Tomem cuidado!

Enquanto Dr. Ódon e Leocádio se ocupavam de Alencar, e Mary de Taís, preparando-lhes a remoção, o irmão Sinésio brincou comigo, em tom respeitoso:

- O senhor pretende, Doutor, contar aos nossos companheiros encarnados a *morte* de Celestino?...
- Pretendo, por quê?
- Porque eu sou um assíduo leitor de suas obras...
- “ Novos Rumos à Medicina”, “A Psiquiatria em Face da Reencarnação”...
- Das mais recentes: “Sob as Cinzas do Tempo”, “Do Outro Lado do Espelho”, “Na Próxima Dimensão”, “Infinitas Moradas”...
- Como?! – indaguei, surpreso. – Você as lê?...
- E igualmente as de irmão José, do Dr. Odilon Fernandes, do Paulino Garcia...
- De que forma?
- O médium começou comigo, Doutor; éramos companheiros – o fomos por quase vinte anos consecutivos – na Casa Espírita “Bittencourt Sampaio”... Eu o tenho à conta de um irmão muito querido. É certo que o pessoal não lhe tem poupado críticas e aborrecimentos.
- Ora, os espíritas!... Os que mais criticam são os que menos trabalham.
- O episódio da *morte* de Celestino...
- Suscitará novas polêmicas.
- Creio que sim; talvez fosse conveniente omitir, o senhor não acha?
- Com todo o respeito, não – não acho, não. Celestino *morreu* ou não *morreu*? – questioneei.
- *Morreu!*
- Então, qual é o problema? O pessoal espírita precisa se libertar dos remanescentes místicos da Igreja...
- O senhor tem razão, mas...
- Irmão Silésio, deixe o povo chiar à vontade... Enquanto o médium agüentar, eu agüento. Acusações desta ou daquela natureza não irão nos intimidar.
- A trama contra ele é terrível; sei disto, porque o conheci criança e lhe quero muito bem...
- Não se preocupe. Ambos – eu e ele- somos teimosos. As acusações que pesam contra ele pesavam sobre mim também. Porque me casei idoso, chegavam até a duvidar da minha masculinidade...

Não havia mais tempo para a amistosa conversa com Sinésio. Paulino deveria estar aflito e precisávamos alcançar a nave, antes que os frades, informados da *morte* de Celestino, nos interceptassem.

Despedindo-nos dos amigos que integravam o grupo socorrista, convidei:

- Irmão Sinésio, estimaria continuar com você o diálogo, que, infelizmente, necessitamos interromper. Faça-lhe um convite: seria uma alegria recebê-lo no hospital, para darmos seqüência ao assunto. Se puder, na semana que vem, estarei com o tempo um pouco mais livre.

- Agradeço, Doutor, e farei o possível. A minha vida tem sido percorrer esses vales onde o sofrimento campeia. Durante muitos anos, tive a felicidade de dirigir um grupo mediúnico de desobsessão e me sinto de espírito ligado aos irmãos mais sofredores do Mundo Espiritual. Antes de conhecer a Doutrina, igualmente cometi muitos erros; durante anos e anos, fui alcoólatra e lutei contra inclinações de ordem inferior, só não me precipitando de vez no escuro do abismo por intercessão da Divina Misericórdia. Devo o que sou ao Espiritismo e preciso trabalhar nessas regiões, de vez que, sinceramente, não me sinto à altura de abraçar outras tarefas.

- Então – disse, apertando-lhe a mão -, até a próxima semana.

Deixando Taís e Alencar sob a tutela dos amigos que, prontamente, haviam atendido à solicitação telepática de Odilon, não tivemos maiores embaraços para alcançar o veículo que deixáramos em lugar estratégico.

Enquanto planávamos, com os motores praticamente desligados, com o propósito de apanhar Paulino e Celestino, não pude deixar de questionar o Mentor sobre algo que me preocupava.

- Odilon – perguntei-lhe -, o que terá provocado a *desencarnação* de Celestino? Ele me parecia um espírito num corpo saudável...

Adivinhando-me os pensamentos, o Instrutor respondeu, indo ao âmago da questão:

- Eu sei com o que você se preocupa, Inácio. Não, não fui o responsável pela sua *morte*. Não tenha, pois, receio de descrever o episódio aos nossos irmãos encarnados, temendo equivocada interpretação dos fatos. Celestino, embora a aparência robusta, tinha o coração fragilizado; o que

o mantinha, digamos, *encarnado*, era a sua determinação mental... Quando dialogamos, as forças que o sustentavam entraram em instantâneo colapso e o processo se desencadeou.

- Então, em outras palavras, ele enfartou?

- Sim; não nos esqueçamos de que, há séculos, Celestino vinha resistindo à necessidade de se renovar... O corpo espiritual, Inácio, tanto quanto o corpo físico, também está sujeito a inevitável desgaste.

- Se fosse eu a conversar com ele, naquela oportunidade...

- Teria sucedido o mesmo, desde, é claro, que as palavras que lhe fossem ditas, ao invés de ainda mais irá-lo, lhe tocassem as fibras mais íntimas. O nosso irmão se nutria de ódio e revolta. Não pôde resistir às emoções diferentes que experimentou naquele momento...

- Ele desabou como um prédio em implosão...

- Ninguém consegue se opor, eternamente, ao determinismo da Lei; sem violência, o tempo tudo modifica, no campo exterior das coisas e em sua essência... Se não fosse assim, a tendência é que a ordem que impera no Universo se transforme em caos. Espíritos há que, por séculos e séculos, resistem à necessidade de se renovarem, mas, para eles, sempre chegará o dia em que se submeterão aos imperativos da evolução.

Efetando ligeira pausa, Odilon concluiu:

- Não se preocupe, Inácio eu não *matei* Celestino. Apenas a título de maior esclarecimento e para tranquilizá-lo, permita-me recordar o episódio narrado por Lucas, em Atos dos Apóstolos, no capítulo 5, versículos 1 a 12: “Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade, mas, de acordo com sua mulher, reteve parte do preço e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos. Então disse Pedro: Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo? Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens mas a Deus. *Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou* (o destaque é meu), sobrevivendo grande temor a todos os ouvintes. Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram. Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera. Então Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendeste por quanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto. Tornou-lhe Pedro: Por que entraste em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão. *No mesmo instante,*

caiu ela aos pés de Pedro e expirou (o destaque é meu). Entrando os jovens, acharam-na porta e, levando-a, sepultaram-na junto do marido. E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos”.

- Sinceramente – comentei, impressionado -, eu não me lembrava deste episódio...

- Há palavras, Inácio, que suscitam a vida e outras que suscitam a morte... Não nos esqueçamos de que o verbo cria. Está escrito em Gênesis, logo no primeiro capítulo, que Deus criou tudo o que existe pela propriedade plasmadora da Palavra: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz; E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas, e separação entre águas e águas; E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie...; Disse Também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus para fazerem separação entre o dia e a noite...” Enfim, nos alongaríamos excessivamente com citações que poderão ser, pelos interessados, conferidas diretamente.

- Estou me recordando da ressurreição de Lázaro...

- Da ressurreição de Lázaro e de tantos outros feitos do Senhor, utilizando a Palavra como instrumento de ação.

E, revelando memória prodigiosa, o Mentor repetiu, como se tivesse diante de seus olhos as páginas de “O Novo Testamento”: “E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe *dizendo*: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra” (Mateus, cap. 8, vv. 2 e 3); “Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele *meramente com a palavra* expeliu os espíritos, e curou todos os que estavam doentes.” (Mateus, cap. 8, v. 16); “Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos! Acudiu-lhe, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança. E maravilharam-se os homens, dizendo: quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?” (Mateus, cap. 8, vv. 25 a 27).

Infelizmente, não tínhamos mais tempo. Localizando Paulino e Celestino, fizemos a nave pousar silenciosamente e o embarcamos.

- Vocês demoraram – observou o jovem pupilo de Odilon -; temi que algo lhes tivesse acontecido...

- E você não se enganou, Paulino: na companhia de Odilon, sempre nos acontece muita coisa – retruquei, provocativo.

- E Celestino, como vai passando? – perguntou o Benfeitor.
- Um tanto agitado; tive que contê-lo diversas vezes, a fim de que não se levantasse e saísse caminhando. Dezenas de monges em patrulha passaram rente a nós, chamando por ele...
- Mas, se ele está *morto*, como poderiam reavê-lo?
- Não duvide, Inácio, não duvide.

Sobrevoando a inóspita região na intimidade da Crosta, o piloto automático mapeou a saída sem dificuldade e, em breve, estávamos no pátio do hospital, onde Manoel Roberto e outros dois companheiros nos aguardavam. Em uma maca, Celestino foi conduzido para um quarto de atendimento de emergência e começou a ser hidratado – sim, não se espantem, hidratado, afinal, não se esqueçam, ele havia acabado de *nascer* e o seu novo corpo requiritava cuidados especiais.

Enquanto outros médicos lhe prestavam assistência, perguntei a Odilon:

- O que há de ser, doravante?
- Assim que ele conseguir adormecer mais profundamente, o removeremos para um hospital especializado e, então, o seu regresso ao corpo físico será providenciado.
- Reencarnará em condições normais?
- Dificilmente; é possível que, instintivamente, ele venha a rejeitar o novo corpo em formação, provocando o próprio abortamento, mas...
- Mas?...
- ... tentaremos quantas vezes se fizerem necessárias.
- Será ele uma criança sem problemas neurológicos ou psicológicos?
- Inácio, não há necessidade que eu lhe responda esta pergunta: o corpo físico, embora não possamos descartar o peso da hereditariedade, em que, do ponto de vista biológico, ele próprio se estrutura, em última análise é o reflexo do espírito: tudo dependerá da maneira como Celestino reagir e se submeter às conseqüências do que traçou para si mesmo. Oremos para que nosso irmão consiga, no corpo e na alma, sepultar o passado, pois isto é algo que ninguém pode fazer por ele.

Odilon e Paulino necessitavam se ausentar. Os afazeres no “Liceu” reclamavam a presença dos companheiros os quais, sempre que apareciam, me proporcionavam momentos agradáveis e de aprendizado, em sua companhia.

-Inácio – disse-me o Instrutor -, manteremos contato.

- Você não se livrará de mim tão facilmente – brinquei -, e nem você, Paulino.

- O senhor é que não se verá livre de mim – redargüiu o jovem amigo, fazendo-me um afago no ombro.

O pupilo de Odilon era cativante. Extremamente educado, parecia-me um *lord* inglês, sem, no entanto, perder a espontaneidade no trato com as pessoas. Inteligente e bom, Paulino era o rapaz que todo pai e toda mãe gostariam de ter por filho. Nunca escutara de seus lábios uma palavra sequer dita de forma mais exaltada ou ouvira uma referência menos elegante a quem quer que fosse. Sem dúvida, deveria ser ele um espírito de muitas aquisições que, naturalmente, transpareciam de suas atitudes.

Quando ele se afastou, deixando-me a sós com Odilon, comentei:

- Extraordinário rapaz!...

- Estivemos, Inácio, ligados em existência pretérita, quando vivemos em Roma, à época do Cristo: éramos irmãos por parte de pai...

- Ele sabe disto? – perguntei.

- Aguardo o melhor momento de lhe revelar parte de nossa história e, de nosso drama. O nosso pai era judeu e as nossas mães escravas em sua casa; assim que nascemos, ele se desfez de nós e fomos criados um separado do outro. O destino, no entanto, se encarregou de promover o nosso reencontro. Ambos fomos treinados para ser gladiadores e era como ganhávamos a vida – na arena. A princípio, como registra a história, participávamos de luta de exibição, à mão livre; apenas os condenados à morte lutavam com armas pela sua liberdade, enfrentando-se uns aos outros ou enfrentando a ferocidade dos tigres e leões que, na maioria das vezes, os estraçalhavam em suas mandíbulas. Certa vez, os gladiadores promoveram um levante, que os legionários logo controlaram e, então, por ordem do Imperador, todos fomos obrigados a lutar pela própria sobrevivência.

Com voz pausada e, como era de seu feitio, procurando sintetizar, Odilon continuou:

- Na noite que antecedeu o fatídico dia, ninguém conseguiu dormir. Éramos um grupo de vinte e oito e lutaríamos dois a dois, sendo que o vencedor obteria o perdão. Conversando com Paulino, que se assentara ao meu lado – eu tinha seis anos a mais do que ele -, descobrimos que éramos filhos do mesmo pai, que nos vendera a um mercador de escravos. Ele se chamava *Davi*, e eu, a *Aarão*. Veja, Inácio, como são os *Desígnios de Deus*: de manhã, quando as duplas foram escolhidas por sorteio, eu deveria lutar contra o meu próprio irmão, até à morte... Caso recusássemos, seríamos sumariamente eliminados pelos arqueiros, dispostos nas arquibancadas do circo. Deram-nos um pequeno escudo e um gládio, que mal sabíamos segurar, pois, na verdade, não passávamos de amadores e quase malabaristas. Mais alto e mais forte do que eu, Davi me venceria com facilidade, porém, quando adentrávamos a arena, ele me disse que não levantaria o gládio contra mim... Os seus olhos brilhavam e o coração, batia-lhe, acelerado, no peito. – Eu também não lutarei – respondi, sabendo o que nos esperava. Quando chegamos no centro da arena e nos colocamos diante do outro, desfizemo-nos das armas, ante os gritos do povo: - *Lutem, lutem, covardes!*... Os soldados ainda insistiram para que déssemos espetáculo, chicoteando-nos e mostrando-nos os arqueiros em posição de atirar. *Davi* estava com vinte e um e eu com vinte e sete de idade. Quando o comandante ordenou aos arqueiros que se preparassem, abraçamo-nos e fomos crivados por várias setas; *Davi*, atingido mortalmente nas costas, pereceu em meus braços, soltando golfadas de sangue pela boca... Quanto a mim, supondo-me igualmente morto, fui carregado para a sala dos cadáveres, que ficava no subsolo, onde diversos coveiros permaneciam a postos. Três flechas me alvejaram: uma na coxa, outra à altura dos rins e a última cravou-se-me um pouco abaixo do pescoço, detendo-se na omoplata...

Com cuidado, observando se Paulino não retornava na companhia de Manoel Roberto, o Mentor concluiu:

- Jogaram o meu corpo e o de Davi num carrinho de mão e nos transportavam para uma vala comum, quando, recobrando os sentidos, consegui gemer. O coveiro, que era auxiliado por seu filho, percebendo que eu estava vivo, providenciou a minha remoção; ele também era judeu e detestava os romanos... Fiquei devendo-lhes a vida, a ele e à sua esposa os quais, às escondidas, trataram de mim por mais de dois meses; a ferida na coxa infeccionou-se e estive, várias vezes, entre a

vida e a morte. Esta, Inácio, foi uma das experiências que eu e Paulino tivemos oportunidade de vivenciar juntos.

- E o que você fez depois? – perguntei, interessado.

- Fui embora para a Ilha de Chipre, onde comecei a escutar a falar de Jesus, comparecendo às pregações de um ancião de nome José, que todos tratavam de Barnabé, companheiro de *Paulo de Tarso* em suas andanças. Converti-me ao *Cristianismo*, casei-me, fixei residência por lá, mas não pude me esquecer de *Davi* – eu tive a impressão de que ele me abraçara para me proteger, recebendo as flechadas mais certeiras...

- Dr. Odilon – chamou Paulino, que regressara sorridente -, quando o senhor quiser partir, estarei pronto.

- Vamos, meu filho – respondeu o Instrutor, passando-lhe o braço direito sobre o ombro e, com a mão, desalinhando os seus cabelos encaracolados -; temos muito que fazer. O Inácio, quando pega a gente de prosa...

- Eu?! – exclamei.

- Você mesmo, com as suas histórias que não acabam mais – desconversou, com discreta piscadela.

- Quando estarão de volta? – questionei, sentindo-lhes a falta por antecipação.

- Quando você nos preparar um banquete com um porco espinho – troçou comigo.

- Arre, Odilon!... Por favor, nem me lembre, que o meu estômago já embrulha... Carne, nunca mais!

- Pelo menos, até a próxima encarnação, não e, Inácio?

- Renascerei vegetariano.

- Vegetariano, mas não vegetal...

- Mas tenho esperança de que, com a evolução, a carne deixará de ser carne...

- Quem diria! – falou, apertando-me a mão. – Quem sempre apreciou um churrasco como você!...

- Definitivamente, deixei de ser carnívoro. E pensar – meu Deus! – que já fui antropófago...

- Em várias existências, Inácio, em várias existências, não tão antigas quanto você supõe – falou, preparando-se para voitar.

- Manoel Roberto, por favor – solicitei de brincadeira -, um sal de frutas urgente, um bicarbonato, qualquer coisa!

Acenamo-nos e Odilon e Paulino partiram.

- Vamos à luta, Manoel – convidei o amigo para entrar, sabendo que a minha mesa estava repleta de papéis e muitos pacientes esperavam por

mim.

- Doutor, o senhor vai levar mais de um mês para colocar o serviço em dia.

- Que papelada é esta? – perguntei, apontando, surpreso, para o calhamaço. – A burocracia da Terra já chegou por aqui? Eu não sou empresário e nem executivo – eu sou médico! Imaginei que, depois da morte, estaria livre de tudo isso. Auxilia-me, Manoel, a promover uma triagem: metade para a lata de lixo e a outra metade...

- Doutor, existem documentos importantes...

- Não são mais importantes que os meus doentes. Arranje alguém para cuidar disto e só me mostre o estritamente necessário. Deus me livre! Se, com todo o respeito, o *INSS* chegar por aqui, eu renuncio...

- E se aparecer algum fiscal procurando pelo senhor?

- Atenda-o e , se ele insistir, diga que *reencarnei*... Eu vou ver os meus doentes. Estou com saudade deles!

E deixando Manoel envolvido com aquela papelada, passei a mão no estetoscópio, coloquei-o em volta do pescoço e fui para a minha melhor terapia: cuidar dos internos do hospital, conversar com eles e ouvi-los, sem nenhuma pressa.

- Dr. Inácio – indagou-me o primeiro, dos que já estavam conosco de alguns meses -, quando receberei alta?

- Quando você parar de perguntar a respeito – respondi, acomodando-me numa cadeira próxima -; de todos vocês, eu serei o último a receber alta e não estou reclamando...

- Mas o senhor é médico e não paciente, como nós.

- Quem é que lhe disse isto? Eu também me considero um espírito enfermo... Aliás, em nossa atual condição, enfermidade espiritual é uma questão de gradação. Poucas são as mentes absolutamente sãs. O pior desequilíbrio é o imperceptível, que, infelizmente, acomete a milhares e milhares de pessoas no mundo todo...

- O senhor vai me curar?

- Jesus Cristo nos curará, meu filho; tenhamos paciência e não desanimemos de nós...

- Muita gente diz que eu estou louco!

- São mais loucos ainda...

- Conversar com o senhor é um remédio para mim; há médico que passa por aqui e nem ligo para a gente.

- Infelizmente, a preguiça e a indiferença também sobrevivem à morte...

- Dr. Inácio – veio-me chamar Manoel Roberto -, visita para o senhor.
- De quem se trata? – perguntei, terminando de abotoar a blusa do pijama de uma senhora, que, com as mãos trêmulas, não estava conseguindo fazê-lo.
- Alguém de nome Sinésio. Ele informou aos nossos vigilantes que foi convidado pelo senhor. Posso fazê-lo entrar?
- Perfeitamente. Conduza-o ao meu gabinete e faça companhia a ele. Irei em seguida.
- Olá, meu amigo! – Saudei-o, procurando deixá-lo à vontade. – Como vai passando?
- Tudo bem, Doutor – respondeu com timidez, segurando um boné que incorporara à sua indumentária.
- Eu o estava esperando. E Alencar e Taís? – indaguei, interessado nos dois infelizes irmãos que deixáramos aos cuidados de seu grupo socorrista.
- Foram encaminhados por nós a um outro núcleo hospitalar; graças a Deus e ao auxílio de vocês, conseguimos subtraí-los ao estado de penúria em que se encontravam.
- Você estava muito preocupado com o nosso companheiro médium, não é?
- Não é para menos, Doutor; conforme lhe disse, eu o acompanho desde jovem e sei de seu idealismo e boa vontade. Sinto-me impotente para ajudá-lo... Eu não nasci em Uberaba, mas conheço bem os bastidores do Movimento Espírita na cidade. Com em todos os lugares, há muita gente boa, no entanto...
- Ora, Sinésio, não se aflija.
- O pessoal, Doutor, não sabe de toda a verdade, das tramas foram urdidas contra ele – campanhas difamatórias inescrupulosas, com intuito de destruí-lo, comprometendo-o moralmente.
- É melhor que não saiba... E, depois, o nosso amigo tem perseverado, não é? Nada fez com que, por um instante sequer, ele pensasse em parar.
- Quanto a isto, estou tranqüilo. Divulga-se, porém, que ele foi afastado pelo nosso Chico...
- Sim, com o intuito de protegê-lo e de dar a ele maior liberdade de ação. O nosso Chico Xavier não o queria refém da mesma situação...
- Quem sou eu para dizer isto?! Mas coitado do Chico! Ele não merecia o

que passou – é de estarrecer!

- Coitados de nós, Sinésio, que, por muito menos, teríamos partido para a ignorância; se fosse comigo, eu teria resolvido no tapa... Mandaria aquele pessoal todo, que o explorava e chantageava, se catar.

- Sabemos que o caso era de polícia...

- Ele, porém, fez uma opção e, como sempre, a opção correta: agüentou tudo calado e, se carma havia, do carma ele se libertou; saiu do corpo, livre como um pássaro...

- O pessoal, a distância...

- O pessoal a distância não sabe de nada e, se soubesse, se desnortearia – tremaria nas bases. As *trevas* urdiram com tal sutileza, que chega a ser inacreditável. Todos os amigos mais próximos de *Chico Xavier* foram constrangidos a se afastar... Até os seus familiares consangüíneos sofreram agressões e ameaças.

- Eles que o digam...

- Só não dirão se não quiserem, pois que alguns de seus irmãos e muitos de seus sobrinhos ainda se encontram no corpo.

- O nosso amigo comum, *Dr. Inácio*, correspondia-se com o *Chico* semanalmente e...

- Eu sei, Sinésio, eu sei: as cartas dele nas quais aborda assuntos pertinentes à mediunidade, à recepção de livros com temas delicados, etc. foram parar em mãos indevidas, não é?

- Muitas delas, inclusive, foram adulteradas em seu conteúdo e, hoje, tem sido utilizadas para intimidá-lo.

- Necessitarão mais do que isto para fazê-lo. *Graças a Deus*, o nosso companheiro não tem compromisso com ninguém e não teme ser execrado. O seu compromisso é com a *Doutrina*. Confiemos em que ele conseguirá seguir adiante.

- O senhor sabe que, às vezes, chego a temer que ele venha a sofrer um atentado...

- Um atentado físico iria bem, Sinésio.

- Como?!...

- Os responsáveis seriam presos e se desmascarariam de vez...

- Mas e se ele fosse *morto*?

- Simplesmente, viria ter conosco...

- Fico pensando no que o *Chico* sofreu...

- Não pense.

- Olhe, Doutor, eu sou cearense, a minha família tem parentesco com *Lampião*, mas sinceramente...

- Então, Sinésio, você conhece a poesia de *Catulo*...

- Conheço.

- Você se lembra daquele poema “O Azulão e os Tico-ticos”?
- Como não? É um dos meus preferidos.

E com voz cadenciada, recitou com triste entonação:

“Do começo ao fim do dia,
Um belo azulão cantava,
E o pomar que atento ouvia
Os seus trilos de harmonia
Cada vez mais se enflorava.

Se um tico-tico e outros bobos
Vaiavam sua canção,
Mais doce ainda se ouvia
A flauta desse azulão.

Um papagaio, surpreso
De ver o grande desprezo
Do azulão, que os desprezava,
Um dia em que ele cantava
E um bando de tico-ticos
Numa algazarra o vaiava,

Lhe perguntou: “Azulão,
Olha, diz-me a razão
Por que, quando estás cantando
E recebes uma vaia
Desses garotos joviais,
Tu continuas gorjeando,
E cada vez cantas mais?!”

Numas volatas sonoras,
O azulão lhe respondeu:
“Meu amigo, eu prezo muito
esta garganta sublime,
Este dom que Deus me deu!

Quando há pouco, eu descantava,
Pensando não ser ouvido
Nestes matos, por ninguém,
Um sabiá que me escutava,

Num capoeirão, escondido,
Gritou de lá: “Meu colega,
Bravo!... Bravo!... Muito bem!”

Queira agora me dizer:
Quem foi um dia aplaudido
Por um dos mestres do canto,
Um dos cantores mais ricos,
Que caso pode fazer
Das vaias dos tico-ticos?!”

- Lindo! – Exclamei. – Que belo e significativo poema! Aplica-se bem ao assunto de que estamos tratando, não?
- É verdade, Doutor – concordou Sinésio, um pouco mais animado.
- deixemos, então, de lado esse bando de “tico-ticos”...
- Esses “pardais”...
- Essas aves agourentas...
- De rapina...
- Ótimo! – começamos ambos a sorrir.
- O senhor é um homem extraordinário, Doutor!
- Não sou nenhum “azulão”, mas contento-me em ser...
- Um coleiro-do-brejo!
- Um tico-tico é que não... Temos que dar força ao nosso companheiro, a fim de que ele continue. O Espiritismo não tem dono!
- Essa gente, *Doutor*, quer nos colocar uma mordança...
- Eu vou continuar falando e escrevendo o que penso e eles vão ter que me agüentar!
- No entanto, é o médium que tem sido injuriado...
- Quanto mais injuriado, mais inspirado. Eles não sabem quanto é teimoso, persistente...
- Desde juvenzinho, Doutor, desde juvenzinho.
- Podem escarnecê-lo, desmoralizá-lo, inventar coisas, fraudar cartas e documentos, acusá-lo do que quiserem: ele não vai parar!
- Enquanto tiver saúde, não.
- Ora, eu enfrentei aquela “padralhada” de Uberaba praticamente sozinho, numa época em que os espíritas da cidade poderiam se contar nos dedos; eles, agora, é que me fariam recuar? De modo geral, os companheiros de Doutrina são excelentes...
- Os mais simples e apagados; os que se preocupam em praticar a caridade, visitar os pobres, distribuir sopa...
- - ... mas – rematei, com convicção -, existe muito lobo disfarçado de

cordeiro, gente que afivela uma máscara de humilde na face... Eu os conheço bem. A mim não enganam.

- Nem tampouco a mim, Doutor, que, como o senhor, convivi com eles uma boa temporada.

- Sinésio – convidei, venha conhecer o hospital. Vamos dar uma volta para espairecer. Deixemos os espíritas brigar em paz... Por mais que saibam, eles não sabem o que os espera além da morte.